UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ERIVALDO DAMIÃO SANTOS

A EXCLUSÃO DOS MARGINALIZADOS: SOCIABILIDADE ESCOLARES E CRIMINAIS ENTRE ALUNOS DA EJA EM ALAGOAS

MACEIÓ – AL
2023

ERIVALDO DAMIÃO SANTOS

A EXCLUSÃO DOS MARGINALIZADOS: SOCIABILIDADE ESCOLARES E CRIMINAIS ENTRE ALUNOS DA (EJA) EM ALAGOAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues

MACEIÓ – AL
2023

Catalogação na Fonte Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237e **Santos, Erivaldo Damião.**
A exclusão dos marginalizados : sociabilidade escolares e criminais entre alunos da EJA em Alagoas / Erivaldo Damião Santos. – 2023.
123 f. : il. color.

Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 119-123.

1. Educação. 2. Educação de jovens e adultos - Alagoas. 3. Crime. 4. Marginalidade social. 5. Mercados ilegais. I. Título.

CDU: 316.344.34(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

PPGS-UFAL

Ata nº 09 da Sessão da Defesa Pública Remota de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

Em **vinte e dois de maio de dois mil e vinte e três,** às 15:00 horas, através da conexão webconferência : https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/fernando-26 constituiu-se de forma remota a banca examinadora da dissertação de mestrado do (a) aluno (a) **Erivaldo Damião Santos,** intitulada: A Exclusão dos Marginalizados: Sociabilidade Escolares e Criminais Entre Alunos da (EJA) em Alagoas. Vinculada à linha de pesquisa "CONFLITO, PODER E MEIO AMBIENTE". A cerimônia de defesa pública apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: **Fernando de Jesus Rodrigues (PPGS/UFAL- Orientador e Presidente), Alexandre Barbosa Pereira – UNIFESP- Examinador Externo), e como Membros Internos os professores doutores Beatriz Medeiros de Melo (IFAL-PPGS) e João Batista de Menezes Bittencourt (PPGS/UFAL).**

Procedeu-se a arguição por meio de tecnologia a distância, finda a qual os membros da banca emitiram parecer eletrônico, onde foi lido e decidido por unanimidade pela:

Aprovação (X); Aprovação com reformulações ( ); Reprovação ( ).

Comentários e Reformulações indicados pela Banca Examinadora:

_____

_____

_____

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada digitalmente pelos membros da Banca Examinadora que participaram via webconferência, juntamente com os pareceres eletrônicos e por mim, Edna da Silva Gomes, Assistente em Administração do PPGS.

Assinaturas:

gov.br Documento assinado digitalmente
EDNA DA SILVA GOMES
Data: 31/07/2023 06:21:39 -0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

1. _____
Assistente em Administração

gov.br Documento assinado digitalmente
FERNANDO DE JESUS RODRIGUES
Data: 31/05/2023 10:04:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2. _____
Orientador (a) Presidente da banca

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem a fé que tenho nesse ser supremo, símbolo de força, disposição e afã, não teria chegado tão longe, não estaria resistindo até os dias de hoje às violações constantes da minha dignidade enquanto sujeito que transita pelas margens sociais da exclusão-inclusão social. Essas violações são potencializadas até os dias atuais e duram décadas em minha vida, desde a infância, adolescência, juventude e idade adulta, enquanto pai de família, profissional da educação, pesquisador e cidadão, sofro com o estigma de ser um sujeito que nasceu em uma cidade periférica do interior de Alagoas. O título de mestre é só um mero papel e não tem valor algum no mundo da vida que estou inserido.

Agradeço a primeira pessoa que me estendeu a mão, quando eu mais precisava de um auxílio para comer durante os primeiros anos de Universidade. Obrigado Professora Dra. ***Rachel Rocha***, se não fosse por seu olhar diferenciado eu teria desistido do curso. Sua bolsa de iniciação cientifica foi de fundamental importância para que eu tivesse esperança de mudar minha vida; serei sempre grato por sua ajuda!

No mesmo sentido, agradeço ao Professor Dr. ***Fernando de Jesus Rodrigues*** que, desde a graduação em Ciências Sociais, já me dava alguns puxões de orelha para que focasse mais na realidade etnográfica do que propriamente na teoria. Fernando não conseguiu ser meu orientador na graduação porque estava terminando seu pós-doutorado na Inglaterra, mas me deixou em ótimas mãos, com o professor Dr. ***Wendel de Assis***, que terminou comigo o trabalho de conclusão da graduação. Obrigado Wendel!

Meus caminhos voltariam a se cruzar como numa trama fílmica com os de Fernando Rodrigues, hoje meu orientador, parceiro e irmão que nunca tive para direcionar minhas ações enquanto pesquisador. Obrigado Professor Fernando por guiar meu olhar durante esse trabalho que é bastante importante para mim e para as pessoas que vivem nas margens periféricas da sociedade Alagoana. Você foi a segunda pessoa que me estendeu a mão para que a mudança realmente acontecesse em minha vida e da minha família. Obrigado, parceiro, por tudo e, especialmente, por sua paciência, porque sem isso, este trabalho não teria chegado a sua conclusão parcial. Obrigado Mestre, serei grato pelo resto da minha vida!

Nessa caminha durante a pesquisa, gostaria de deixar meu afeto para minha esposa ***Natália dos Santos da Silva***, que tinha medo quando saía de casa para o campo. Ela sempre pedia que fosse prudente, parecia que seu discurso era combinado com o de Fernando. Obrigado minha parceira de alegria e angústias – mais angústia do que alegrias, as quais compartilhamos ao longo desses 16 anos juntos. Sem você e nossos filhos não teria essa

motivação; primeiro motivado por vocês e em seguida, pelo ódio e pela raiva de viver numa sociedade desigual, onde quem domina os círculos de afinidades eletivas domina, no mesmo sentido, o contexto de mobilidade social nas cidades do interior de Alagoas.

Ao mesmo tempo, este trabalho tem motivação pessoal e social. Dedico-o também aos meus filhos ***Natalie***, ***Saimon***, ***Thomaz*** e ***Hanna*** que tem seus nomes retirados das leituras que realizava durante a graduação em Ciências Sociais. Todos receberam nomes de grandes pensadores(as) da área. Obrigado a ***Felipe*** e ***Matheus*** meus sobrinhos que, na minha ausência, brincavam com meus filhos; vocês são especiais para mim. Obrigado e desculpas aos meus filhos pelo tempo que deixei vocês sem meu carinho e me dediquei a esse trabalho tão importante para agentes sociais como nós.

Agradeço também a minha irmã ***Patrícia Damião dos Santos***, que sofreu como eu o mesmo processo de exclusão-marginalização e assédio, mas através dos estudos entrou na UFAL e conseguiu uma estabilidade na vida como servidora pública, assim como eu. Agradeço ao meu pai que me colocou nesse mundo, mas como os interlocutores dessa pesquisa, não deixou nenhuma memória social para que a sociedade lembrasse de seus nomes de forma positiva. Obrigado pai! ***Cicero Dias dos Santos***, obrigado por me trazer a esse mudo terrível – como ele falava, e talvez por esse motivo, nunca me deu seu afeto. Seu assassinato aos 33 anos de idade não afetou a minha estrutura emocional porque já se encontrava destruída pelos constantes conflitos que o via envolvido, sempre embriagado, quando apanhava de todos na comunidade periférica e rural onde vivo.

Obrigado mãe, por ter me gestado e colocado no mundo, mesmo tendo me abandonado aos cuidados do meu pai aos 3 anos de idade e minha irmã aos 2 anos, fomos entregues na casa de nossa avó, ***Eliane Damião Santos***. A ela também dedico esse trabalho! Sua morte prematura aos 53 anos de idade, fruto da labuta diária no trabalho da cana de açúcar, fez emergir em seu corpo uma patologia clínica devido aos componentes químicos que são utilizados na agroindústria canavieira, levando a morte anos mais trade em uma fase de sua vida que precisava de descanso. Antes de morrer conheceu seus netos, filho e filha que tinha abandonado na década de 1980, reencontrando-os no final da década de 2010. Em 2021, minha mãe, alcoólatra e trabalhadora rural, encontrava-se, pois, com várias patologias clínicas. Deu entrada em sua aposentadoria que não chegou a receber, morrendo um mês depois de infarto.

Mãe, a você dedico esse simples trabalho de alerta e visibilidade social para fenômenos sociais que são vistos todos os dias e são ignorados pela sociedade que exclui-

marginaliza o que não compreende como a pobreza, a miséria, a necessidade e o envolvimento de uma parcela significativa de adolescentes-jovens periféricos com o crime. E não poderia deixar de citar nesses agradecimentos, a maior incentivadora de minha história que me criou como um guerreiro, trabalhando no roçado – nunca me deu sequer um beijo ou um abraço ou falou que meu trabalho no campo estava bom; só falava para eu ter paciência que uns nascem para luxar e outros para trabalhar. Obrigado minha avó! ***Alaíde Muniz dos Santos***, que falou para mim que só morreria quando eu tivesse passado no mestrado. E como uma profecia, um ano depois que passei na seleção e estava estudando, ela se foi e, em seu leito de morte, falava meu nome e o da minha irmã. Este trabalho vó, é um registro de memória que alguém de nossa família fez algo de valor e será lembrado nessa sociedade injusta e desigual.

Agradeço aos componentes da banca a Professora Dra. Beatriz Medeiros a quem chamo de "***Bia",*** aprendi muito com seus ensinamentos, ao Professor Dr. ***Joao Bittencourt*** e ao Professor Dr. ***Alexandre Barbosa***, que estão avaliando este modesto trabalho de um campesino, sujeito periférico que sofreu com a exclusão e atualmente sofre com a marginalização. Nesta pesquisa dou voz aos excluídos-marginalizados, alertando a sociedade Alagoana que existem tanto na sociedade como nas escolas, processos de violações nos percursos da vida cotidiana de adolescentes-jovens periféricos alunos de EJA**.** E por fim, agradeço a *Luciana Calado* por sua dedicação e cuidado na revisão do texto final.

Obrigado a todos, todas e todes que contribuíram com a construção desse trabalho.

“Os homens são produto da educação e das circunstâncias”. A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado.

(Karl Marx).

RESUMO

A presente dissertação tenta compreender num contexto de interseccionalidade entre escola-periferia, os sentidos produzidos nas ações de alunos da EJA e seus percursos de sociabilidades nas malhas dos tecidos sociais de cidades do interior de Alagoanas. Esses agentes sociais pobres, pardos, negros e periféricos que participam de coletivos criminais que lhes dão abrigo, afeto, seguro e subsistência. Nestes *percursos* de *tramas sociais*, problematizo de que forma se constitui dentro e fora da escola a relação de exclusão-marginalização desses alunos. Através de uma bricolagem cultural concatenada pelo conflito, assédio moral, exploração sexual e exposição dos seus corpos ao trabalho nas biqueiras e pela violência vivenciada na escola e na comunidade, esses agentes desenvolvem suas agências. Utilizei durante a pesquisa diversas estratégias metodológicas para coleta de dados, observação participante, entrevistas, diálogos formais e informais com os interlocutores que me ajudaram a construir esse trabalho. Além dessas estratégias que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, minha experiência enquanto profissional da educação e sujeito que transita pelas margens sociais da marginalização-exclusão nas cidades do interior de Alagoas, redirecionei meu olhar para demonstrar nessa pesquisa como esse fenômeno social continua invisibilizado. Durante o campo, algumas memórias de juventude me aproximam dos interlocutores e me faz refletir sobre os achados. Uma técnica fundamental para manter o vínculo na relação de colaboração e ganhar a confiança dos interlocutores, foi contar para eles minha trajetória pessoal enquanto sujeito excluído-marginalizado que se assemelhava em alguns pontos, a trajetória social de meus interlocutores "***Eu Via-me neles***". Todavia, percebo gradativamente durante o campo que os caminhos que formaram as periferias em Alagoas, ainda, continuavam se expandindo através de um quadro sociológico de acúmulo social de desvantagens que se configuravam em torno de outras dinâmicas sociais que começaram a emergir em Alagoas com a chegada dos regimes faccionais. Instalando-se nas periferias da capital alagoana em na primeira década dos anos 2000 e tempos depois em cidades do interior de Alagoas, modificando os percursos de vida de adolescentes-jovens de cidades do interior de Alagoas.

Palavras-chave: Educação; EJA, Crime; Exclusão, Mercados ilegais**.**

ABSTRACT

The present dissertation tries to understand, in a context of intersectionality between school and periphery, the meanings produced in the actions of EJA students and their paths of sociability in the meshes of the social fabrics of cities in the interior of Alagoas. These poor, brown, black and peripheral social agents who participate in criminal collectives that give them shelter, affection, insurance and subsistence. In these paths of social fabrics, I problematize how the relationship of exclusion-marginalization of these students is constituted inside and outside the school. Through a cultural bricolage concatenated by conflict, moral harassment, sexual exploitation and exposure of their bodies to toe work and the violence experienced at school and in the community, these agents develop their agencies. During the research, I used several methodological strategies for data collection, participant observation, interviews, formal and informal dialogues with the interlocutors who helped me to build this work. In addition to these strategies that were fundamental for the development of the research, my experience as an education professional and a subject who transits through the social margins of marginalization-exclusion in the cities of the interior of Alagoas, I redirected my gaze to demonstrate in this research how this social phenomenon remains invisible. During the field, some memories of youth brought me closer to the interlocutors and made me reflect on the findings. A fundamental technique to maintain the bond in the collaboration relationship and gain the confidence of the interlocutors was to tell them my personal trajectory as an excluded-marginalized subject that resembled, in some points, the social trajectory of my interlocutors “I saw myself in them” . However, I gradually noticed during the fieldwork that the paths that formed the outskirts of Alagoas still continued to expand through a sociological framework of social accumulation of disadvantages that were configured around other social dynamics that began to emerge in Alagoas with the arrival of of factional regimes. Settling in the outskirts of the capital of Alagoas in the first decade of the 2000s and later in cities in the interior of Alagoas, modifying the life paths of adolescent-young people from cities in the interior of Alagoas.

Keywords: Education; EJA, Crime; Exclusion, Illegal markets.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Banheiro feito de lona para tomar banho e urinar (Arquivo pessoal, 2022). 26

Figura 2. Banheiro análogo ao banheiro da minha infância (Arquivo pessoal, 2022). 27

Figura 3. Piso do banheiro feito de tijolos batidos e pedras (Arquivo pessoal, 2022). 28

Figura 4. Roçado urbano em terreno baldio com uma plantação de mandioca e batata doce. (Arquivo pessoal, 2021). 34

Figura 5. Roçado de feijão em loteamento de terrenos à venda na periferia de uma pequena cidade de Alagoas (Arquivo Pessoal, 2021). 35

Figura 6. Roçado de macaxeira num terreno baldio na periferia de Alagoas (Arquivo pessoal, 2022). 35

Figura 7. Plantações de macaxeira em terrenos de loteamento, em área periférica, tanto para o uso doméstico quanto para a venda em pequena escala (Arquivo pessoal, 2022). 36

Figura 8. Porta da cozinha de uma casa de periferia de uma cidade de Alagoas (Arquivo pessoal, 2022). 37

Figura 9. Escola I, estrutura escolar descrita na visão de “Lombrado” (Diário de Campo, 2021). 85

Figura 10. Escola II, que atende a modalidade da EJA (Adolescentes-Jovens). 86

Figura 11. Escola III, que atende a modalidade da EJA (Adolescentes-Jovens-Adultos)..... 86

Figura 12. Muro de uma escola com pixo do PCC e Neutros, ao mesmo tempo (Arquivo Pessoal, maio de 2021). 90

Figura 13. Pixo em um portão a 20 metros de uma escola de EJA, com as inscrições números que representam o coletivo criminal PCC (Arquivo Pessoal, maio de 2022). 109

Figura 14. Pixo no muro de uma creche com a inscrição TD (Neutro) (Arquivo Pessoal, novembro de 2021). 109

Figura 15. Pixo na parede de um mercadinho com a inscrição PCC. Cerca de 5 metros distante dessa parede fica um campo de futebol, que é uma linha demarcatória dos territórios TN e PCC..... 112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SAEFAI	Salas de Aula Ensino Fundamental Anos Iniciais
SAEFAF	Salas de Aula ensino Fundamental Anos Finais
SAMEJA	Salas de Aula da Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos
ADE	Agente de Disciplina Escolar
PE	Pavilhão da Escola
BF	Banheiro Feminino
BM	Banheiro Masculino
BP	Banheiro dos Professores
CE	Coordenação Escolar
DE	Direção Escolar
RE	Refeitório Escolar
CE	Cozinha Escolar
BE	Biblioteca Escolar
G	Grande em muro dos ambientes do espaço da escolar para impedir a entrada de estranhos e saídas de alunos durante o horário de aula
SE	Secretaria Escolar
MCEA	Muro com Cerca Elétrica e Arame Farpado
MCE	Muro com Cerca Elétrica
MN	Muro Normal
QEE	Quadra Esportiva da Escola
SGE	Sala do Grêmio Estudantil
AE	Auditório Escolar
SP	Sala dos Professores
NT	Neutros ou de trás para frente Tudo Neutros
CV	Comando Vermelho
PCC	Primeiro Comando da Capital
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
BNCC	Base Comum Curricular Nacional
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 PARTE 1 – A MEMÓRIA DE MIM MESMO COMO LUTA POR VISIBILIDADE DA EXCLUSÃO DOS OUTROS 23

2.1. As “fomes” de quem quer ser alguém 25

2.2. Viver na precariedade e o auto repúdio 36

2.1. Meu pai: “o homem que não queria ser” 39

2.2. Minha consciência da marginalização-exclusão 44

2.3. Escola e política: meu último ano na escola infernal 52

2.4. A escola-prisão 55

2.5. A construção da masculinidade nas periferias de cidades do interior de Alagoas Antes da chegada das sintonias criminais 56

2.6. Êxodo rural e formação de bairros periféricos no interior de Alagoas 63

3 PARTE 2 - TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO E UMA ETNOGRAFIA DAS MARGENS ENTRE DENTRO E FORA DA ESCOLA 65

3.1. Relembrando as ocorrências durante a pesquisa de campo 67

3.2. Notas sobre corpos sem lembranças 68

3.3. A trama Bimba, Mané, Louco Clay e Wesley 69

3.4. Magrela: a garota que não era objeto 76

3.5. As tramas homoafetivas e letais entre Dentinho e Marcão 79

3.6. Os jovens dentro da escola: exclusão-marginalização e a disciplina dos corpos vulneráveis 85

3.7. Vivenciando a sociabilidade escolar durante o campo 91

3.8. O Pesquisador rotulado de “Maloqueiro” 96

3.9. A sociabilidade dos excluídos-marginalizados fora da escola 98

3.10. Desencantamento da realidade: história de vida dos adolescentes-jovens da EJA que ninguém conta 101

3.11. O cotidiano dos excluídos-marginalizados da EJA: a vida dividia em duas partes 104

3.12. Sou do crime, sou do EJA 107

3.13. O cotidiano no trabalho criminal e na escola 110

4 À GUISA DE CONCLUSÃO PARCIAL 117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 120

1 INTRODUÇÃO

A dissertação aborda as trajetórias de estudantes vinculados à EJA (Educação de Jovens e Adultos) em escolas do interior de Alagoas e suas práticas cotidianas (CERTEAU, 1994) dentro das escolas e em seus bairros de moradia, altamente criminalizados. O foco do trabalho são os sentidos e as autopercepções produzidas pelos estudantes sobre processos de exclusão-marginalização a que estão submetidos.

Alguns estudantes dessa modalidade de ensino mantêm estreitas relações de sociabilidades criminais em torno de pontos de venda de drogas, armas de pequeno porte e mercadorias roubadas. Procuro entender como se produz exclusão-marginalização tanto nas relações de sociabilidades dentro da escola, quanto entre grupos criminais em suas comunidades.

Essa pesquisa é fruto de observações participantes, entrevistas e diálogos formais/informais, além de minhas recordações, já que fui profissional da educação durante 12 anos e acompanhei de perto diferentes relações de exclusão-marginalização dos adolescentes-jovens da EJA com os quais tive interlocução. Durante esse período, experenciei, senti, relembrei e desempenhei diferentes papéis sociais como profissional da educação em escolas periféricas de cidades do interior de Alagoas.

Fui ouvinte, amigo, conselheiro, irmão, profissional preocupado com os alunos e as alunas, para além de suas redes interpessoais e afetivas que os levavam a situações perigosas com o mundo do crime e com a exploração sexual – que terminavam, quase sempre, em tragédia. Sensibilizado por essas percepções e inquietações, como sociólogo aprendiz, comecei a colocar em prática a escrita etnográfica e usar a imaginação sociológica como métodos para compreender o que observava.

A partir de minha experiência enquanto profissional da educação básica, ocupei uma posição privilegiada de observação, do lugar de quem convivia diariamente com esses adolescentes-jovens excluídos/marginalizados. Neste trabalho, não pretendo descrever ou desenvolver qualquer conceito sobre a ideia de Adolescência e Juventude, mas informar aos leitores que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é composta de adolescentes-jovens periféricos com heranças culturais diferentes, mas todos e todas em situação de acumulo social de desvantagens sociais: a inacessibilidade a uma moradia digna, o acesso regular a

saúde, a falta de trabalho, a água portável, zonas de lazer, condições de subsistência, exposição a vários tipos de violência, incluindo aquelas que envolviam o mundo do crime.

Utilizei várias estratégias metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa, como os meus relatos de memória que serviram de base para o primeiro capítulo. Fui percebendo que minha trajetória de vida era análoga às histórias de vida dos interlocutores que estava pesquisando: eu via parte de minhas tramas sociais sendo reproduzidas nas deles. No primeiro capítulo, reconstruí momentos e percursos de minha trajetória social enquanto sujeito excluído-marginalizado, através de uma espécie de memorial. O objetivo foi permitir ao leitor compreender que as bases da exclusão-marginalização, mesmos passados 40 anos, ainda são as mesmas. Com poucas modificações essenciais, as lógicas da exclusão-marginalização continuam a ser construídas com tecnologias que mascaram o fenômeno social de rebaixamento social de grupos vulneráveis. Ao realizar esse diálogo entre minha trajetória e a de meus alunos e parceiros-interlocutores, construí um caminho alternativo para pensar os novos percursos sociais em que se expressam a exclusão-marginalização de adolescentes-jovens periféricos de pequenas cidades do interior de Alagoas.

A pesquisa de campo e a descrição etnográfica foram de fundamental importância para a construção da pesquisa. Como se tratava de situações muitas vezes perigosas, precisava memorizar tudo durante o campo e logo depois que chegava, anotava às pressas para não deixar passar nem um detalhe do trabalho do dia. A pesquisa participante (MALINOWSKI, 1978) que aconteceu entre os anos de 2021 e 2022, foi vital para as coletas de dados que evidenciaram algumas novidades que antes não havia percebido no contexto da educação de jovens-adultos.

Os primeiros percursos sociais que cimentaram a relação de sociabilidade entre pesquisador e interlocutores se deram a partir da troca de relatos de história de vida, após os interlocutores conhecerem minha trajetória social. Nesse momento, alguns compartilharam comigo suas tramas sociais no espaço invisibilizado de suas periferias semirrurais.

Enquanto estudante na educação básica, também vivenciei processos violentos de exclusão-marginalização dentro da instituição escolar e em sua comunidade por ser pobre, pardo e viver nas margens da sociedade vendo minha subjetividade violada pela atitude de indiferença e desrespeito de professores, vizinhos e companheiros de escola. Enquanto pesquisador, resolvi problematizar essas condições sociais em uma perspectiva sociológica,

chamando a atenção para algo pouco divulgado nos diversos trabalhos acadêmicos que encontramos em Alagoas no Brasil, na região Nordeste e no Brasil.

Chamo a atenção para as questões de adolescentes-jovens cursando o EJA e seus envolvimentos com coletivos criminais, particularmente, para as percepções de exclusão-marginalização desses agentes por atores e atrizes da comunidade escolar. As perspectivas dos interlocutores apontam para diferentes dimensões de sua realidade, sexualidade, erotismo, masculinidade, lazer, diversão, afeto, e o crime, como uma forma de ganhar a vida ou perdê-la.

O estigma é camuflado por uma sofisticada rede de relações sociais que se estendem através da educação, segurança pública e política, formando uma máquina infernal de produção dos corpos frágeis e matáveis. Expresso em símbolos de “brincadeiras de mal gosto”, feitas por professores, coordenadores, diretores, funcionários da escola, enfim, pelos profissionais da educação, mas também por colegas de sala de aula, esses agentes sociais sofrem vários tipos de violência, como uma surra psicológica que vem de todos os lados, devido as escolhas que fazem. Mas... Eles teriam outras alternativas? Essa também é uma questão em foco neste estudo.

Nessas figurações (ELIAS, 2002) que conectam estudantes da EJA, profissionais da educação e atores e atrizes do mundo do crime, procuro entender como se conectam processos de exclusão-marginalização e as relações de sociabilidades dentro e fora da escola. Observo como o envolvimento com o crime mobiliza as formas como esses atores sociais interagem com a comunidade e com os profissionais da educação no território da escola.

Ambos os espaços sociais comunidade periférica e escola são mediados por diferentes valores guias que orientam a forma de agir dos indivíduos. Os primeiros, os valores disciplinares disseminados na instituição escolar a partir da qual se tenta docilizar [seria bom uma referência aqui, não?] os corpos dos adolescentes-jovens da EJA. O segundo, os valores por sucesso e respeito buscados pelos sujeitos durante sua vida na comunidade que só podem ser conseguidos através da relação com o mundo do crime que os negativam socialmente, através de estigmatizações normativas, pois

> As pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu uma “carreira moral" semelhante, que não só causa como efeito do compromisso com uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais (GOFFMAN, 1981, p. 30).

Durante o trabalho de campo, percebi que esses adolescentes-jovens mantinham relações de sociabilidade com pessoas que participavam de coletivos criminais como o PCC e os Neutros [1]que atuam em suas quebradas, aparando as pequenas biqueiras e o comércio de drogas, armas de fogo, vendas de peças de carros roubados, motos e celulares etc. A instituição escolar e a comunidade são territórios regulados por grupos criminais que impõem um rígido código de conduta, nesses dois quadros sociológicos elaborados através dos contrastes sociais e dos conflitos que podem resultar em alguns casos, em mortes cruéis.

Sob a proteção da facção, esses agentes sociais passam a fazer os "corres", a ganhar uns trocados para ajudar no sustento de suas famílias, como também começam a construir em torno de si certos repertórios de masculinidade e feminilidade que se expressam tanto dentro das instituições escolares como em suas comunidades como um símbolo de status social.

Neste contexto, com a chegada dos coletivos criminais em algumas cidades do interior de Alagoas, a lógica da vida na comunidade muda drasticamente. Adolescentes-jovens que antes eram excluídos-marginalizados passam a construir seu valor na comunidade como "sujeito-homem", temidos na escola e respeitados em suas quebradas. Eles se tornaram a força motriz do comércio de drogas e de guerra por território. Lembro-me de algumas falas de alguns profissionais do magistério, como este, trazido de meu caderno de campo/trecho de entrevista

> *Na escola, os profissionais da educação chamam de maconheiros, noiados, maloqueiros, bandidos, lombrados e sem futuro etc. Na comunidade passaram a ganhar a moral dos irmãos, impondo limites para atuação de outros agentes nocivos na comunidade, fazendo uns corres para ganhar grana e até derrubando alguns pacotes* [2] *por encomenda, tudo isso com a permissão do partido [LOMBRADO, MAIO DE 202]).*

Vivendo na precariedade e subsistência como um subcidadão (SOUZA, 2007), a falta de acesso aos meios econômicos para viver com dignidade, a falta de acesso a água tratada, a falta de acesso a saúde básica, a inacessibilidade ao mercado de trabalho e o baixo capital cultural dos pais favorecem a adolescentes-jovens a ida ao mercado de trabalho ilegal, na linha de frente das biqueiras e bocas de fumo (LIRA, 2020). Importante ressaltar, nesse

[1] Ver Rodrigues (2020b;2021)

[2] Pessoa marcada para morrer por dívida com a biqueira, com agiota ou por provocar a atenção das forças de segurança pública para dentro da comunidade. Pacote é a denominação da negociação que se dar, a partir do contratante do pistoleiro para dar conta da vida do indivíduo que estar trazendo prejuízo para os negócios na quebrada.

contexto, que os trabalhos realizados por garotos e garotas nas biqueiras, em suas visões, não crime, mas um trabalho necessário para a sua subsistência social.

O acúmulo dessas desvantagens sociais e vulnerabilidades, possibilita um recrutamento – cada vez em maior escala – de garotos e garotas para ocupar diversas funções na divisão de tarefas que o serviço exige (LIRA, 2020). Essa estrutura social cria as condições ideais para que esses agentes sejam malvistos pela escola, que os trata como se não pertencessem àquele lugar.

Dentro da própria instituição escolar, esses agentes sociais são excluídos, marginalizados, assediados e sofrem diversas formas de violência física, psicológica e simbólica (BOURDIEU, 1996). A impressão é de que a instituição escolar sequer está pensando em uma alternativa de projeto educacional para estes agentes fora da faixa etária para as turmas regulares. Assim, por porventura esses agentes de acordo com a política educacional seria matriculados na EJA, indexando o estatuto social de excluído-marginalizado e envolvidos com o crime.

Os Projetos Políticos Pedagógicos escolares passam longe de propor políticas pedagógicas para ao menos tentar entender a história de vida desses agentes sociais. Segundo Gadotti (1999), toda proposta política pedagógica escolar deve contemplar a realidade do aluno, do seu bairro, de sua cultura porque todo problema de uma comunidade repercute de forma negativa dentro da escola.

Dessa forma, no primeiro capítulo contextualizo a problemática sociológica da exclusão dos marginalizado da EJA, a partir de memorial em que compartilho minhas experiências de sujeito marginalizado dentro e fora da escola. Percebi algumas afinidades eletivas (WEBER, 2005), com meus interlocutores, no que tange a experiências traumáticas, fatos que vivenciei no passado enquanto estudante e via acontecer, de diferentes formas, com os adolescentes-jovens da EJA.

Mas, dessa vez, minha posição “privilegiada” enquanto profissional da educação e pesquisador me permitia ver os fatos do ponto de vista sociológico. A partir de uma dinâmica do conflito, dos afetos, do crime, do trabalho, da desigualdade, da exploração sexual e do assédio sexual que diversas vezes sofri, durante 10 anos, por um indivíduo que se aproveita de minha condição de vulnerabilidade e fragilidade social para abusar de mim, tentando explorar meu corpo sexualmente. A realidade social e os abusos aos adolescente-jovens em situação de vulnerabilidade mudaram? Há muitas continuidades e persistências.

Diante de tal realidade, tomei a posição de não ficar neutro, acompanhando e registrando os eventos de forma próxima e a partir das perspectivas dos adolescentes-jovens da EJA. Ouvia os relatos e revivia as coisas que aconteceram comigo quando eu era estudante. Como pesquisador, queria dar visibilidade, voz e testemunho dos excluídos-marginalizados da EJA. A maioria preta, parda, periférica, de pobres ou miseráveis, que vive em extrema situação de vulnerabilidade social e encontra no crime seu mecanismo de participação no mercado e de busca por valor humano. A situação era, nesse ponto, diferente daquela de minha época, pois "o crime" não aparecia como algo promissor para uma pessoa miserável e concentrei meu foco no trabalho braçal, no roçado, no estudo e na transformação do meu corpo para impor respeito e medo aqueles que me ridicularizavam.

No segundo capítulo, discuto como se constitui a sociabilidade desses jovens dentro da escola. A partir da fala dos interlocutores, reconstruí a maneira como eles percebem as relações escolares em seu dia a dia. Para os interlocutores, suas afinidades com o mundo do crime se relacionam com as maneiras de as pessoas da escola os verem como marginais e que estão na escola só para passar o tempo. Em contrapartida, a reação dos adolescentes em relação a escola é de enfrentamento: eles desenvolvem certos mecanismos de defesa, se apropriando de um repertório de linguagem corporal e vernacular para enfrentar a repressão da escola sobre seus corpos, desejando serem iguais aos demais alunos das turmas regulares que não sofrem com o processo de exclusão-marginalização

.

Dentro das instituições escolares pesquisadas, os sujeitos periféricos compartilham os mesmos sentimentos de constrangimentos e as mesmas angústias de serem excluídos-marginalizados pelos profissionais da educação e pelos alunos que seguiram o fluxo seriado regular dentro da escola sem perderem os percursos entre idade e série. A tensão e o conflito entre adolescentes-jovens da EJA demarcam um campo de batalha com valores divergentes entre alunos-professores e escola-periferia.

A cultura periférica (HALL, 2007) é marcada por uma bricolagem cultural de identidade em formação com valores diferentes que são reproduzidos pela instituição escolar. Desenho tal fenômeno social no terceiro capítulo, o qual versa sobre a sociabilidade fora da escola, uma sociabilidade flexível, que transita no eixo de interseccionalidade de identidades, culturas, gêneros, sexo, exploração, assédio, violência física, violência psicológica, violência simbólica, letalidade, diversão, lazer, prazer e envolvimento direta ou indiretamente com os

coletivos criminais Neutros e PCC (Primeiro Comando da Capital) em Alagoas (RODRIGUES, 2020ª, 2020b).

O envolvimento de adolescentes-jovens da EJA com os coletivos criminais CV, PCC e Neutros é mais comum do que se imagina nas cidades do interior de Alagoas. Desde o final da primeira década dos anos 2000, o primeiro coletivo a ganhar nome em Alagoas foi o Comando Vermelho (CV) com seu rígido código de conduta mais bem agressivo que o do Primeiro Comando da Capital (PCC) além dos denominados Neutros (TD) que emergiram entre a guerra por quebrada entre o CV, o PCC e aqueles que se nomeavam anteriormente "o Crime pelo Crime" (RODRIGUES, 2020). Esses coletivos criminais emergiram no início dos anos 2000 como forma de reação as agressões impingidas aos presos pelos agentes do Estado (FELTRAN, 2012; AMORIM, 2013). Esses coletivos tinham como lema a defesa e justiça social ao seu modo, sendo uns de seus signos e símbolos de pertencimento a lealdade, proteção e ajuda mútua entre "os irmãos", pois

> É a monetarização, portanto, que passa a mediar centralmente a relação entre os grupos recortados, que, sob outras perspectivas mediadoras – a lei, a ordem, a moral, estariam em alteridade radical; com o desenvolvimento centrado no consumo, portanto, é alçado a forma de vida comum e a ordem na periferia (FELTRAN, 2014, p.498).

Esse mundo invisibilizado e suas tensões entre escola-periferia-crime tem nomes, corpos, história de vida e sofrimento que transformam as subjetividades dos sujeitos.

No quarto capítulo abordarei as narrativas sobre vida de alguns alunos da EJA que estão envolvidos com os "corres" nas biqueiras do Primeiro Comando da Capital (PCC) ou dos Neutros (NT) (RODRIGUES, 2021), em diferentes cidades do interior de Alagoas onde realizei a pesquisa de campo.

Os corres nas biqueiras, em becos estreitos, quadras esportivas, esquinas de escolas, bares, dentro da escola, campos de futebol, festas que ocorrem nas cidades em datas comemorativas ou em ambientes de shows privados, movimentam um comércio lucrativo ao longo de todo ano. Esse fluxo intenso de mercadorias, pessoas e capital é bem lucrativo para os fornecedores das biqueiras que, de longe, comandam toda a cadeia de distribuição e negociação.

Ao final da pesquisa de campo, percebi que existem inúmeras formas de regulação que os atores e atrizes de mercados ilegais das biqueiras exercem sobre os territórios em pequenas cidades do interior de Alagoas. Eles atuam em várias frentes e as biqueiras fornecem para

suas comunidades proteção contra roubos e evitam, em alguns casos, os homicídios na cidade. Ademais, fornecem trabalho e proteção cada vez mais aos jovens que buscam nos “corres” alternativa de sobrevivência, lazer, reconhecimento e respeito. Outra frente em que está atuando algumas biqueiras é a promoção e investimento em campanhas políticas locais onde os candidatos procuram os gerentes de biqueiras em busca de dinheiro para o financiamento de suas campanhas a juros de 20% ao mês, ou em busca de apoio político de moradores das quebradas que podem ter seus votos comercializados ou influenciados pelo gerente da biqueira.

2 PARTE 1 – A MEMÓRIA DE MIM MESMO COMO LUTA POR VISIBILIDADE DA EXCLUSÃO DOS OUTROS

Os caminhos que me aproximam do tema de pesquisa e da construção da problemática sociológica se conectam com a história de vida desses agentes sociais, no sentido de compartilhar e experimentar diversas tramas sociais análogas de exclusão-marginalização que esses adolescentes-jovens experenciam na vida cotidiana. Enquanto sujeito histórico pardo, pobre, periférico, que se tornou professor-pesquisador, através da aquisição da linguagem cultural e acesso ao capital social, educacional, cultural e simbólico escasso mudou minha trajetória social (INDUSKY, 2011).

Passei a enxergar o mundo que vivi na adolescência-juventude nos alunos com quem passei a ter contato dentro do espaço social da escola. De um ponto de vista privilegiado, através do uso da imaginação sociológica, percebi que a realidade que me assombrava a 17 anos atrás, assombrava adolescentes-jovens em estado de vulnerabilidade que estavam/estão na modalidade EJA. Via-me a mim mesmo nos agentes sociais que sofriam/sofrem com a exclusão-marginalização dentro da escola: aquele cenário social era como um espelho que, ao mesmo tempo em que olhava para aquela realidade, lembrava de todo o processo de sofrimento que passei enquanto adolescente-jovem e estudante "sem futuro".

Ao estar inserido naquele universo escolar em outra perspectiva geracional, sentia a tensão entre os alunos e profissionais da escola, sentia o processo de exclusão-marginalização que os alunos estava-estão expostos diariamente devido suas condições sociais. Percebia como a mudança social caminha a passos lentos para aqueles despossuídos de capital social, financeiro, econômico e simbólico. O que os condiciona a agentes sociais periféricos que vivem nas margens da sociedade buscando alternativa para sobreviver em seu dia a dia.

A partir de minha imersão profissional no campo da educação e como estudante de ciências sociais, comecei a questionar aquele movimento histórico que se reproduzia na trajetória social de adolescentes-jovens da EJA no espaço da escola e fora dela. Em torno dessa tensão, esses agentes sociais desenvolvem vários tipos de relacionamentos dentro e fora do ambiente escolar.

Essa sociabilidade forjada tanto dentro como fora da escola, permite garoto(a)s a trânsito social por vários espaços e territórios sociais subalternos que nos permitem problematizar alguns temas: mercados ilícitos, sexualidade livre, lazer erótico, exploração sexual em troca de benefícios.

À luz desses fenômenos sociais, passei a sofrer com as lembranças subalternas que estavam entranhadas em meu inconsciente (BURKIE, 1982) um lugar que era acessado inconscientemente que viera à tona ao ver todo processo que tinha sofrido quando adolescente-jovem naqueles que compartilhavam comigo uma agenda de relações sociais conflituosas dentro e fora da escola.

Para construir a pesquisa e formalizar a problemática sociológica proposta enquanto questão de estudo sobre periferia, escola, marginalização e exclusão, utilizei alguns mecanismos técnicos e metodológicos no que diz respeito ao memorial social tanto individual quanto coletivo. Como ponto de partida, iniciei o trabalho com alguns traços de memorial individual, como forma substancial para compreender e analisar como se dava o processo de exclusão-marginalização em minha geração e de que forma o mesmo processo se reproduz no tecido social atual de diferentes formas, mais aberto do que intercalado como em gerações passadas.

Percebi, ao longo do trabalho de campo, que o fenômeno social da vulnerabilidade que compartilhava com meus interlocutores poderia ser abordado de forma sociológica em várias frentes de estudos: da memória, da periferia, dos mercados ilegais, da exclusão-marginalização. Dessa forma, tomo como ponto fundamental a periferia, os mercados de drogas e exclusão-marginalização como produtores de sujeitos sem história de vida.

Os percursos que realizo para compor meu campo passam pela epistemologia da memória social, da etnobiografia e da trajetória social para compreender e analisar porque durante décadas os mesmos fenômenos persistem em Alagoas, levando em conta a formação da subjetividade dos agentes.

> A noção de etnobiográfco problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura (GONÇALVES, 2012, p. 21).
>
> Este modo de pensar o biográfico e o social a partir do conceito de etnobiografia se assemelha ao modo com que Simmel conceitua os dualismos contraditórios que, positivamente, constituem a vida social: conformidade e individuação (RAPPORT, 1994, p. 45).
>
> Norbert Elias a relacionar o conceito de biografia de um indivíduo, conceitua a partir da diferença entre indivíduos e ambientes culturalmente homogêneos-heterogêneo, estilo ou “grafia pessoal”, o que acentua o espaço da diferença e da idiossincrasia na construção do social (Elias, 1994).

Neste contexto em que construo minha biografia, apesar de tanto esforço na busca por um capital cultural que mudasse minha história de vida, as marcas das narrativas traumáticas ainda estão presentes em minha memória. As falas, as ações e discursos (PÊCHEUX, 2010a) de professores, coordenadores e diretores que invés de me ajudar, mortificavam meu "eu" todos os dias com suas palavras de rebaixamento social. Ainda sofro com o preconceito, com o estigma, com a exclusão-marginalização por ser um sujeito que ascendeu scooailamente do campesinato para uma posição social privilegiada de pesquisador, mas na mentalidade dos membros de minha comunidade continuo sendo um outsider.

2.1. As "fomes" de quem quer ser alguém

Assim como os interlocutores da EJA com quem realizo a pesquisa e chamo a atenção para os processos traumáticos sofridos por esses agentes todos os dias dentro da escola ou em sua comunidade, na visão de professores daquela época, eu seria "só mais um" a passar pela escola e depois ser arrebatado pelo tráfico que estava crescendo nas cidades do interior de Alagoas. A mesma profecia é elencada na visão de alguns professores que atualmente estão direta ou indiretamente em contato com os alunos da EJA nas escolas onde realizei a pesquisa.

Mesmo quebrando toda roda histórica do fracasso predestinado, carrego comigo algumas perdas cognitivas em relação ao uso formal da escrita. Todo esse fenômeno social é fruto de um longo processo de sofrimento que a instituição escolar e a comunidade me impingiram e ainda impingem a adolescentes-jovens da EJA.

Quando estudava como esses adolescentes-jovens que pesquiso da modalidade de ensino EJA, vivenciei como estes vivenciam em seu cotidiano escolar, algumas experiências de exclusão-marginalização traumáticas que se enunciavam sobre mim no discurso (PÊCHEUX, 2010a) de professores, colegas de sala de aula e vizinhos de minha comunidade.

O estereótipo de ser um "Zé ninguém"[3] marcava meu dia a dia, me causava vergonha de sair de casa porque minha própria casa fazia vergonha, por ser de taipa e coberta de folha de palmeira. Nosso banheiro era feito com palha de palmeira, a mesma que cobríamos a casa, um retângulo com quatro lados iguais.

[3] Sujeito desprovido de capital social, cultural e econômico.

Essa estrutura era feita com seis estacas que eram enfiadas no chão, depois de colocar as estacas de sucupira nos buracos cavados com uma ferramenta rústica feita de uma foice de cortar cana, “apilávamos” as estacas até elas ficarem firme no solo. Em seguida amarrávamos as palhas de palmeira de cima para baixo com cipó “rabo de rato”. As palhas deveriam estar “trançadas’ para fazer parte da estrutura da parede do quadrilátero.

Quando terminávamos de amarrar as palhas por todos os lados, deixávamos uma porta de um metro de largura. No meio desse quadrilátero, colocávamos uma pia de cimento que enchíamos de água para tomar banho. Quem passasse na estrada que ficava na porta da cozinha, que dava acesso a um canavial que existia aos fundos da casa, ou estivesse em cima de uma árvore, saberia que ali alguém tomava banho porque o banheiro não tinha teto e tinha apenas um metro e sessenta (1,60m) de altura.

No banho, quando íamos pegar a água com uma panela velha de alumínio que não tinha cabo, ouvíamos o som que ela fazia no contanto com a água. Utilizávamos esses instrumentos para pegar a água e derramar em nossa cabeça. Dessa forma fazíamos nossa higienização do nosso corpo que ali estava exposto.

Passado décadas do tempo que utilizei esse instrumento de higiene pessoal porque não tinha água encanada em chuveiro devido as condições socioeconômicas de minha família. Durante o campo, em conversas com adolescentes-jovens de periferia, alguns deles fizeram questão de falar sobre a falta de água em seus bairros, tomar banho no quintal, no tanque que enche com a água da chuva ou, às vezes, com a água do sistema de distribuição era normal.

Figura 1. Banheiro feito de lona para tomar banho e urinar (Arquivo pessoal, 2022).

A maneira como os interlocutores expressavam-se sobre esse fenômeno demonstrava em seus semblantes a indignação por não ter acesso diário a um bem fundamental para a vida: a água. Ademais, alguns garotos (as) quando estavam falando sobre o problema da água e do banho no quintal com deposito de plástico, panela velha ou com balde de margarina de 3 litros, falavam como são violadas sua privacidade pelos olhares dos vizinhos que fazem buracos nos muros, ficam sobre o muro e até mesmo em cima de arvores para ver garotos e garotas tomarem banho. Em razão disso, tomavam banho no quintal de roupa porque pode existir sempre um curioso que fica a espreitar a intimidade de jovens-adolescente em seu lar.

Figura 2. Banheiro análogo ao banheiro da minha infância (Arquivo pessoal, 2022)[4].

Ao ver os adolescentes-jovens relatando esses momentos dramáticos de sua história de vida, a memória desses momentos vinha à tona em minha mente. E assim como eles utilizam quase os mesmos mecanismos para sua higienização, passava um filme em minha mente, relembrando como era nosso banho algumas décadas atrás; durante a entrevista, lembro do som do instrumento com o qual tomava banho.

[4] Essa estrutura foi encontrada durante o campo em uma periferia de Alagoas. Assim como o banheiro que utilizava em minha época não só tomávamos banho nessa estrutura rustica, mas utilizava a mesma para urinar. Ao entrar no banheiro durante o campo sinto o cheiro forte de urina, como na minha adolescência e juventude.

Com esse instrumento, tirávamos a água da pia, levando a cunha ou panela cheia de água até a cabeça para tirar a espuma do sabão em barra que usávamos por não termos dinheiro para comprar sabonete. Então, o sabão em barra, o mesmo que servia para lavar roupa, era a única opção para o banho, assim como os sacos de náilon que cortávamos para usar durante o banho para limpar braços, pernas e costas.

Quando o saco estava novo, ao passar o saco com sabão em nosso corpo, este deixava cicatrizes nas pernas, braços e costas. O saco só não deixava marca na pele ao longo do processo de amaciamento do contato de seu tecido com o nosso corpo. O piso desse banheiro improvisado era feito com pedra que achávamos no mato ou na beira do asfalto da BR 316. Colocávamos essas pedras no chão para formar o piso do banheiro porque, se não tivesse pedras, todas as vezes que fossemos tomar banho, o piso se transformava em lama.

Figura 3. Piso do banheiro feito de tijolos batidos e pedras (Arquivo pessoal, 2022).

Mesmo com as pedras no chão, era lama o ano todo no piso do banheiro improvisado de palha, minhocas saíam por todos os lados do chão, de um lado ao outro, devido a umidade da água que ficava no terreno e em volta dele. Às vezes, quando não tinha o que comer, eu escavava buracos rasos com uma enxada em volta do banheiro de palha que tomávamos banho, para encontrar algumas minhocas que serviria de isca para pegar peixe no rio.

As iscas de minhocas que eu encontrava ao redor do banheiro, eu colocava em cacos de coco e, após isso, pegava minhas varas de pescar feita de caniço uma para pegar Piabas pequenas de 6 cm com um anzol menor de 1 cm, especialmente feito para pegar pequenos

peixes. A outra vara era maior, pois servia para pegar peixes grandes como Traíras, Caras e Caborjes. Essa vara tinha 2 metros de comprimento com uma linha com o mesmo cumprimento. O anzol dessa vara possuía 4 centímetros, ideal para pegar peixes maiores.

Com todo esse aparato – vara de pescar, isca e um depósito com farinha, um pouco de sal e água, saía de casa por volta das 6h da manhã, todas sextas-feiras, porque era nesse dia que não tínhamos nada de mistura [nota de rodapé] para comer, então, a única opção para arrumar alimento era caçar ou ir em direção ao rio que ficava a 1 km de minha casa, dentro do cercado de uma fazenda de cana de açúcar.

A farinha de mandioca com sal servia de alimento quando batia a fome, e enfraquecia meu corpo; comia uma porção de farinha de mandioca, depois bebia um pouco de água para passar a vertigem que a fome provocava no corpo e na cabeça, e continuava pescando.

A primeira isca que preparava com as minhocas era para pegar as Piabas. Dividia uma minhoca ao meio, colocava no anzol e jogava-o na água: em poucos muitos via a linha esticar e, nesse momento, sabia que tinha pegado minha primeira Piaba do dia e, com maestria, dava um pequeno lance de mão na vara, como um açoite, trazendo aquele peixe pequeno que serviria de isca para pegar os maiores.

Com a Piaba em mãos, a colocava em um anzol para pegar os peixes maiores e procurava um local do rio que tivesse um poço e fincava a vara na terra para que, se um peixe maior fosse fisgado, não pudesse remover a vara fixada.

Em seguida, me afastava cerca de 30 metros e ficava atento a qualquer movimento da vara. Identificava os peixes pelos movimentos: quando uma Traíra ficava presa, puxava a vara esticando a linha; se fosse um Cará, ao contrário, daria pulos sequenciais para se soltar e, finalmente, quando era Caborje, este ficava quito e só percebia que estava fisgado quando ia olhar a vara e ela estava pesada, nesse momento sabia que tinha pegado algo para saciar nossa fome.

Às vezes, chegava em casa com cerca de 03 enfieiras [nota de rodapé] de Piabas, umas 3 Traíras grandes e 2 Carás grandes, mas era difícil pegar esse último, pois era um peixe bem esperto e para ser fisgado, ele precisava estar com muita fome como eu.

Ao chegar em casa, a realidade da vida miserável se apresentava novamente para mim, um mundo que esquecia quando estava na pescaria. Outra forma de obter alimento era fazer o pirão de massa puba, pois tínhamos a matéria prima o ano todo.

Falar de comidas “exóticas” para um campesino é algo que pode deixá-lo embaraçado, mas se falarmos do saber ser e do saber fazer, da maneira de preparar os condimentos do campo, e seus pratos, esse assunto todo campesino gosta de contar. O habitus (BOURDIEU, 2006) de alimentação dos indivíduos do campo é bem diferente dos indivíduos que residem em zonas periféricas urbanas. Isso remete à discussão sobre identidade, no sentido de que

> “... a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... A identidade e a intersecção das nossas vidas cotidianas com as relações econômicas, políticas, exclusão-marginalização, subordinação e dominação marcam as tensões da vida de todo indivíduo” (RUTHERFORD, 1990, p.19-20).

Essa crise de identidade dominada e subordinada demarca um habitus (BOURDIEU, 2006), uma estrutura cultural incorporada pelos agentes sociais ao longo dos dias, semanas, meses, anos. Essa incorporação de determinados habitus pode se desenvolver através de várias práticas ou senso prático.

Na relação com o campo e sua cultura, assim, como os interlocutores da pesquisa, construímos um habitus alimentar com o que encontrávamos no dia a dia. Essa fenomenologia da vida ordinária da alimentação escassa possibilita a transmissão de narrativas dos saberes locais, da arte de preparar um bom prato e da introdução na cadeia alimentar de alguns elementos nativos da terra, da fauna e da flora local que vai para a mesa ou direto para a barriga, dependendo da necessidade. Segundo Marx (1998) a fome que faz o indivíduo comer com a mão, não é a mesma fome que faz o indivíduo comer de garfo e faca.

Em alguns relatos dos interlocutores o tema da fome aparece como algo constante em suas vidas. Ao ouvirem os adolescentes-jovens falarem sobre sua alimentação, vem à tona relatos de uma culinária marcada por necessidades prementes. O importante é saciar essa corrosão do estomago. No meu caso, comíamos calangos e rãs da beira de poço, além de água. A cada 15 dias entrava no cardápio o pirão de mandioca de massa puba com galinha caipira.

Esse prato fazia parte do nosso quotidiano devido à labuta diária que, desde cedo, nos ligou ao roçado de mandioca, onde plantávamos umas três tarefas de terra da raiz. para dali comer a farinha, o beiju, a goma para fazer tapioca e o pirão de galinha, caipira – que era a melhor receita que nossa avó fazia, junto com a mandioca.

Lembro de minha avó: “mulher-homem”, resiliente, que criou sete filhos e dois netos sozinha, trabalhando como boia fria e como agricultora, plantando mandioca para dessa raiz tirar a maioria de nossa subsistência. Nesse sentido, minha memória e lembrança se

completam ao lembrar de suas comidas, do jeito que ela preparava os bolos, os pés-de-moleque, o pirão de massa puba, o beiju de mandioca, a tapioca com o coco malcasado.

Todo esse processo de confecção de um prato traz em si uma narrativa que constitui um modo de saber fazer local, como diria Geertz (2001), uma subjetividade da produção cultural, percepção do tempo e espaço; um saber tradicional, uma história, uma memória afetiva que possui textura, cores, cheiros e sabor quando me lembro do prato tradicional.

Para fazer o pirão de massa puba, além do principal ingrediente (massa puba em si), outros ingredientes eram fundamentais para a confecção quase artesanal do prato. Esses ingredientes não ficavam anotados em algum livro de receita, mas no léxico geracional da memória de nossa avó, que aprendeu a receita com a sua mãe, que por sua vez, aprendeu com nossa tataravó. A tradição desse prato de filha para filha, percorria há mais de um século de transmissão verbal passada de geração para geração (MANNHEIM, 1981) e hoje, é minha irmã quem dá prosseguimento.

As lembranças desses pratos típicos do campo me fazem sentir seu cheiro e sabor; imagino como era bom comer de vez em quando aquelas iguarias que só ela tinha um jeito especial de saber fazer.

Com efeito, neste trabalho, a reflexão toma como base a questão social em torno da atual condição de insegurança alimentar ou falta de comida todos os dias, por tantos agentes sociais periféricos, em pleno ano de 2021/2022..

Ao falar de suas alimentações do dia a dia, percebia na fala dos interlocutores que diversos tipos de envolvimentos em que alguns se encontravam tinham como pano de fundo a busca por mantimento para ajudar sua família a subsistir. Outra reflexão interessante sobre esse fenômeno é a aparente decepção que os atores sociais expressam em suas posturas corporais ou falas, por não ter, sequer, um prato de comida para oferecer as suas visitas. Algumas vezes, os diálogos com esses agentes se encerravam abruptamente antes do meio-dia, horário do almoço, ou, quando eram à tarde, nossa interlocução terminava antes das 18 horas. A falta da alimentação diária, junto com outros elementos que forjam o surrealismo no papel da dignidade humana, não condiz com a realidade desses agentes excluídos, marginalizados periféricos e envolvidos com o crime como alternativa de manutenção de sua subsistência, afeto e segurança no mundo da vida.

O acesso a uma alimentação regular, saudável e constante é tema de política pública e educacional nas cidades onde realizei a pesquisa, mas a verdade é que, na visão de garotos e

garotas, a merenda é de péssima qualidade e alegam que só vão para a escola realizar os corres e comer da merenda escolar. Nas cidades pesquisadas, mesmo existindo algumas políticas de assistência social, no que diz respeito a doação de cestas básicas, a maioria das famílias que são beneficiadas por essa demanda fazem parte do círculo de fidelidade eleitoral dos políticos da comunidade.

A vida no campo era e ainda é dura, mas hoje é possível retirar da terra, da natureza, da fauna e da flora, a própria alimentação através do cultivo, da extração em matas, da pesca em rios e da caça que, mesmo sendo ilegal, é uma prática que resiste ao tempo nas cidades do interior de Alagoas.

Durante o trabalho de campo que realizei com adolescente-jovens da EJA, sempre apareciam nos diálogos uma narrativa sobre a vulnerabilidade alimentar. Nem todos os dias eles têm algo para comer. Não foram um ou dois que falaram sobre a vulnerabilidade alimentar, mas grande parte dos interlocutores da pesquisa discorreram de forma dura como é viver na escassez.

O acúmulo de desvantagens sociais expostas nos cursos de vida dos adolescentes-jovens periféricos pode os levar a vários caminhos: ao mundo do crime organizado como os coletivos criminais PCC e CV (RODRIGUES, 2021), a prostituição, a aceitação do assédio sexual, a exploração sexual etc., e, também, ao rebaixamento das condições humanas de dignidade social para saciar a fome.

> *Algumas vezes quando não tínhamos nada para comer, esperávamos anoitecer e um momento que ninguém estivesse olhando na rua. Quando vai anoitecendo os sapos sai de suas tocas, pegamos o quanto podíamos e matávamos para comer frito, se alguém soubesse disso em nossa rua já era ruim nossa situação, aí ia virá humilhação e mangação [LOMBRADO, DIÁRIO DE CAMPO SETEMBRO DE 2021].*

> *Não só era sapos que pegávamos, pombos, pássaros e cagados o que aparecesse e desse para comer nós pegávamos. Sabe, um certo dia, um parceiro próximo foi além, vendo sua família passando fome e ele sem poder fazer nada, começou a pedir os vizinhos, mas o que arrumou só deu para o dia mesmo. Então, ele foi, a prefeitura e até a assistência social, mas o que eles dão é ridículo também duas sardinhas coqueiro em lata, 3 fubás, 1 kg de arroz com gorgulhos, 1 kg de feijão que não cozinha, 2 pacotes de macarrão vencidos, 2 pacotes de leite que nuca vi o nome, 2 kg de açúcar, dois pacotes de bolacha e ainda dizem, só daqui um mês venha pegar outra certa básica que de básica não tem nada...risos, risos, risos. Tudo isso para uma família, onde o pai e mãe estão desempregados e com 4 filhos. O parceiro vendo tudo acabar no outro dia, tentou pescar no rio poluído da cidade sem sucesso na volta para casa sem saber o que fazer, passou por um cachorro atropelado, como o parceiro andava sempre com uma faquinha não deu outra irmã. Ele puxou o cachorro atropelado para o mato, tirou o couro e partiu os pedaços com carne. Tirou a cabeça para ninguém desconfiar e a carne colocou em uma sacola e levou para casa. Ao passar na rua estreita de lama seus vizinhos pensava que ele tinha matado uma capivara, perguntado como ele consegui. Aí ele, pensou já que pensam que é uma capivara não vou falar em casa que é carne de cachorro. E todos comeram cachorro por uns três dias pensando que era carne de capivara (LOMBRADO, DIÁRIO DE CAMPO, SETEMBRO DE 2021,).*

Os relatos acima são perturbadores, mas configuram uma realidade vivenciada por alguns adolescentes-jovens da EJA. Esse cenário social de viver nas margens da sociedade é invisibilizado e camuflado por diversas políticas clientelistas e assistencialistas em todas as cidades nas quais realizei a pesquisa.

Neste contexto, a falta de alimento é um dos fatores que estão ligados a configuração social do acúmulo de desvantagens sociais. Ou seja, o fenômeno como a insegurança alimentar, o acesso à educação de qualidade, a inacessibilidade a saneamento básico e água portável, junto às condições básica de saúde e outros fenômenos, constituem uma figuração social que expõe adolescentes-jovens a todo tipo de violações de sua dignidade.

Apresentar essas narrativas perturbadoras faz sentido para podermos acessar um ponto particular da memória social de uma comunidade periférica que está exposta a todo o tipo de vulnerabilidade social, principalmente a alimentar. Como pesquisador e sujeito que veio da subalternidade periférica, é minha obrigação trazer para o debate do campo da sociologia periférica que está configurando em todo Brasil, Nordeste e Alagoas, através de grupos de pesquisa como o GRUPPAES (Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações), as tensões e conflitos que assombram estas comunidades ou suas produções e distribuição de uma cultura alternativa que influencia a todos.

Os relatos sobre a alimentação apareceram em todos os diálogos com os interlocutores e não faz sentido falar de problemas que alguns imaginam que não existem mais entre nós. A fome que aparecia nos diálogos com os interlocutores durante a pesquisa é um dos problemas enfrentados pelos adolescentes-jovens nas periferias das cidades que realizei a pesquisa.

Em outros aspectos, ao falar sobre alimentação, algumas mães falaram como alguns pratos de sua época de criança aparecem hoje nos cardápios dos restaurantes de renome da capital Alagoana. Na fala dos adultos, percebo uma inquietação com esse furto cultural como se aquele saber fosse roubado e produzido pelos citadinos e não pelos campesinos periféricos. Segundo os pais dos interlocutores, não bastasse tomar nossas roças, nos expulsar do campo para esses lugares, também, roubaram aquilo que inventávamos para comer com o que tínhamos no campo.

Mas não vemos ninguém preparar cachorros ou pratos com sapos na beira de praias alagoanas ou em restaurantes chiques da capital. Essas histórias são invisibilizadas pela grande mídia e pelas instituições de serviço sociais locais que não cumprem seu papel de assistências aos excluídos-marginalizados periféricos.

O que pude notar durante o trabalho de campo, foi que a mídia de assistência social em vários municípios em Alagoas trabalha forte no *slogan* da merenda escolar e assistência social como se fosse um favor, não uma obrigação jurídica legal instituída em lei. O que seria preciso para resolver esse problema da fome, não era aposta só no reforço de uma merenda escolar de péssima qualidade, ou na distribuição de sextas básicas de baixa qualidade que mal dá para uma pessoa passar a semana, imagine uma família com 4, 5 ,6 e as vezes 7 membros.

Imagino que uma saída eficaz seria o planejamento uma política pública assistencialista de economia solidária de subsistência de acordo com a tradição dessas famílias, as quais foram expulsas do campo para cidade durante a forte especulação de terra pelo mercado imobiliário capitalista internacional e nacional. As imagens abaixo demonstram com essa população periférica ainda conserva traços de seus bens culturais de como trabalhar e transformar a terra com cultivos de raízes como batata, macaxeira e feijão, em periferias urbanas.

Figura 4. Roçado urbano em terreno baldio com uma plantação de mandioca e batata doce. (Arquivo pessoal, 2021).

Figura 5. Roçado de feijão em loteamento de terrenos à venda na periferia de uma pequena cidade de Alagoas (Arquivo Pessoal, 2021).

Este tipo de roçado de subsistência é comum em algumas áreas citadinas periférica de pequenas cidades do interior Alagoas. Os residentes que vivem próximos a terrenos sem ocupação, aproveitam os terrenos baldios para plantar um roçado para em momentos de dificuldades retirarem dali sua alimentação, essa pequena produção é, utilizar para apaziguar a fome.

Figura 6. Roçado de macaxeira num terreno baldio na periferia de Alagoas (Arquivo pessoal, 2022).

Figura 7. Plantações de macaxeira em terrenos de loteamento, em área periférica, tanto para o uso doméstico quanto para a venda em pequena escala (Arquivo pessoal, 2022).

Essa produção do espaço urbano em área de plantação é fruto de um longo processo sócio-histórico, fruto da ação do sistema capitalista sobre o campo que transformou a conformação social da vida rural em citadina forçando a partida no final da década de 1980 até meados dos anos 2000. Levando em conta os diálogos com esses interlocutores, imagino se houve, dentro das comunidades periferias, locais determinados para tal produção de política alimentar. Acredito que desse modo, algumas questões sobre a pobreza alimentar seriam apaziguadas.

2.2. Viver na precariedade e o auto repúdio

> O autor autobiográfico se propõe a explicar sua vida para nós, se comprometendo, assim, com a manutenção de uma estreita conexão entre a história que conta e aquilo que uma investigação objetiva poderia descobrir. Entretanto, quando lemos uma autobiografia, estamos sempre conscientes de que o autor só nos está contando uma parte da história, que selecionou seu material de modo a apresentá-lo com o retrato de si que preferiria que tivéssemos e que pode ter ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós (BECKER, 1994, p.102).

Diferente do que reflete H. Becker (1994) no trecho acima, não selecionei as melhores partes da minha história de vida para compor os percursos da pesquisa. Os acontecimentos mais trágicos, dramáticos e destruidores da minha vida fazem parte de uma rede maior de acontecimentos. Compartilho com os interlocutores da pesquisa as mesmas

tramas de exclusão-marginalização duas décadas depois. Esses agentes experienciam de diferentes formas os percursos de exclusão e marginalização nas periferias ondem residem.

Figura 8. Porta da cozinha de uma casa de periferia de uma cidade de Alagoas (Arquivo pessoal, 2022)[5].

Em minha adolescência-juventude sofri vários tipos de constrangimentos pela forma como o padrão estético de minha moradia era edificada. No mesmo sentido, esses agentes sociais sofrem com esse mesmo processo em relação a sua moradia, formas de higienização e como essas são vista por outros agentes sociais não periféricos. Compartilhar com esses interlocutores essa vergonha da casa ou do banheiro faz parte de um contexto sócio histórico de um universo social real.

[5] Do lado esquerdo, o fogo a lenha demonstra não só o nível de subsistência da família, mas demonstra, em outro sentido, como alguns indivíduos não podem comprar gás de cozinha.

Figura 9: Banheiro que é utilizado para defecar e tomar banho de uma moradia em uma periferia de Alagoas. (Arquivo pessoal, 2022).

Ao ver essa moradia e esse banheiro durante o campo e conversar com o interlocutor que reside na casa, lembrei-me de como essa realidade me assombrava todos os dias.

Esse universo se tornava real a partir do momento que precisava ir ao banheiro para defecar porque tinha passado o dia quase todo fora. Quando o "partido de cana" que ficava nos fundos de nosso casebre estava grande, preferia fazer dentro do partido de cana do que na privada, que parecia mais um quarto feito de barro e vara que ficava do outro lado de nosso casebre.

O banheiro que defecávamos chamava-se "privada", um pequeno cômodo de 1 metro quadrado de largura por 1,80 de altura com um buraco no meio do chão. Essa estrutura era colocada sobre uma fossa de 15 metros de profundidade e, a medida que íamos utilizando o buraco, este ia enchendo de fezes, que subia, a cada mês, com vários insetos, vermes, escorpiões, tarântulas e sapos que víamos ao olhar para baixo.

Os sapos que caiam no buraco, à noite, não podiam sair e morriam ali, servindo de alimentos para os vermes que víamos, aos milhares, durante o ato fisiológico. O ato de defecar na privada exigia de nós certa postura, domínio corporal e flexibilidade para se adequar naquele pequeno ambiente insalubre. Neste momento fisiológico, ao ver os vermes quando olhava para dentro do buraco, que a tudo que caia lá dentro devoravam, sentia nojo, embrulho no estômago e repúdio de mim mesmo, e. Eles não davam chance para nenhum ser vivo que se atrevesse, por acaso ou descuido, cair na máquina das Carnificinas como reflete o poema "Psicologia de um vencido" (ANJOS, 2008).

O ato de defecção exigia uma postura corporal e certo treinamento (MAUSS, 2003), ficar agachado de cócoras, enquanto pressionava a barriga fazendo força para contrair o abdome e realizar o ato o mais rápido possível para não ver aquele triste cenário. Às vezes, preferia realizar o ato dentro do partido de cana ou no roçado onde ficava a vontade e não via aquela triste cena que demarcavam o que é viver às margens da sociedade.

A porta da privada era feita com três tábuas, igual a da figura 06, vista acima. Não tínhamos o mínimo de privacidade e, de lá de dentro, se via tudo que estava acontecendo lá fora, e de fora, via-se que tinha alguém lá dentro. Para compor este cenário, o que Marx (2008) descreveu nos cenários das fabricas e vilas de operárias e suas condições degradantes,

esses elementos de viver uma vida convivendo com a insalubridade também é descrita nos livros de Poe (2017), em sua literatura fantástica marcada pelo macabro.

Assim como os adolescentes com quem realizei essa pesquisa, eu tinha vergonha de mim mesmo diante dos outros colegas no ônibus da escola porque andavam bem-vestidos. Sentia vergonha dentro da escola por que todos “tiravam onda” de minhas condições sociais, meu status social não era de viver na pobreza, era de viver na miserabilidade, onde falta tudo para a dignidade do sujeito (SOUZA, 2006). Se naquele período tivesse se instaurado a modalidade de ensino da EJA, eu seria um dos alunos .

As tramas sociais que se desenvolveram em minha vida ordinária (CERTEAU, 1994) contribuíram para que eu enxergasse o mundo de outra forma: com raiva, ódio e desprezo e nojo de tudo e de todos, principalmente, daqueles que faziam de meu pai “um ninguém” excluído-marginalizado e desmoralizado socialmente perante a comunidade onde nasci e me criei. Em torno dessa tensão, fui desenvolvendo um repertório masculino viril e violento, como um monstro sem emoções, que só pensava em vingança moral, uma racionalidade que até os dias de hoje tento desfazer-me dela (WEBER, 2006).

Nessa figuração social (ELIAS, 2000) em que os anos mais difíceis de minha vida foram os anos de escola, apesar de sofrer com os processos de exclusão-marginalização, minha avó nunca foi em nenhuma reunião de escola enquanto estudava, nunca deu conselhos sobre com quem eu deveria andar. Várias vezes, os poucos colegas que tinha foram aqueles que me ofereceram drogas e bebidas, mas nunca usei nada. Não queria ser como o meu pai. A única vontade que tinha dentro de mim era fazer-me respeitado por todos.

2.1. Meu pai: “o homem que não queria ser”

Não lembro muito bem de como era meu pai, talvez minha mente por si só apagou as lembranças positivas que tinha dele. As únicas lembranças que tenho são de seu fenótipo franzino, pardo de 1, 70 metro, cabelos cacheados, grandes, cobrindo a orelha e uma barbicha. Assim como eu, barba só no queixo.

Meu pai era como a personagem Fabiano[6] de Vida Secas (GRACILIANO RAMOS, 2013), homem pacato, não falava bem, mas aprendia tudo que lhe ensinassem e tinha como fumar e beber. Era bravo e ignorante em casa e com minha mãe, quando ela reclamava que não tinha comida, assim, como outra personagem do mesmo romance, Sinhá Vitória.

A trajetória social de meu pai não poderia ser diferente da de meu avô, alcoólatra, bravo em casa, castigando seus filhos e a mulher por pedirem comida. Só que diferente de minha mãe, minha avó era "mulher-macho", não aguentava desaforo e ela mesma colocou meu avô para fora de casa e passou a trabalhar no canavial para criar sozinha seus 08 filhos e dois netos, eu e minha irmã.

Minha mãe aguentava tudo de meu pai calada e, muitas vezes ela dormia sem comer porque ele trabalhava por um gole de cachaça ou gastava tudo no cabaré da cidade. Nessa época, minha mãe chamou meu pai para ir morar em Teotônio Vilela – AL e, segundo ela, as condições de trabalho lá poderiam ser melhores que aqui, então, foram tentar a sorte lá, em uma das fazendas de açúcar da região.

Neste lugar, com 03 anos de idade eu só lembro de uma coisa: a discussão entre meu pai e minha mãe. Ela falava que ele precisa mudar e parar de beber porque estava nos matando de fome. Como em Vidas Secas, Fabiano pensou em matar o próprio filho, em um ataque de fúria, ele me chutou quando fui passando pelo meio dos dois, enquanto discutiam.

Do chute que ele deu, fui parar embaixo da mesa; ele sequer se mexeu e minha mãe correu rápido; eu estava sem folego, ela me balançou para lá e para cá. Minha tia, correu para fazer uma garapa e, então, não lembro de mais nada. À noite, enquanto todos dormiam, Fabiano[7] pegou a mim e minha irmã e fugiu de Teotônio Vilela, em direção ao sítio em que nossa vó residia desde 1980.

Chegando no sítio no dia seguinte, ele nos deixou com nossa tia, sua irmã, e foi para a venda beber um pouco. Por volta das 11h30, eu estava brincando, só de cueca, embaixo de uma mangueira que havia próxima da casa, quando vi minha vó vindo pelo caminho com sua quartinha e a foice de cortar cana em punho.

Daquele dia em diante meu pai virou retirante solitário e começou a andar por todo o Brasil. Com algumas peças de roupas em uma sacola, viajava de carona com os

[6] Nessa parte para se referir aos membros da minha meu pai e minha mãe, utilizo os nomes de personagens do romance vidas secas de Graciliano Ramos (2013), devido a aparência e composição biopsicossocial da semelha com esses personagens.

[7] A personalidade de meu pai era igual a de Fabiano de Vidas Secas.

caminhoneiros e foi até Brasília, mas nunca deixara o vício. Desse fato em diante, todos os anos ele aparecia na casa da minha avó, passava dois ou três meses e eram tempos bem difíceis aqueles, porque comecei a perceber sua personalidade frágil e pacata fora de casa e agressiva em casa. Na rua ele era bom, em casa ignorante; na rua apanhava de todo mundo, mas chegava em casa gritando com todos.

Lembro das vezes que ia buscá-lo em beiras de pista, embaixo de árvores ou caído dentro do canavial, só de cueca, com os cabelos cortados com falhas, com a cueca cheia de pedra, areia e, algumas vezes, com a sobrancelhas raspadas.

Algumas vezes que estava levantando-o, os vizinhos falavam: "*o cachorrinho veio buscar o cachorrão*" e todos ficavam rindo. Não dizia nada, mas a raiva dentro de mim crescia, até que, certa vez, quando fui buscá-lo na venda da comunidade, escutei os vizinhos falando e lembro da seguinte cena:

> **Plateia** - O bichinho apanhou de pano de facão na costa como se fosse uma criança (risadas...risos...risos). Também, faz as coisas e ainda diz quem foi que pediu para fazer, tem que ser desmoralizado mesmo, aquele cachorro.
> **Soldado amarelo** [8] – Ela estava trabalhando na fazenda do Dr. **Tomás da Bolandeira**, e pedi para ele pegar uma bola de arame para cercar o meu pequeno curral. Como o Dr. confiava nele, ele tinha todo acesso as coisas da fazenda, aí eu falei para ele pegar um bola de arame em troca de um tubo de 51. Quando o homem sentiu a falta do arame, perguntou para ele e ele falou que eu mandei pegar, aí o Dr. **Tomás[9],** apareceu lá em casa de arma na mão e disse para eu entregar o que **Fabiano** tinha pego de sua fazenda. Aí peguei o bichinho agora na estrada e pensei ainda em dar uns cortes de facão nele mas resolvi só, bater de pano de facão nas costa dele, umas 10 vezes e ele ficava girando que só uma criança.... (risadas.... risadas).

Nitidamente, eles só estavam falando sobre o assunto por que eu ia passando na hora para buscar Fabiano, que estava caído na estrada, de tanto apanhar. Sabia que ele estava bêbado, mas não sabia que os que os vizinhos estavam falando sobre ele. Ao chegar ao local, vi que ele estava com uns riscos de facão nas costas, tinha umas três casas perto de onde ele estava deitado. Pensei comigo mesmo: "ninguém fez nada". Coloquei o braço dele no meu ombro para levantá-lo quando, de repente, percebo um pé me empurrado minhas costas: **Plateia**[10]- Leva teu cachorro velho daqui se não vai apanhar tu e ele...risadas. Dois nojentos esmolambado era para coisa como vocês nem morarem aqui! `Projeto de vagabundo, tá vendo ele, é tu no futuro.... (risadas).

---

[8] Alusão ao personagem do Romance Vidas Secas (2013).
[9] Alusão ao personagem do Romance Vida Secas (2013).
[10] Vinhos de nossa comunidade que viam meu sofrimento e contribuíam com ele de várias formas.

Fiquei enfurecido com aquela atitude do sujeito que me empurrou com o pé e fez com que eu e meu pai caíssemos no chão. Ao me levantar, fui para cima do cara, que era um adulto da comunidade. Ele segurou em meus dois braços e, enquanto eu gritava "*miserável vou te matar!*", ele me derrubou no chão e colocou os seus dois joelhos nas minhas costas, ficando em cima de mim, enquanto lutava e gritava: "*maldito, você vai me pagar!*".

Todos olhavam e riam. Essa peleja durou uns 30 minutos, até eu parar de me mexer. Então, o sujeito tirou os dois joelhos das minhas costas e se afastou; levantei-me e parti para cima dele outra vez; dessa vez, a plateia me segurou e todos falavam naquele momento "*pelo menos ele tem coragem mais do que o pai*".

De tanta raiva que passei naquela peleja, deixei meu pai lá deitado e nunca mais fui atrás dele em lugar nenhum. Minha irmã passou a fazer isso. A última peleja que passei ao seu lado foi na outra semana, quando fiquei doente e ele que, nessa única vez, se encontrava sóbrio, falou "*vamos, vou te levar ao hospital*". Pela primeira vez ele segurou minha mão.

Quando e eu Fabiano atravessamos a BR-316, três sujeitos também atravessaram e vieram em nossa direção. Eram nossos vizinhos, o pai e seus dois filhos adultos; o pai pegou na beca de meu pai e deu um soco em sua barriga e me empurrou para dentro da cana. Cada um dos filhos segurava um dos meus braços, enquanto seu pai batia no meu, sem nenhum motivo. Nesse momento, Fabiano falou para eu "*fecha os olhos!*". Não fechei, fiquei olhando, sentado no chão quente, enquanto eles o batiam. Quando terminou a cena de espancamento, Fabiano caiu no chão e, segurando em seus braços, fomos para casa. À noite, como sempre, ele viajou mais uma vez.

Como sempre, todas as vezes que os outros agentes sociais da comunidade lhe impingiam alguma espécie de humilhação, vergonha e sofrimento, Fabiano utilizava como mecanismos de fuga daquela realidade a viagem sem rumo e destino. Dessa vez, passou 10 anos fora; eu já tinha 13 anos e começado a fazer intriga com os filhos dos caras que batiam em meu pai. Comecei a bater neles e se eles fossem bater em mim, não podiam porque eu andava com um facão de cortar cana, que afiava todos os dias na pedra, para cortar qualquer sujeito que quisesse me bater.

Certa noite de 2002, meu pai chegou de surpresa com um saco de roupa, todo sujo, parecia alguém em situação de rua, mas gostei quando o vi, porque pensávamos que pudesse ter morrido em suas andanças. Contudo, seu destino o havia marcado para morrer em nossa comunidade. Com três dias que chegou de sua odisseia pelo Brasil, foi até a venda, bebeu um

pouco e vinha para casa quando, no meio do caminho, um vizinho falou que “o cachorro” tinha voltado. Meu pai nunca brigou ou revidou qualquer agressão, mas naquele dia, ele chegou em casa e falou “*vou matar aquele sujeito*!”. Pesamos que fosse blefe, que ele nunca tinha feito isso.

Então, ele saiu com um facão e foi até a casa do sujeito, que ficava a 200 metros da nossa. O sujeito saiu de casa pensando que ia bater nele – porque todos batiam –, entretanto, quando o sujeito levantou a mão para bater em meu Fabiano, ele sacou o facão e desferiu dois golpes na mão do sujeito, que começou a gritar por socorro.

Quando seus filhos mais velhos escutam seu pedido, saíram pela porta dos fundos da casa e foram, sorrateiramente, por trás de Fabiano e desferiram contra ele vários golpes de facão nas pernas, nos braços e, por fim, um na cabeça. Minha avó correu até lá com outro facão, junto a minha irmã. Eu fique paralisado. Elas o trouxeram e o colocaram no chão da cozinha. Minha avó falou para nós fecharmos as portas que ela ia buscar uma ambulância na comunidade mais próxima, que ficava a 3 km de distância. Fabiano, deitado no chão de barro, gemia de dor. Os cortes em seu corpo eram tão profundos que cabia um dedo dentro, os jatos de sangue saíam de seus cortes como se fossem água em uma mangueira.

De repente, vejo por uma flecha da porta que a família do sujeito estava vindo terminar o serviço. Mas antes de sair de casa, nossa avó falou para apagar todas as luzes e acender só uma vela e se ouvíssemos vozes, apagássemos. Quando os vi em direção a nossa casa com facão e machados, apaguei a vela e coloquei a mão na boca de Fabiano, para que não escutassem seus gemidos.

Eles fizeram o cerco na casa por cerca de 20 minutos e ainda pensaram em colocar fogo na casa que era coberta com folha de palmeira. Mas desistiram da ideia ao perceberem que se aproximava o carro de socorro. Fabiano foi para o HGE (Hospital Geral do Estado) gritando de dor. Ao ligar a luz, vejo seu sangue em meu rosto, nas minhas mãos, na minha camisa. Daquele momento em diante, só pensava em uma coisa: vingança – e que nunca teria a personalidade pacata de Fabiano.

Os irmãos de Fabiano eram frouxos, tentei instigar a vingança em suas mentes por várias vezes, mas minha avó dizia: “*Deus resolve*”. Fabiano ficou seis meses internado no HGE e, numa quinta-feira, quando eu estava na porta da cozinha, o vi chegando pelo caminho da porta dos fundos, com o olho enfaixado e uma borracha de fazer estilingue na mão, que ele tinha pego no hospital para me fazer um estilingue.

Foi o único presente que recebi dele em vida. Após sua chegada, Fabiano não arrumou nenhuma peleja na comunidade, mas sua história terminaria numa sexta-feira da Paixão, à noite. Fabiano foi atropelado por um carro e deixado na beira da estrada, como um cachorro. Como não apareceram as autoridades legais para buscar o corpo, nós mesmos o fizemos, indo até o local do ocorrido, que ficava a 200 metros de nossa casa.

Chegando ao local, encontramos Fabiano dentro mato, de boca e olhos abertos, pernas quebradas e algumas cicatrizes no rosto. Esticamos a rede e, com seu corpo ainda quente, o colocamos dentro da rede, quando cada homem da família que estava lá pegou em um punho da rede, a colocando nas costas e, então, trouxemos para casa o corpo sem vida, sem história e dignidade de Fabiano.

Na sala da casa de taipa, o corpo de Fabiano foi colocado e coberto com um lençol branco, como um símbolo de pureza para limpar seus sofrimentos em vida, onde exclusão-marginalização por ser pobre, pardo e periférico, era como se fosse uma gravura da desqualificação social de seu estatuto humano. Tanto sua socialização primária, dada por minha avó e depois entronizada em mim, não seguia uma lógica de afeto com beijos ou afagos na cabeça, brincadeiras ou abraços. Nunca nos abraçamos, não sentíamos a necessidade de momentos como esses porque a vida era tão dura que nosso pensamento estava sempre focado na dinâmica de sobreviver àqueles aperreios.

Depois que cobriram seu corpo, não consegui mais olhar para ele, não chorei, não senti nenhuma angústia, medo, remorso ou tristeza, mas estava aliviado porque seu sofrimento tinha chegado ao fim. Essa negação de minhas emoções era sabotada por uma subjetividade da raiva, ódio e desprezo por aqueles que sempre nos rebaixavam a todo o momento.

O desejo de vingança marcou a dinâmica de minha subjetividade até a descoberta do mundo acadêmico. Em nossas tramas sociais cotidianas no mundo da vida (SHURTZ, 2000), a violência era um estatuto disposicional para mudar os percursos de masculinidade e reputação. Essa capacidade de transformação modelava as relações sociais a partir de uma ótica do enfrentamento, da reputação e de ser respeitado a todo custo.

2.2. Minha consciência da marginalização-exclusão

Quando adolescente, sofria com o processo de exclusão-marginalização. Não tinha amigos, não era popular na escola, meus colegas de sala mal falavam comigo – só quando precisavam de ajuda para realizar algum trabalho; depois, parecia que eu não existia – e nem

meus professores pareciam não enxergar que estava na mesma sala de aula com os outros alunos, que eram diferentes de mim em todos os aspectos, na maneira de falar, no modo de andar e na forma de vestir-se etc.

Os professores sempre perguntavam para aqueles alunos e alunas mais bem vestidos, de boa aparência e beleza, se compreenderam o assunto, se tinham algumas dúvidas; se tivessem, o professor explicaria novamente. Em várias ocasiões levantei a mão, falei, perguntei... e não era notado, ou seja, era ignorado. Comecei a perceber a indiferença em relação ao meu ser, então, resolvi ficar calado como alguém que não estava na sala de aula.

Neste contexto educacional, sofria, a rejeição como sujeito que vivia as margens da sociedade, pobre, pardo, desnutrido, de sotaque estranho e malvestido. Por mais que lutasse para ser perceptivo enquanto sujeito, minhas condições sociais eram como um superpoder que me tornava invisível aos olhos de colegas, professores, coordenadores, gestores e comunidade, devido a história de vida que compartilhava com Fabiano, meu pai.

Passava por todos os tipos de humilhações possíveis. Era minha rotina cotidiana ser chamado de *maloqueiro* pelo motorista do ônibus que nos levava para à escola da pequena cidade. Ser agredido por outros adolescentes que seus pais tinham mais condições sociais que a minha família e eram mais velhos que eu uns 10 anos, esse foi meu rito de passagem (GENEEP, 2013) da adolescência para a juventude.

Ser chamado de “pai do mato”[11], “passa-fome”, “maloqueiro”, “só-come-garapa”, a sua “roupa virou farda por que só anda com ela”, “neto de macumbeira” etc. Essa categorização do que era e do que é exclusão-marginalização, não tem como mensurar sem levar em conta os aspectos emocionais do sujeito. Essas palavras que eram pronunciadas sobre minha identidade, eram devastadoras para meu ser e minha subjetividade.

O meu cabelo, só cortava a cada 6 meses, duas vezes ao ano, com um “Cabelereiro que não assumia publicamente sua sexualidade, mas investia sexualmente em garotos" e tinha a fama de rezador. Este se aproveitava de seu prestígio social de homem de bem e de devoto a Deus na comunidade, para cometer vários atos de abusos sexuais contra mim e contra outros adolescentes que cediam as suas investidas, em troca de presentes ou dinheiro.

[11] Ofensa degenerativa que reflete sobre a aparência do sujeito que não corta o cabelo com frequência ficando parecido como um sujeito que se perdeu na selva. Por isso, a denominação ofensiva pai do mato porque cabelo grande era sinônimo de vulnerabilidade financeira.

Os percursos da ação (WEBER, 2005) de Zé de Deus [12]para abusar sexualmente e assediar adolescentes-jovens, seguia o mesmo padrão de ação em todos os casos. Percebi esse fenômeno porque sempre ficava calado e escutava meus colegas, dentro do ônibus ou na escola, falando sobre o que acontecia, incluindo os feitos das artimanhas que o sujeito se utilizava para se aproximar e escolher sua vítima.

Alguns dos adolescentes-jovens gostavam das iniciativas de Zé de Deus porque, para eles, seria a primeira iniciação sexual que eles tinham ou tiveram, e segundo os adolescentes-jovens, era melhor fazer com ele do que está correndo atrás de burras, vacas e cabras etc. Quando Zé de Deus estava cortando o cabelo de adolescentes-jovens, sempre realizava algumas táticas para pegar no pênis dos seus fregueses e vítimas, como era meu caso.

Por várias vezes isso aconteceu comigo, falei para minha avó um dia sobre ocorrido, mas ela não acreditava que Zé de Deus fosse gay. Minha avó, mulher religiosa e praticante de umbanda, não acreditava em minhas palavras. Então, falei para ela que não ia cortar meu cabelo com aquele sujeito nunca mais.

Eu me sentia impotente diante da situação constrangedora e violenta, ele sempre cortava meu cabelo embaixo de uma grande mangueira, que ficava a uns 20 metros da frente da casa. Para cortar meu cabelo, ele pedia uma cadeira de madeira ou tamborete e quando estava se sentando, ele começava a sussurrar em meus ouvidos. Aquelas palavras ainda ecoam em minha mente:

> Eu tenho uma coisa para dar a você e você vai gostar muito, não resista todos os garotos que eu corto cabelo já experimentaram só falta você. Não seja tímido, aproveito o que tenho para te dar, como é difícil convencer você! O que você quer? Um par de sapato, uma calça nova ou uma camisa...fale, que te dou!

Como não dava valor para as conversas do sujeito, ele quando ia fazer minhas costeletas, pedia um copo com água para minha irmã que era mais nova que eu 02 anos, e ela ia correndo buscar o corpo. Ao pegar o copo com água e sabão, ele colocava o copo entre as minhas pernas e quando ia molhar a lâmina na água, maliciosamente passava seus dedos em meu pênis.

[12] Sujeito que nunca assumiu sua opção sexual devido ao estigma da comunidade e preconceito do pai e da mãe e por este motivo, ao longo de sua vida permaneceu às margens promovendo investidas sexuais pedófilas com crianças, adolescentes e jovens, atores que se, porventura, o delatassem aos mais velhos. Estes não acreditariam, pois a lógica moral da comunidade era e ainda é que "conversas de moleques não se deve dar ouvidos" só, os adultos mantém o monopólio do discurso sobre a verdade das coisas (FOUCAULT, 1975).

Durante 4 anos se sucederam esses abusos, tinha a vontade de matá-lo por isso, pois nunca dei tal ousadia para ele e, também, não apreciava aquele tipo de afetividade, mas ele não respeitava isso. Por várias vezes, Zé de Deus ofereceu dinheiro para que saíssem com ele, assim como os meus colegas de escola que me ofereceram drogas e bebidas para que eu pudesse participar do grupo dos "desenrolados da escola". Nunca aceitei a proposta de ambos.

Passei a perceber que Zé de Deus queria tirar vantagem de minha situação de vulnerabilidade social e por isso ficava me assediando, até o dia que parei de cortar o cabelo com o mesmo, após falar para ele que iria "descer a porrada" nele se ele me tocasse daquele jeito novamente. Eu o odiava quando era adolescente, mas naquele momento, já era um jovem com 18 anos de idade e as coisas mudaram muito depois da morte/ "assassinato"[13] de meu pai, que tinha 35 anos de idade à época. Ainda assim, exclusão-marginalização se alastrava como uma raiz sobre o meu caminho até mesmo dentro da escola e dentro da Universidade Federal de Alagoas.

A escola era um lugar infernal, território des(conhecido) e hostil que, por mais que tirasse as melhores notas e tentasse ser legal com alguém, meus colegas e professores mandavam procurar "*meu lugar, minha turma*[14] ". Só me sentia bem quando estava trabalhando no roçado porque ali ninguém zombava de mim.

O discurso que era reproduzido, sobre minhas condições de vida se instaurava nos repertórios de fala, tanto de colegas, meus pares, quanto de professores, que deveriam, em tese, me educar. A exposição ao ridículo, a fome, a miséria, a violência psicológica e simbólica, foram um tipo de educação que me endureceu enquanto agente social, pobre, periférico e nordestino.

Ao vivenciar experiências de exclusão-marginalização, através da invisibilidade social que todos impingiam sobre mim, a partir da comunidade, da escola e das relações sociais que estabelecia com outros alunos, me tornei indiferente a todos. Estava exposto por não ter uma moradia decente, acesso à saúde básica, acesso aos meus direitos jurídico-legais, acesso à informação e comunicação etc.

---

[13] Suspeitamos de assassinato premeditado devido ao único ato de coragem de Fabiano que foi cortar de facão um dos sujeitos que lhe agrediam cotidianamente. Passados anos do ocorrido, a chateação continuava como sempre e a rotina do vício de Fabiano também. E neste dia em que ele foi atropelado, ele estava bêbado, mas estava no acostamento e, quando chegamos ao local, não tinha freio do carro e seu corpo estava jogado uns 30 metros mato adentro. Então, uma de minhas hipóteses é que foi assassinato devido as rixas locais.

[14] Referência ao status social da inferioridade, no que tange ao processo de exclusão-marginalização e não pertencimento a determinado grupo social.

A humilhação, o desprezo, o estigma, o nojo, a fome, a vergonha e a revolta me transformaram em quem sou hoje e, por isso, assumo o lugar de falar de quem sofreu o processo de exclusão-marginalização para desromantizar uma realidade invisibilizada e vivenciada por alguns alunos da EJA, todos os dias, nas escolas públicas de Alagoas.

Em minha época, a modalidade EJA estava sendo discutida enquanto política educacional por pesquisadoras como (MARINAIDE; FREITAS, 2009) do CEDU. Se essa modalidade tivesse sido implementada, provavelmente, eu seria um aluno da EJA naquele momento histórico de minha vida. As crenças religiosas e superstições combinavam-se e misturavam-se como uma bricolagem cultural (STRAUSS, 2002) construída um paradoxo entre o social e o teológico come reflete Strauss em seus trabalhos sobre essa mistura cultural que de todos os lados influenciam a vidas dos agentes sociais.

Nossas vidas se baseavam em um conjunto de crenças que fazia de Deus onipotente, onisciente e onipresente (VOLTAIRE, 2000) ao nosso provedor. Igualmente, ele era juiz e justiceiro daqueles que nos impingiam o mal. Mas, como agnóstico no sentido de Voltaire, não acreditava nessa lógica teológica.

> A religião natural mil vezes impediu os cidadãos de cometerem crimes. As almas bem-nascidas não os desejam cometer; as almas ternas veem-nos com terror, tendo presente a imagem de um Deus justo e vingador. A religião artificial encoraja, porém, a todas as crueldades perpetradas em bando, conjuras, sedições, assaltos, emboscadas, ataques de surpresa, pilhagens, morticínios. Todos marcham alegremente para o crime, sob a bandeira do seu santo. (VOLTAIRE, 2000, p. 202).

Essas eram as crenças nas quais minha avó acreditava. Eu não! Via estes fenômenos sociais degradantes de minha condição humana, a partir da lógica racionalista, a mesma que acreditava Voltaire (2000). Percebi logo cedo que todos os processos de abusos contra minha dignidade eram fruto de uma produção-tensão-histórica, fruto da desigualdade econômica e social que estava diretamente ligada ao acúmulo social de desvantagens (MISSE, 2008).

Diante dessas tramas sociais complexas, tanto dentro da escola como na própria comunidade, não me retraí, mas utilizei o percurso social de desvantagens que impingiram sobre mim para transformar minha vida, fazendo a reescrita da história (QUIJANO, 2000b), mas nem todos os adolescentes-jovens periféricos de hoje, tem força dentro de si de pensar o futuro, apenas o tempo presente. Da mesma maneira que Elias (2000) observou em seus estudos:

> Os jovens comuns, em outros meios sociais, cedo aprendem a pensar em si em termos de futuro. Para a maioria dos jovens indisciplinados do loteamento, porém, era difícil ter qualquer visão de si mesmos a longo prazo. Eles viviam no

> presente e para o presente. Essa era outra diferença que contribuía para erguer barreiras entre eles e os demais (ELIAS, 2000, p. 144).

As barreiras as quais se refere Elias (2000), podem se dar por diversos percursos sociais. No caminho para escola, dentro do ônibus, na caçamba de lixo ou no carro de carroceria branca, que também carregava lixo e por inúmeras vezes foi nosso transporte para ir a escola repressora (FOUCAULT, 1975), experimentei várias vezes o sentimento de vergonha, humilhação, nojo de mim mesmo e desprezo (DIAS-BENÍTEZ; GADELHA; RANGEL, 2021) e, algumas vezes, tentava entrar nas conversas dos outros para me enturmar, mas eles faziam de conta que eu não estava ali, sequer davam valor e, se eu perguntasse ou afirmasse algo sobre o assunto, eles mudavam de conversa.

> Nojo, desprezo e humilhação são categorias úteis para a análise de marcadores sociais da diferença, mas sobretudo da desigualdade, porque existe um lugar social em que gênero, sexualidade, raça e classe são construídos e reconhecidos a partir de atos vexatórios e de rebaixamento. Acreditamos ser possível interpretar como esses marcadores sociais são construídos por meio das práticas da humilhação e, paralelamente, através das emoções suscitadas pelo ato de humilhar/desprezar e de sentir-se humilhado, desprezado ou mesmo com nojo de pessoas, coletividades e corpos (DIAS-BENÍTEZ; GADELHA; RANGEL, 2021).

A exclusão-marginalização, essa gramática social do rebaixamento social, acontecia por todos os lados, por parte de meus pares, através de piadas que diziam que estava intrigado do barbeiro, ou se tinha cortado o cabelo com um facão, foice ou estrovenga, que eram minhas ferramentas de trabalho. Ferramentas essas, utilizadas no dia a dia em minha labuta no campo, no trato com o roçado. Essas “resenhas” depreciativas tinham sempre um foco: evidenciar que morava em uma casa de taipa, que vestia roupas dos outros, que só comia peixe com farinha e que trabalhava no campo.

Esse conflito social eu vivia em meu ser, mexia muito com minha subjetividade, passava vários momentos em casa, no roçado ou dentro da escola, pensando em tirar minha própria vida, devido a difícil rotina de violências psicológicas a que era exposto todos os dias.

Volta e outra, um pensamento invadia minha mente, que era o único lugar onde ninguém podia ver. Enxergava tudo pelo lado negativo, até transformar toda essa subjetividade negativa em revolta, força material e em treino mental para não ser ou não canalizar em minha conduta a reputação que a sociedade me impingia.

A única reputação que aceitei da passagem da adolescência para minha juventude foi de uma masculinidade violenta: a de uma pessoa que resolvia tudo “no braço”. Comecei a encarar a tudo e a todos “de frente”: se não andassem “na linha” comigo, como já não era mais adolescente, eu “entrava no braço” para construir o respeito de quem foi desrespeitado.

O respeito era sinônimo de coragem, confiança na palavra e tratamento igual entre pessoas diferentes. A mediação para isso era a violência.

> A masculinidade, que varia de contexto para contexto, sendo, portanto, múltipla, apesar das permanências e hegemonias. Assim, sobrevêm a preocupação em desfazer noções abstratas de "homem" enquanto identidade única, a-histórica e essencialista, para pensar a masculinidade como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações, rastreando-a como múltipla, mutante e diferenciada no plano das configurações de práticas, prescrições, representações e subjetivações (RODRIGUES, 1996).

Essas representações subjetivas negativas do que sofri, utilizei como disposições, moldáveis e duráveis que canalizei na raiva. Passei a estudar mais, a trabalhar mais, a ser bruto como um "bicho do mato", me apropriando da violência como mecanismo disposicional de respeito e reconhecimento (BOURDIEU, 2007; LAHIRE, 2004).

Esses processos de desrespeito, nojo e humilhação social, incentivaram-me a ir mais longe que os jovens de minha comunidade, que tinham uma condição financeira melhor que a minhas e que hoje, em sua maioria, estão trabalhando no campo, na agroindústria açucareira, indústria têxtil ou alimentícia da capital alagoana.

As roupas usadas que vestia durante minha adolescência-juventude eram doadas por uma comadre de minha avó que morava em Maceió. Comadre Joana, como dizia minha avó, trazia roupas "quase sãs[15]", e quando vinha com alguns buracos, minha avó dava um "jeitinho", costurando-os em sua velha máquina Singer, fabricada na década de 1920.

Joana realizava o ato de caridade por pena ou filantropia, pois, algumas roupas estavam tão surradas [16] de uso de seus filhos que mereciam ir para o lixo. Em vez disso, Joana dava as roupas velhas para minha avó que ficava muito orgulhosa em receber aquelas roupas e recusá-la seria falta de respeito e desconsideração com Joana.

Assim, tínhamos que vestir aquelas roupas que, às vezes, ficavam pequenas, como as calças que ficavam nas minhas canelas ou como as camisas que ficavam muito grandes. Estas camisas eram do esposo de Joana e, quando eu as vestia, elas ficavam nos meus joelhos.

Íamos para a escola com aquelas roupas de doações de uma pessoa da classe média e caridosa, que vislumbrava na doação de roupas velhas um ato de solidariedade cristã aos "pobres coitados" que moravam no campo. No final dos anos 1990, a palavra exclusão-marginalização era algo que não existia no léxico das pessoas de minha comunidade.

---

[15] Roupas que segundo minha avó, davam para serem usadas ainda.
[16] Segundo o léxico local o termo surrado significava que as roupas tinham alguns anos de uso.

Essas categorias sociológicas não faziam parte do léxico das pessoas que tinham poucos repertórios de luta contra a violência simbólica que se manifestava de várias formas nas ações de agentes, voluntária ou involuntariamente. E, quando se falava em adolescentes-jovens em minha época, lembro que era sempre nos termos de família sem moral, que constrói uma personalidade sem moral, nos filhos que viram "vagabundos". Da mesma maneira que alguns alunos e alunas da EJA passam por humilhações, agressões, físicas, psicológicas e moral todos os dias na sua vida, esta também era minha rotina quando era estudante. Comecei a desenvolver uma autopercepção das tensões conflituosas a que estava sendo exposto dentro da escola que estudava e comecei a "bater de frente", a contestar a hierarquia escolar de professores, gestores, coordenadores, outros alunos e seus privilégios. Meu olhar agora estava entronizado pela revolta e pela resiliência que partiu de um processo de descolonização do pensamento (MIGNOLO, 2002) da ideia de sujeito frágil e obediente.

Esse processo de decolonialidade do poder (QUIJANO, 2000b) em minha época de estudante se desenvolveu a partir do momento que iniciei o processo de contestação das narrativas que eram impostas sobre mim, dentro da escola e na comunidade. Confrontar era um ato não só de revolta, era um ato de libertação das correntes tradicionais da docilidade (FOUCAULT, 1975) que escola e família tinham entronizado como cultura dentro de mim. Quebrar toda essa estrutura histórica só foi possível a partir da experiência grotesca que vi formando minha história de vida, como a de muitos adolescentes-jovens de hoje. Não respeitava mais ninguém que não me respeitasse primeiro. Alguns professores falavam para mim "*Não tem dinheiro não nem para comprar roupas*[17]"? "*Achou essa daí no lixo?* (risadas irônicas!). "*Roubasse de um morto* (risadas irônicas)". "*Já viu que estudar não é para tu...*"

Essas experiências cotidianas marcaram ontologicamente minha personalidade e meu ser (HEIDEGGER, 1995). Passei a não ligar para essas falas depreciativas que tentavam mexer com minha economia emocional.

Alguns anos depois, quando venci as várias barreiras sociais através dos estudos, notá-las como fenômeno social, educacional e político a ser investigado é um compromisso que tenho, enquanto pesquisador. Mas essa condição de pesquisador não mudou minha situação de sujeito marginal e, mesmo sendo servidor público efetivo, meu passado de miséria é como

[17] Frases depreciativas que provocavam sensação de fragilidade social e estigma a minha condição de sujeito sem posses e até, mesmo de subjetividade da fala para reverberar a altura esses constante ataques ao meu ser.

um peso que impede que os administradores de minha sociedade reconheçam meu trabalho, esforço e dedicação na educação.

Tento compreender o fenômeno da produção da exclusão dos marginalizados da EJA de dentro da escola e fora dela como um fenômeno sociológico que precisa ser visibilizado e estudado de forma a não romantizar as narrativas dos alunos e alunas dessa modalidade de ensino.

No século XXI, quando passei da condição de estudante a professor, comecei a perceber, como o processo de exclusão dos marginalizados da EJA é reproduzido e instaurado dentro da escola pública, através de vários discursos normativos-negacionistas da cultura, da subjetividade, da sexualidade, do gênero, da periferia, da economia dos mercados ilegais e da negação das identidades periféricas.

2.3. Escola e política: meu último ano na escola infernal

Era meu último ano na "escola infernal" e pretendia realizar exame vestibular. À época, tínhamos o Processo Seletivo Seriado (PSS), o caminho para o ingresso na UFAL, em 2002. Para realizar a inscrição, teria que ficar frente a frente com Risadinha[18], que, em diversas ocasiões me humilhou dentro da escola.

Risadinha sempre ocupou um lugar privilegiado de profissional exemplar e ostentava o título de primeiro professor em sua cidade a ser diplomado pela UFAL. Algumas vezes levou políticos que concorriam ao cargo de deputado estadual para fazer campanha dentro da escola, entrando em cada uma das salas de aula. Para ele, era "normal" fazer isso enquanto que, para mim, não era ético, era errado.

O candidato era do alto escalão da política do Estado de Alagoas e utilizava Risadinha como seu cabo eleitoral dentro da escola. Este por sua vez, não tinha vergonha de dizer para

[18] Diretor da escola que, a todo momento, me excluía-marginalizava devido as minhas condições de existência material. Suas violações ao meu ser aconteciam a todo momento, através de gestos, palavras ou "piadas" que o agente fazia e ficava rindo daquela violência simbólica e psicológica a qual me impingia tanto a mim, como a outros agentes sociais menos dotados de capitais social, financeiro, simbólico e cultural.

os alunos que com 16 anos completos e, portanto, já podiam votar, assim como eu, que deveríamos votar em Kafka[19].

Além de falar que votássemos em Kafka, Risadinha, aos fins de semana, enviava as nossas casas seus colegas professores para checar se havia adesivos de outros candidatos em ou para pegar nosso título eleitoral e conferir a zona e seção do local de votação. Assim, todo candidato saberia a quantidade de votos que teria em cada seção de cada cidade.

Para cada pessoa da casa que estivesse plena para votar, fazia-se um prévio cadastro, um mês antes da eleição e em uma sexta feira. Dois dias antes da eleição, aquele mesmo professor, colega de Risadinha**,** no entregava em casa um "santinho" de Kafka e R$ 25,00.

Hoje não se leva candidato para dentro das escolas, mas o cadastro e a compra de votos dos eleitores mais necessitados, pobres, pardos, pretos, periféricos, alunos da EJA, continua como antes. Essas ações são realizadas por cabos eleitorais que se travestem de profissionais da educação, que a cada dois anos, fazem seus trabalhos nas comunidades nas quais atuam com professore(a)s transformando o voto dos alunos em mercadoria que trocam seu voto por dinheiro e favores escusos.

A chamada "casadinha do voto", tanto em nível micro (legislativo-administrativo) como macro (Legislativo menor – Legislativo maior – administrativo distrital), acontecia na minha época de estudante e ainda acontece nos dias atuais. A casadinha combinava-se da seguinte maneira: o cabo eleitoral comprava o voto para o legislativo-inferior e para o administrativo local que ele apoia.

Em 2002 esse voto casado custava 50 reais; 20 anos depois, em 2022, essa casadinha custa 200 reais, se o eleitor "fecha topado" com o grupo político pagante. O mesmo acontecia e acontece ainda hoje, e a democracia – tão romantizada! – acontece, só "para inglês ver" e podemos dizer que temos o poder de mudar as coisas, quando, na verdade, são pouquíssimas pessoas que exercem seu direito à cidadania de forma plena.

Risadinha fazia da escola palco político com "adesivaço", lanche para todos, todas e todes e, naquele período de eleição, ele até aliviava seu discurso de exclusão-marginalização. Certo dia, tirei o adesivo do caderno; ele viu e veio até onde eu estava sentado com outro adesivo, para que eu repusesse. Ao falar que não concordava com esta prática, ele me chamou

[19] Referência ao livro Metamorfose, de Franz Kafka, para remeter à capacidade que os candidatos têm de se transformar depois que ganham uma eleição. Além disso, para não expor os nomes dos sujeitos reais, aludo aos nomes utilizados pelo autor, para preservar o nome do candidato em questão.

de "*jumento sem pai"*. Faltavam poucos meses para a inscrição no vestibular e, como na época só tinha rede de internet na escola, não o afrontei porque sabia o quanto ele poderia me prejudicar, não realizando minha inscrição no PSS.

Chegou o dia da inscrição e Risadinha chamou todos os alunos(a)s, me deixando por último, na angústia, imaginando que não seria chamado, mas, de repente, a aluna que tinha ido realizar sua inscrição antes de mim, na volta falou: "*É tua vez*!". Nem acreditei!

Antes de ir para sala realizar minha inscrição, escutei alguns alunos sussurrando que Risadinha, dependendo do curso que você escolhesse, dava uma grande risada. Quando fui chamado para realizar minha inscrição, no único computador da escola com acesso à internet, que ficava em sua sala, nitidamente tive a percepção de que ele estava rindo de mim.

Entrei em uma sala estreita, pintada de azul, com um teto de forro branco e com um ar-condicionado no centro, abaixo do qual ficava um birô. Exatamente no meio da sala, por trás de um computador de tela de tubo e CPU branca, estava Risadinha.

Ao ver que estava entrando na sala, ele disse, "*vem parente do Ju*[20]...." (risadas). Nessa época, ainda não tinha nenhum contanto com alunos da EJA, todos nós estudávamos juntos, adolescentes-jovens e adultos estudando na mesma turma e no mesmo período da tarde.

Na hora de preencher o formulário, Risadinha falou: "*Tu vai fazer o cu suar ou o cu subir...* (risos irônicos)[21]" Inocente no momento, falei que ia fazer a inscrição para o "*Cu suar*" que era Ciências Sociais. Risadinha falou que "*maloqueiro só procura o caminho certo, da maloqueiragem!*" (Risos, risos, risos!). Na época, onde estava o referido professor/exemplo?

No discurso pronunciado por Risadinha, compreendia que seu ato de exclusão, abuso, violência simbólica e marginalização que sofria de sua parte era errado, mas, quem era eu para questioná-lo? Um adolescente-jovem de hoje, teria percebido que aquele discurso pronunciado pelo professor da escola era um ato de afronta e humilhação ou como os adolescentes-jovens dizem hoje, "*tá me tirando, maluco*?" e teria "metido a porrada" nele.

A minha vontade, em vários momentos dentro da escola, era "quebrar a cara" de Risadinha por ter zombado de mim ao longo do tempo que fiquei estudando naquela escola.

[20] Em seus termos irônicos *parente do Ju* era uma analogia que eles utilizavam para dizer que éramos parentes de jumentos, animais que só servem para transportar cargas.

[21] Linguagem ofensiva que era utilizada para desmoralizar os indivíduos que não conseguiam compreender de imediato seu sentido. Analogia depreciativa que faz referência aos agentes sociais como um ser que só tem competência para desenvolver serviços braçais.

Como poderia ser preso por isso, porque já tinha 16 anos, deixei o caso passar e mais situações constrangedoras e humilhantes aconteceram. Situações como essas ainda acontecem com vários adolescentes-jovens alunos da EJA em escolas municipais-estaduais de Alagoas.

2.4. A escola-prisão

A escola em que estudei parecia mais uma prisão: só existia um portão fosse para entrada ou saída, estreito e com grandes. Para ter acesso ao portão, andávamos por 5 metros através de um estreito corredor no qual, do lado direito, para quem entrasse na escola, ficava a secretaria. Depois da secretaria, já dando acesso ao rol da escola, que tinha um formato de quadrado, fica a sala do diretor, a sala da coordenação, a sala dos professores e a biblioteca. Como não tínhamos aula de Sociologia nessa época – já que não havia professores em quantidade suficiente e o que tínhamos, só falava do carro, das namoradas (que eram três) e de sua casa (de tudo, menos de Sociologia), eu saía da sala todas as aulas dele para ler na pequena biblioteca da escola.

O primeiro contato com a literatura sociológica aconteceu através da leitura do livro de Casa grande e Senzala, de Gilberto Freyre (1985), que achei muito interessante pela capa e resolvi locá-lo para levar para casa e ler. Passei 6 meses lendo o livro e, após a leitura, não tinha compreendido nada. Do lado esquerdo da biblioteca ficava a cozinha e uma pequena sala do grêmio estudantil (que nunca se formou) e as 10 únicas salas de aulas, antes de a escola ser reformada.

Os anos se passaram, entrei na UFAL pela política de ações afirmativas de cotas para negros, pardos e indígenas. Tornei-me servidor público, trabalhei em várias escolas municipais e estaduais e, nesse período, passei a ser afetado (FAVRET-SAADA, 1999) pelas histórias de vida de alunos-alunas da EJA que sofriam com a exclusão-marginalização dentro da escola.

2.5. A construção da masculinidade nas periferias de cidades do interior de Alagoas Antes da chegada das sintonias criminais

Uma parcela significativa da população de adolescentes/jovens naquela época residia nas periferias de cidades de Alagoas, em conjuntos habitacionais construídos sem a mínima infraestrutura de esgoto, água portável, segurança e asfalto.

Os bairros novos ficam longe do centro da cidade E são territórios por onde iniciou-se uma urbanização desorganizada e onde, segundo o imaginário social local, residem pessoas de má fama. Nesse território, se formaram as primeiras gangues de adolescentes-jovens que eram membros de grupos de capoeira. Uma questão clássica como a que apontou Foote-Whyte (2005).

No final dos anos 1990, existiam nas cidades do interior de Alagoas dois grupos de capoeira, o *Preto* e o *Branco*. Mas, naquela época, eram os grupos de capoeiristas que formavam as gangues mais temidas das cidades do interior.

Esses grupos eram ensinados por mestres que não tinham compromisso com a ideia de capoeira como esporte ou atividade artístico-cultural. Para eles tratava-se de luta e treino de defesa pessoal e ataque. Eles sabiam das brigas dos alunos e nada faziam a respeito pois isso trazia fama positiva e esse era o valor que ganhava a capoeira na época no interior.

> Os jovens em gangues vêm de situações sociais diversas, ainda que muitos convivam com estados de pobreza ou privações, mas muitas de suas buscas se assemelham, principalmente quando o que se almeja é o reconhecimento. Desejam uma determinada representação na "sociedade de espetáculo" (DEBORD, 1996) que, muitas vezes, os marginaliza.

Os participantes dessas gangues de capoeiristas eram como "Firmino", um dos principais personagens do livro o Cortiço, de Aluísio de Azevedo: malandro, brigador que se utilizava da ginga da capoeira para bater em outros adolescentes-jovens e adultos, para desmoralizar o sujeito e ganhar fama e respeito de todos na cidade.

Essa imagem dos grupos de capoeira dessa época, início dos anos 2000, sinalizam as influências culturais que estavam vindo de outras regiões do país como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Diferente desses centros culturais, o samba, a rap e as discotecas eram sinônimos de malandragem e os agentes sociais que apreciavam esse estilo musical e frequentavam tais lugares, viviam arranjando brigas para demonstrar suas habilidades em combate.

As brigas eram uma dinâmica que associavam masculinidade e respeito. Quanto mais pessoas você enfrentasse, mais durão você ficava e sua fama "corria trecho". Esses conflitos

poderiam ser contra qualquer adolescente-jovem ou membro de outras gangues porque sempre havia aquela “zoação” entre os grupos rivais.

Dentro do calendário festivo das pequenas cidades em Alagoas, existem duas datas importantes por ano, a saber, São João e as festividades de final de ano, onde se instalam parques de diversão em cada cidade. Nessa época, os grupos de capoeira aproveitam esses espaços de lazer e diversão que tinha grande número de pessoas para marcarem suas brigas ou brigarem com alguém que eles tivessem “zoando” e que não gostasse da zoação.

No início do ano de 2002, estava no final do ensino médio, me preparado para enfrentar a vida fora do inferno que era a escola. Algumas noites saia de casa no ônibus que nos levava para escola para ir ver o parque na cidade. O ônibus passava pela nossa comunidade os 3 horários: de manhã, às 7 horas, no levava; às 11h nos trazia de volta e levava os estudantes do turno da tarde, os trazendo às 17 horas e, então voltando com outros alunos que trabalhavam de dia e estudavam a noite; por fim, o ônibus os traziam de volta para a comunidade às 22h30.

Como estudava pela manhã, em junho de 2002, uma terça feira, vi que o parque estava na cidade. Quando cheguei em casa, falei para minha avó que ia ver o parque com “Perninha” e “Branquelo”. Ambos eram conhecidos da minha avó, pois suas mães eram comadre dela e, por isso, ela me deixava sair com eles vez ou outra. Perninha morava no centro da cidade, e por isso, era visto como “menininha” pelos capoeiristas que residiam no alto, rua da linha e 21 zonas periféricas. Branquelo, por sua vez, morava na mesma comunidade que eu residia, em um sítio que ficava a 500 metros de minha casa, com sua mãe, que tinha se separado de seu pai. Nesta época, meu corpo já tinha mudado muito, tinha ficado mais forte, mais “ignorante” e intolerante com quem “tirava onda” e, portanto, eu resolvia meus conflitos “no braço”.

Naquela noite, quando descemos do ônibus que parava na prefeitura, próxima ao quintal de Perninha. A frente de sua casa fica virada para a rua do centro e seu quintal grande se estendia até a rua da prefeitura, em longo corredor, todo murado, com um portão de acesso nos fundos, onde perninha nos esperava, encostado. Descemos do ônibus, os alunos seguiram para escola; nós ficamos olhando procurando Perninha e o avistamos de braços cruzados em frente do portão dos fundos de seu quintal. Ele estava “todo no estilo”, com sua “volta” feita de corrente de bicicleta no pescoço e seu estilo roqueiro, com uma blusa preta da banda *Red Hot Chili Peppers*. Escutávamos Rock e andávamos de skate naquela época; éramos considerados vagabundos e marginais, até pelos grupos de capoeiras da cidade.

Branquelo usava uma barbicha no queixo porque não nascia cabelo em outro lugar de seu rosto. Com seu estilo de skatista, calça preta com chaveiro de corrente de cachorro, preso na cintura de sua calça, que descia até o seu bolso e sua camisa branca de "número 77", muito grande, do *Chicago Bulls*, personificava seu estilo.

Eu estava de Bermuda saca-praia Rota do Mar, cinza e folgada e camiseta branca, colada ao corpo para mostrar meus braços. Chegamos ao parque às 19h30 de uma quarta-feira de lua nova e fomos primeiros para barraca de tiros, depois fomos para a barraca do bingo. De repente, vi, pelo canto do olho, quando chegaram no parque três membros de uma gangue de capoeiristas que ficou nos observando. Sabia que ia "dar merda", mas não falei nada para meus parceiros.

À medida que o locutor do bingo chamava um número, um membro da gangue jogava milho em Perninha e fazia o som de uma galinha. E isso continuou por meia hora. Olhei para trás para confirmar que era o cara da capoeira. Vi os três nos encarando e ainda tinha um mais corpulento no grupo, que também era o mais alto, e apontou com o dedo para mim, fazendo o sinal de que iria "me quebrar na pancada".

Olhei para eles, balancei a cabeça fazendo o gesto que sim e nesse momento ri um pouco. Dei um toque em Perninha e Branquelo, que disseram "*deixa isso pra lá, doido! Nós vamos apanhar se bater de frente com esses caras*"! (Risos).

Esperei eles jogarem novamente o milho em Perninha, estava "doido para brigar" com aqueles caras, porque em outro dia, eles tinham batido em Paraguai, um dos parceiros, que residia em nossa comunidade rural. Sabia que foram eles que tinham dado "umas tapas" no Paraguai, porque ele tinha olhado para uma garota que era namora de Nenê, membro da gangue. Quando ela ia passando em frente a praça, Paraguai "tirou onda" e ela foi dizer ao "macho" que um roceiro tirou onda com ela.

Ao saber do fato, Nenê e seus parceiros foram tomar satisfação com Paraguai, que estava sentado no banco da praça, quando foi rodeado pelos membros da gangue. Só não bateram mais nele naquele dia porque eu cheguei na hora e puxei-o do meio da roleta de tapas. Nenê e seus colegas falaram para mim *"Ôxe, maluco, que apanhar também é, passa-fome da grota? Aqui é a cidade, nossa quebrada*!". Retruquei: *"vem pra cima mané, que tu e teus colegas vai ver como se bate"*. A minha rixa com esse grupo começou nesse dia porque eu não aceitava que os garotos da cidade ficassem nos caçoando de nossas irmãs. Um certo dia "quebrei" um garoto que estava pegando no cabelo da minha irmã, enquanto ela estava

esperando o ônibus, no final da tarde, em frente a prefeitura, que era o ponto de chegada e saída dos ônibus de estudantes. Ela estava encostada no muro branco da prefeitura o garoto chegou por trás dela, ficou do lado do muro e começou a assediá-la, puxando seus cabelos. Ela olhava para trás pedia que o garoto parasse, sem sucesso.

Não sabia ele que, do outro lado da rua, eu estava olhando e vendo tudo de braços cruzados, encostado no portão dos fundos da casa de Perninha. Deixei a situação se alongar para ver se o garoto parava com suas investidas e, como ele não parou, atravessei a rua e cheguei por trás dele sem falar nada, dei um soco no meio das costas dele, quando ele caiu no chão, gritando; enquanto ele gritava, falei "*ela pediu que você parasse não foi?!*". Quando ia chutá-lo, minha irmã, o motorista do ônibus e guardas municipais tentaram me segurar, mas em vão, pois eu era uma "besta selvagem" quando me enfurecia e, portanto, arrastei-os para pegar o garoto.

Ele correu em direção à rua da linha e deu com os três capoeiristas que tinham encontrado antes, na praça, batendo em Paraguai. Quando eles me viram, falaram: "*esse cara outra vez?*" Nesse momento, o motorista do ônibus pediu que todos nós subíssemos no ônibus e sacou da cintura um revólver, foi até os garotos e disse que o cara estava mexendo com a irmã dele. Do ponto de vista dele "o pau" foi merecido e ele disse, afrontando os garotos, que se subissem no ônibus ou aparecessem para arrumar briga, a solução seria aquela, mostrando a arma na mão.

Os adolescentes-jovens da gangue de capoeira sabiam da fama de Cabroeira, o motorista do ônibus escolar, e não queriam pagar para ver. Mas o conflito era inevitável entre nós da comunidade e os caras da rua, até o dia do parque. Sabia que eram os três que estavam jogando milho em Perninha, porque nossa rixa entre os garotos do sítio e da cidade já durava um bom tempo. Não queria saber se eles faziam capoeira ou não, eu queria mesmo era "bater de frente". Falei para Perninha e Branquelo terem coragem e encarar, senão ficaríamos desmoralizados. Em meio a nossa conversa, escutei novamente um membro da gangue falando: "*o bombado é meu*", referindo-se a mim.

Como em Sociedade de Esquina, "os jovens sentiam a necessidade de entrar para uma das três gangues que existiam no bairro onde moravam, como também, de tempos em tempos, procuravam brigas" (FOOTE-WHYTE, 2005, p,24). A briga daquela noite de segunda-feira foi inesquecível e estabeleceu uma paz entre os garotos do campo e das periferias da cidade.

Elaboramos uma tática (CERTEAU, 1994): não poderíamos enfrentar “os caras” ali, pois tinha muito espaço para eles se movimentarem; se fossemos encarar “os caras” na praça, levaríamos um “tremendo pau”. Então, saímos como se a situação não estivesse nos incomodando. Cerca de 20 metros da praça, tinha uma discoteca e, em frente à discoteca, que hoje é um clube social, paramos. A discoteca estava passando por reformas.

A tática deu certo: eles nos seguiram até a frente da discoteca, quando olhei para trás. Lembro do que falei naquele momento:

> *Olha só, três estão nos seguindo, não curtimos essa fruta não; nosso lance é outro, curtimos outra coisa mané: mulher*! *Ao contrário de vocês que ficam com uma dancinha empinando a bunda e dando saltinhos...risos.*

Ao escutarem minha provocação, partiram para briga, que era o que eles queriam desde o início, e eu também; fizeram as poses de luta... Estávamos próximos a centenas de tijolos, pedaços de ripas, pedaços de caibros[22], areia e britas. Não deu tempo de falar mais nada, peguei um tijolo e joguei com toda minha força em um membro da gangue.

O tijolo o atingiu no ombro, derrubando-o no chão, esse não se envolveu mais na briga. Eu disse a Perninha e a Branquelo aquele é de vocês, então, parti com toda minha cólera e força para cima do outro membro da gangue que era mais alto que eu. Este me deu um rodo que cai no chão batendo a nunca, nem sentir a pancada de minha cabeça contra o chão porque o sangue estava fervendo.

Me levantei como um animal enfurecido, uma besta selvagem gritando como um louco, vou te matar, sabia se desse espaço para ele se movimentar outra vez ele me arrebentaria. O agarrei pelo meio com toda força que tinha e violência brutal, derrubando-o no chão e fiquei em cima dele em um monte de área, dando soco em seu rosto, barriga e tórax.

Joguei área em seus olhos, comecei a bater mais forte nas costelas dele, até ele grita de dor, ao bater no cara dele eu imaginava que estava batendo em Risadinha que tanto me zoava. Enquanto isso, Branquelo e Perninha pegam cada um, um pedaço de ripa e começam a tentar bater no outro cara da gangue, não conseguem acertar nenhuma porrada [23] nele.

Em um movimento de ginga de capoeira, o cara tomou a madeira de Branquelo e deu uma grande pancada com a madeira em seu rosto. Escutei o grito de Branquelo, como já tinha

---

[23] . O termo era frequentemente utilizado quando pretendíamos bater em alguém que não gostávamos.

dado um pau no outro cara, pois, ele mal conseguia respirar, parti como um animal enfurecido para cima do outro cara, que, quando me viu tão doido, indo em sua direção, começou a correr.

Corri atrás dele pelo meio da rua, até o início da quadra velha que ficava próxima de uma escola numa esquina. Não dava para ver a quadra ou quem estava nela porque antes da quadra tinha 05 casas. Nesse pega-pega, consegui segurar em sua camisa, ele falava "deixa pra lá *véi*, foi mal", não falei nada puxei sua camisa que rasgou.

Ao virar à esquina que dava acesso a quadra de futsal, ele entrou no meio de uma pelada que seu grupo estava jogando, gritando socorro, cansado de tanto correr. Fiquei paralisado com o pedaço da camisa do cara na minha mão, pensei vou levar o maior sacode agora.

Os caras olhavam para mim, eu olhava para eles, correr eu não iria porque seria vergonhoso, como ele tinha feito. A pergunta que todos se faziam era o que teria acontecido? Quem é esse cara? O mestre de capoeira estava lá olhando a pelada, perguntou o que aconteceu. Nenê falou sua versão eu falei a minha, ele olhou para mim de cima para baixo e replicou, vocês levaram o pau desse cara!

Enquanto isso, eu estava fugando como um boi, tentando recuperar o folego, tentando baixar a adrenalina. Falei para o mestre que eles estavam nos zoando a muito tempo com seus amigos, era para isso que ele ensinava capoeira? O mestre disse: "quem é você para falar isso!?" Eu falei: o cara que deu um pau em um de seus alunos.

Falei que em uma briga vale tudo amigo, vocês subestimaram minha vontade. Fui convidado pelo mestre para participar da gangue, falei que não. No dia seguinte, o pai de Branquelo soube do ocorrido e veio de Maceió com dois carros com 7 caras do (CV) Comando Vermelho, até a casa do mestre e o obrigou a levá-lo à casa do adolescente que começou a briga.

Segundo Branquelo, que foi com seu velho até a casa do mestre de capoeira para levar o velho de dele até casa do adolescente que provocou briga. Ao chegarem a casa do sujeito, os cara do CV desceram dos carros de arma em punho, o mestre de capoeira estava na frente de sua residência quando viu estonteado aquele bonde armado até os dentes.

O pai de Branquelo era filho de um militar de baixa patente que residia em um sítio próximo de minha casa e próximo da casa de Branquelo, as casa ficavam uns 300 metros umas das outras. O pai de Branquelo era separado de sua mãe e motorista de ônibus da

empresa Real Alagoas e por desenvolver esse trabalho há muito tempo fazendo transporte intermunicipal, morava na periferia de Maceió, no bairro do Clima Bom. Era um cara respeitado pelos gerentes das biqueiras locais que falavam para o mesmo se precisasse de algum favor, era só falar, que a situação seria resolvida pelo coletivo. Então o "velho de Branquelo" saiu da periferia do Clima Bom com um Bonde do CV para uma cidade do interior de Alagoas, só para resolver esse pequeno conflito com o mestre capoeirista.

O mestre capoeirista teve que levar o bonde até a casa de seu aluno. Ao chegar em frente a casa do adolescente, responsável pela briga, o pai de Branquelo bate palmas, uma, duas e três falando "ô de casa, faz favor" com toda educação. Os familiares do adolescente saem até o portão.

Nesse momento, segundo Branquelo, seu pai diz ao pai do outro adolescente, "posso ter um dedo de prosa com o senhor?", a pergunta/afirmação do outro indivíduo atordoado com a situação, balança a cabeça que sim. Branquelo e seu pai entram na casa, o papo é direto para os pais do adolescente, dessa vez vou deixar passar, olhem para o rosto dele e vejam o que seu filho fez. Mas se acontecer de outra vez, o senhor já sabe, dê uma olhada pela janela.

Branquelo estava com uma parte do rosto toda inchada devido a madeirada que recebeu durante a briga, saiu da confusão com alguns arranhões e respeitado pelos caras da cidade. O pai de Branquelo não era do crime, mas era um "chegado" dos caras da quebrada. Segundo Branquelo**,** seu velho fazia um churrasco e festas em casa, para ver jogos de futebol e passava na comunidade convidando a todos para a confraternização em seu grande quintal. Isso lhe dava muita moral.

Convidava a todos sem preconceito ou distinção de quem fazia os corres ou de quem trabalhava em outras coisas, ali todos eram seus vizinhos e se respeitavam mutuamente. Os tratava com respeito, como qualquer outro morador da comunidade e por isso tinha o respeito dos donos das biqueiras que conduziam empreendimentos associados ao CV, na época.

Imagino se esse conflito tivesse acontecido nos dias de hoje. Poderia ter saído até morte daquela peleja. O crime naquela época era coisa de adulto, os adultos faziam a maioria dos corres e vendiam a própria maconha. No final da primeira década dos anos 2000, inicia-se os primeiros recrutamentos de adolescentes-jovens para realizar os correr nas cidades do interior de Alagoas, devido, ao aumento significativo dessa força de trabalho que chegaram à periferia dessas cidades devido o esvaziamento do campo.

2.6. Êxodo rural e formação de bairros periféricos no interior de Alagoas

O aumento gradativo do perímetro urbano de algumas cidades do interior de Alagoas, onde realizei a pesquisa cresceram gradativamente ao longo dos anos 90 e início da primeira década do ano 2000. Com a falência de algumas usinas de açúcar de Alagoas, algumas fazendas que tinham a monocultura da cana de açúcar como a única base econômica (CARVALHO, 2009) entraram em decadência, provocando a desocupação de seus arruados.

Esse fator econômico, histórico, geográfico, social e sociológico provocou uma fuga em massa de mão de obra do campo para a cidade. Povoando sem organização as zonas que ainda não tinham sido demarcadas no perímetro urbano como bairros ou como local para construção de moradias (ALBUQUERQUE, 2009).

Assim, iniciou-se a ocupação de grotas, morros e locais sem a mínima infraestrutura e dignidade social para a população dessas cidades que foram formando seu espaço geográfico, alargando seu perímetro urbano. A formação desse modelo residencial de moradias precárias é fruto de vários processos sociais. O que mais encontrei na fala dos interlocutores foram relatos que eles vieram do campo para a cidade, forçados pelos usineiros.

Esse fenômeno sociológico só foi possível, devido a intervenção do capitalismo internacional que estava entrando no Estado em forma de investimento financeiro internacional sobre o campo (ALMEIDA, 1997). Esse processo de modernização capitaneada pela lógica capitalista desenvolveu-se de várias formas, através de transferência do capital financeiro de usinas de Alagoas para outras regiões do país, como a região Sudeste. Em forma de aquisição de terras mais férteis ou em forma de investimento em outras usinas fora de Alagoas de grupos alagoanos que começaram a investir e produzir em outros Estados.

Ao longo da década de 90, as fazendas de cana de açúcar perderam a capacidade de produção devido a falta de investimento no campo e a exploração desenfreada do solo sem repor seus minerais. Com a decadência do grande latifúndio canavieiro produtor de cana de açúcar (SOUZA, 2011). As poucas usinas que restaram na zona da mata alagoana começaram a comprar ou arrendar terras para realizar seus próprios investimentos e assim competir no mercado interno e externo (SILVA, 1990).

> Um terceiro fato sócio-histórico ligado ao capitalismo, configurou-se pela compra de terras por grandes empresários de Alagoas ou grupos estrangeiros para destinar as terras adquiridas a agropecuária ou a grande plantação de eucalipto, esta última encontra em decadência no Estado de alagoas devido a Legislação ambiental e seus ricos para o meio ambiente como espécie que não pertence a flora brasileira (SILVA, 2008b, p. 46)

Neste contexto, empresários nacionais, políticos locais e grupos estrangeiros como japoneses e americanos passaram a adquirir as terras das antigas fazendas produtoras de açúcar (HEREDIA, 1982). Logo depois da compra ou arrendamento da fazenda. Acontecia o despejo de todos os moradores dos arruados (HEREDIA, 1982) porque os usineiros, empresários e políticos não tinham interesse em manter a mão de obra no local.

Com êxodo rural forçado (SOUZA, 2011) do campo para a cidade, essa força de trabalho concentrou-se em abundância nas periferias das cidades alagoanas e em pequenos povoados que se formaram através desse processo. Precisando sobreviver, estes trabalhadores vendiam e vendem sua força de trabalho até a exaustão de suas mentes e de seus corpos, como reflete Verçosa (2018), em suas pesquisas com trabalhadores do setor canavieiro em Alagoas.

Pensar no futuro que o estudo poderia dar nesse período para os filhos dos trabalhadores rurais era difícil. Apenas alguns poucos conseguiram se manter no campo e viver de trabalhos avulsos, um dia aqui, outro dia ali, uma mão de obra volante a disposição de quem tem serviços braçal para fazer (THOMPSON, 1981).

É a partir dessa particularidade sócio-histórica alagoana que cresce os números de moradias e ocupações de zonas antes inabitadas da capital e das pequenas cidades, onde realizo a pesquisa. Os interlocutores desse trabalho, são os filhos do êxodo rural que na cidade tiveram que se adaptar a outro estilo de vida, totalmente diferente do campo.

Não pretendo adentrar mais na discussão sobre o êxodo rural e como este, deu forma a algumas periferias em Alagoas. Leva essa discussão em frente direcionaria a pesquisa para outras perspectivas sociológicas, que não vislumbro nesse campo. Mas, fazer esse recorte temporal faz sentido para situar o processo, para que todos possam entender, um dos fatores, entre tantos outros que contribuíram para o desenvolvimento de zonas periférica no perímetro urbano de cidades alagoanas e porque esses agentes sociais que residem nessas localidades são Excluídos-Marginalizados.

3 PARTE 2 - TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO E UMA ETNOGRAFIA DAS MARGENS ENTRE DENTRO E FORA DA ESCOLA

Não existe nenhum manual que nos ensine a realizar uma pesquisa de campo (BECKER, 1993) e, por mais livros de metodologia sociológica que possamos ler, a imersão no campo, sempre provoca aquele "frio na barriga", um certo nervosismo, ansiedade para iniciar logo a pesquisa (MALINOWSKI, 1978). Quando chegamos ao campo, até que passasse aqueles 20 ou 30 minutos de euforia, quando nossa mente gira, pensamos por onde começar, tentamos sistematizar as ideias e nada... tentamos seguir um roteiro que delimitamos previamente e nada...

A primeira coisa que fiz durante a pesquisa participante, durante as conversas com os interlocutores foi começar a interagir com pessoas da comunidade, da família dos adolescentes ou da instituição estudada para que todos se sentissem confortáveis, em segurança e à vontade com minha presença para compartilhar suas histórias de e seus dramas sociais.

Isso se deu a partir de um processo de confiança, respeito, negociação e reconhecimento social de meus status de *sujeito homem* [24] (DRYBREAD, 2014; RODRIGUES, 2020) por parte dos adolescentes e como profissional interessado em resolver algumas situações posta diante de mim.

Eu era coordenador do Programa Mais Educação, projeto e política pública de educação em tempo integral, que foi implantado nas escolas alagoanas a partir de 2013. Os educandos que deveriam ser assistidos por este programa do governo federal, deveriam estar em estado de vulnerabilidade social, como também, a família deveria estar inscrita em pelo menos em uma política de assistência social como o Bolsa Família, política de reforma agrária ou o Programa do Leite. O leite era, e continua sendo uma política assistencialista que é doado para a população carente uma vez por semana durante um ano.

Antes de formar as turmas, o coordenador do programa escolhia os campos do conhecimento que seriam ensinados no contraturno que o aluno estudava. Depois disso, analisávamos ficha por ficha de alunos, suas notas, casos de indisciplinas e condições financeiras da família para incluir os educandos no programa.

[24] Quando os adolescentes falam sobre a noção de *sujeito homem*, refletem em seu imaginário social sobre um repertório de masculinidade que deixa transparecer para os outros sujeitos que aquela pessoal, resolve qualquer problema e se impõem para os outros em qualquer situação de conflito.

Após construir toda essa estrutura para que o programa funcionasse na prática, escolhíamos os monitores de cada campo do conhecimento. Foi durante esse período que conseguir encaixar João, meu aluno, que se tornou professor e construiu, durante o percurso da pesquisa, várias pontes nas cidades onde realizei a pesquisa com interlocutores da EJA.

Diante dessa configuração social e educacional em 2013, comecei a registrar eventos desse microuniverso social que é a instituição escolar, através de diários pessoais. Comecei a perceber através dos registros que realizava diariamente, que a maioria dos casos de indisciplina que aconteciam dentro da escola eram realizados por adolescentes-jovens da EJA. Não pretendo construir uma morfologia da violência escolar neste trabalho, mas apenas dar visibilidade aos agentes que a sofrem e a reproduzem.

> Charlot (1997) apud Abramovay (2002) discute o conceito de violência escolar classificando-a em três níveis. a) violências: como golpes, ferimentos, roubos, crimes, vandalismo; b) incivilidades: humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito; c) violência simbólica ou institucional: representando a violência das relações de poder entre professores e alunos, além da imposição de conteúdos alheios ao interesse dos jovens e da insatisfação profissional dos professores com a indiferença dos alunos (PINTO, 2013).

Os alunos da EJA, antes de serem direcionados para essa modalidade de ensino, fizeram e fazem um percurso dentro da escola como aluno regular, mas, de acordo com o ensino de 09 (Nove) anos, estes devem seguir um fluxo entre idade, série, desenvolvimentos de competências e habilidades.

Não atingindo nenhum desses atributos educacionais, estes adolescentes-jovens são matriculados nas turmas da EJA, se completarem 15 anos antes de 31 de março de cada ano. Esse é o limite determinado pela legislação educacional (LDB, 1996). Estes alunos são lotados em duas turmas dessa modalidade de ensino da EJA, a 4ª ou 5ª etapas que funcionam no período matutino, vespertino ou noturno, dependendo da cidade ou região que a escola esteja inserida. A modalidade EJA é, de acordo com a lei, uma política de inclusão educacional, mas o que vi e ouvi desses agentes sociais foram relatos de processo exclusão-marginalização constantes.

Em 2014 percebi, através dos registros que realizava no livro de ocorrências, e em conversas paralelas com adolescentes-jovens da EJA, que estes se mostravam menos suscetíveis à disciplina escolar. Do meu ponto de vista, que tinha passado por processo semelhante, compreendia algumas razões desses eventos, mas eu queria compreender o ponto de vista dos alunos para interpretar sociologicamente aquilo que entendia como dinâmicas de

exclusão, um processo antigo que se perpetuava dentro da escola. Os relatos que descrevia no livro de ocorrências eram uma forma de comprovar e acompanhar o fato ocorrido naquele dia – esses registros eram obrigatórios, pois a tarefa estava indexada no regimento escolar.

Os registros cumpriam a função de um mecanismo disciplinar e consistia em três etapas: da ocorrência, da advertências verbal, escrita e o desligamento do agente social da escola. Hoje percebo que aqueles registros foram importantes para eu compreender a tensão e o conflito entre valores escolares e valores periféricos. No entanto, o que chamou minha atenção nessa figuração social foi a forma como comunidade e escola estavam organizadas para excluir-marginalizar aqueles agentes sociais que estavam na EJA.

Os percursos sociais desses adolescentes-jovens que foram e são interlocutores dessa pesquisa, demonstram sua autopercepção das relações tensas que giram em torno de suas personalidades, cultura e envolvimento com o crime. Eles sabem dos porquês são excluídos-marginalizados e considerados pessoas desviantes aos olhos da escola e da comunidade.

3.1. Relembrando as ocorrências durante a pesquisa de campo

Em uma reunião, em março de 2013, estávamos refletindo sobre o fato de alguns alunos serem indisciplinados. Meus companheiros de trabalho se apropriavam do senso comum para refletir sobre a situação, então descrevi com detalhes, quais eram os fatores sociais que contribuíam para a indisciplina dentro da escola. Essas observações foram frutos de 02 anos e seis meses de anotações que realizei dentro da escola, buscando encontrar respostas para as práticas de ação desses alunos dentro da escola e o que suas motivações.

Isso me levou a cumprir mais uma tarefa dentro da escola, que era registrar as ocorrências dos alunos em um livro que ficaria na secretaria da escola. Este livro era denominado livro de ocorrências dos alunos, porque ali ficavam escritos os conflitos dos alunos com professores, coordenadores, gestores, outros alunos e funcionários da escola.

Durante os registros das ocorrências, tive a oportunidade de conversar com os alunos sobre os fatos acontecidos em cada situação. Os alunos e alunas que se sentiam à vontade com a minha presença e confiavam em mim, falavam que só fizeram aquilo porque o professor, aluno ou funcionário da equipe escolar, os percebiam como um Z*é ninguém* [25].

[25] Pessoa que não tem a quem recorrer “na hora do aperto”, em situações de conflito.

Na maioria das vezes, eles só respondiam a altura à provocação. Outros falavam que estavam passando fome, que o pai batia na mãe, que tinha que fazer "uns corres" para ganhar "uma grana" para comprar comida etc.

3.2. Notas sobre corpos sem lembranças

Os vi ainda criança, desde quando foram matriculados na Educação Infantil em seu primeiro dia de aula. Os vi crescendo e, passo a passo, acompanhei suas metamorfoses e tormentas dentro da escola e na comunidade, que logo cedo lhe impingiram os dilemas para quem é desprovido de certo capital social (BOURDIEU, 2006). Os vi se tornarem adolescentes-jovens, alunos-alunas da EJA, em conflito com a escola e comunidade.

Na escola, ouviam gritos do diretor e de professores, sendo motivo de piada para os outros alunos; na comunidade, alguns deles passavam por vários tipos de vulnerabilidades sociais e, por isso, eram excluídos-marginalizados dentro e fora da escola.

Tinham poucos amigos, colegas ou parceiros e seus gostos culturais pelos ilícitos e o proibido apareciam desde cedo em suas gírias como "*mano*", "*tá ligado*?", "*véi*", "*171*", "*X9*", "*cabuetas*[26] têm que morrer", "*suave*", "*vida loca*". As músicas, que escutavam em pequenas caixinhas de som, tinham como expressão a linguagem que utilizavam para se diferenciar de outros alunos, como excitação a criminalidade, sexualidade.

Estes alunos e alunas tinham dificuldades de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem em sala e, por mais que me esforçasse para atrair a atenção deles, não conseguia despertar o interesse de participar das atividades em sala; seguiam em diante na carreira escolar até parar nas turmas que reprovam. Ou seja, da educação infantil, esses alunos e alunas iam para o ensino fundamental, onde, só acontece a retenção dos alunos no 3º e 5º ano do ensino fundamental – Anos iniciais.

Meu primeiro trabalho enquanto professor foi em uma turma do 3º ano do ensino fundamental – Anos iniciais. Alguns alunos apresentavam um histórico de retenção nessa turma por mais de dois anos consecutivos. Daí, elaborei um plano de alfabetização baseado na leitura, no qual todos os dias eu lia histórias para os alunos e em seguida, fazia uma pequena atividade de teste de codificação e decodificação de algumas palavras da história. Utilizava

[26] Pessoa que fala demais e o que não deve, nas comunidades a repressão aos cabuetas vai de muitas a algumas pauladas, expulsão da comunidade e até da vida (LIRA, 2013).

durante as aulas dois alfabetos móveis emborrachados para os alunos formarem em suas carteiras as palavras que ouviram durante a história.

Todavia, ao longo desse processo de ensino-aprendizagem, tanto para os alunos quanto para mim, que estava iniciando na profissão, percebi que alguns alunos, mesmo com todo o meu esforço, ficavam dispersos durante as aulas. Não prestavam atenção e sempre implicavam com os outros colegas que queriam aprender. Foi a partir desse momento que passei a investigar a vida desses alunos e desvendar as histórias de vida de cada um deles. Mas por mais que eu os incentivasse, eles não seguiram o fluxo e foram, ao longo dos anos, se enquadrando na categoria de alunos e alunas da EJA.

Durante os anos desses alunos e alunas na EJA, comecei a conversar mais com esses adolescente-jovens que tinham mais afinidade, já que alguns foram meus alunos durante o Ensino Fundamental – Anos Finais e, por isso, confiavam em me falar algumas coisas que não falavam para outros professores.

3.3. A trama Bimba, Mané, Louco Clay e Wesley

Bimba foi meu aluno e me deu muito trabalho desde a educação infantil, pois atacava seus colegas e, além de bater, tomar o lanche ou agarrar as meninas para beijar à força. Isso provocava reações negativas de pais, mães, professores, coordenadores e diretores da escola sobre a criança que se tornou adolescente.

Em nossa conversa, Bimba falou que queria ser igual ao pai, que era chamado de *Trinta e Cinco*. Segundo o adolescente, seu pai matou um homem na pequena comunidade que morava por causa de uma partida de sinuca que valia 10,00 R$ reais. Trinta e Cinco perdeu a partida de sinuca, mas deu 9 facadas em seu companheiro de jogo. Esse fato provocou revolta na comunidade e, mesmo assim, Trinta e Cinco viveu na comunidade por seis meses, até ser morto "numa cocó[27]" por parentes da vítima. À época do ocorrido, Bimba ainda não tinha nascido, sua mãe estava gravida de 6 meses. Ela contou a narrativa do seu pai para Bimba quando ele tinha 04 anos. Em nossas conversas, ele sempre dizia que sentia vontade de matar e que seu pai era um orgulho para ele, porque em sua interpretação, seu pai era um "homem de verdade".

[27] Linguagem periférica que significa planejar, armar ou levar a uma cilada um rival através do uso da confiança que o agente tem em outros agentes. É através da afetividade que esse agente se deixa levar até o lugar onde os seus dissidentes estão, aguardado o sujeito para o acertos de contas. Na maioria das vezes os interlocutores falaram que para esse tipo de ação eles utilizam mais meninas para levar os sujeitos até o lugar da cocó.

Aos 11 anos, Bimba passou a frequentar algumas biqueiras como usuário. Aos doze, já fazia uns corres[28] por uma porção de maconha para consumo e, aos 15, foi brutalmente assassinado. Sua morte aconteceu em uma biqueira, em uma noite de um sábado chuvoso, em maio de 2017, por causa de uma garota que namorava com um de seus parceiros de boca. Ela teria terminado o namoro para ficar "de chamego" com Mané, que não usava drogas, mas possuía amizades com gente "boa de dedo" e do "Crime", que matava "sem dó nem piedade" quem entrassem em seu caminho.

As histórias de vida de Bimba e Mané se cruzam por uns 10 minutos. Mané fazia o trajeto para casa da garota que antes estava de chamego com o parceiro de Bimba. Ela agora estava de chamego com Mané que residia em outra comunidade. Na tessitura desse tecido social é importante frisar que muitas mulheres nessa região não se veem como sexo frágil, manipulável e dominada pelos homens, ela possuem um certa faceirice nesse tipo de trama social em alguns casos em outros não .

Nas periferias, algumas garotas desde cedo desenvolvem uma autopercepção de que são livres para fazer o que quiserem. Elas fazem suas escolhas e essas escolhas abrangem parceiros, a participação nos corres ou na participação de "cocós" a "cabuetas". Isso significa também que estarão sujeitas aos códigos de honra masculinos, com punições potencialmente violentas e cruéis.

Naquela noite, ao ver Mané passando em sua quebrada, Bimba sabia que ele estava indo até a casa da garota que antes tinha um chamego com seu parceiro de quebrada e boca de fumo. Seu parceiro estava "de boa", não queria arrumar peleja com ninguém por causa de uma garota, mas para impor respeito na quebrada e ganhar fama, Bimba tomou as dores de seu parceiro e foi de encontro ao invasor de seu território.

Bimba estava com seus parceiros e disse a Mané que deixasse a garota, pois ela ainda voltaria para seu parceiro. Mané disse que não roubou ela de ninguém e, nesse momento, Bimba deu um "tapa na cara" de Mané. Ele já tinha uma pequena fama na comunidade de "tronqueiro".

[28] Realizava na pequena boca a função de entregar cigarros de maconha para clientes nas residências deles, de moto ou em sua bicicleta BMX.

Este não reagiu e voltou para o bar onde se encontrava "Louco Clay[29]", um pistoleiro de fama na comunidade. Louco Clay era um jovem matador que morava em um sítio local e trabalhava como vaqueiro em suas terras. Sua notoriedade como matador vinha de longa data, mas para a comunidade ele era uma espécie de justiceiro do povoado e, nesta noite, estava no bar do povoado tomando uma cachaça com seu amigo de infância: Mané.

O jovem pistoleiro perguntou ao seu parceiro por que ele voltou tão rápido da *sarrada*[30] com a garota. O companheiro disse que foi pego numa "cocó pelas malas" do beco e levou um tapa no rosto. Mané era um *considerado*[31] de Louco Clay, se conheciam desde criança; Clay não usava drogas, mas, segundo diziam, atirava em qualquer pessoa que o desafiasse, "só para ver a queda".

Mané não era matador, mas rapaz trabalhador e "bom de bola", mas sabia da reputação de seu colega. Ao falar para Louco Clay que teve *uma arenga* [32] com os usuários de maconha da favelinha por causa da garota, o pistoleiro "ficou puto" e chamou seu amigo para ir até o local "bater um papo reto" com os "garotões da quebrada".

Os dois montaram na moto e saíram do bar com Mané pilotando a moto e Louco Clay na garupa. Ao chegaram no local onde estava instalada a boca de fumo, os adolescentes estavam dando uns "tapas na erva", quando viram Mané chegar de moto.

Sem perceberem que Louco Clay estava na garupa da moto porque os faróis estavam ligados, os adolescentes "zoam" e dizem "*ôxe, o maluco veio levar berro de novo*". Clay ainda na garupa disse: "*olha só os maconheiros... querem virar homem*", descendo da moto e já perguntando a Mané quem tinha lhe agredido e Mané apontou com o dedo para Bimba.

Todos na comunidade sabiam da reputação de Clay. Bimba nunca poderia imaginar que um rapaz pacato como aquele em quem ele bateu fosse parceiro de Clay. Sem falar nada,

---

[29] Clay Allison (1840-1887) ou "Louco Clay" desde muito novo começou a matar. Esse vaqueiro do Texas tinha fama de ser rápido no gatilho. Havia incontáveis mandados de prisão contra ele, mas ninguém se atrevia a ser seu carrasco. Quando se juntou a um batalhão durante a Guerra da Secessão, seus companheiros rapidamente o rotularam de psicopata, por sua falta de escrúpulos na hora de matar. Não uso nomes de personagens fictícios ou reais para dar mais dinâmicas a pesquisa, mas, porque o perfil dos interlocutores e personagens de romances e da história são análogos aos perfis psicológicos e sua conduta se combinam dos interlocutores ou agentes que compõem esse tecido social. Assim, como esse vaqueiro matador do velho oeste americano, o interlocutor que denomino de Louco Clay, também é vaqueiro e começou a matar desde cedo e hoje matar é matador de aluguel.

[30] Termo usado pelo adolescentes-jovens que ficam com uma garota realizados atos eróticos sem penetração para que chegam ao gozo tanto ele como ela através desses atos de fantasia, desejo e prazer.

[31] Amigo de responsa em que podemos confiar e por esse se faz tudo.

[32] Na cultura popular local o termo significa que um sujeito não vai com a cara do outro.

Clay saca seu "38" da cintura e disfere 05 tiros em Bimba que, de "sangue quente" tenta fugir, mas não consegue.

Os primeiros tiros acertam o peito de Bimba a uma distância de 15 metros. Os outros 02 tiros acertaram sua barriga. Bimba, no calor da situação, correu por cerca de 30 metros e, em seguida, caiu em uma pequena viela que não era pavimentada, entre duas casas. A chuva caía intermitente e por causa dessa instabilidade, as biqueiras em um ambiente rural estavam cheias de lama.

As pessoas que presenciaram a cena e os parceiros de quebrada de Bimba começaram a gritar, correr e pedir socorro para o adolescente. Enquanto lama e água da chuva cobriam seu rosto, seu sangue se misturava à poça de lama que escorria na levada das biqueiras das duas casas onde ele caiu.

Ao levar os primeiros tiros, o adolescente implora por sua vida através da pergunta retórica "*o que é isso, véi?"*[33]. Seus últimos gestos ao cair na vala da biqueira foram levantar uma das mãos e, com a outra, tocar os buracos de balas em seu corpo; com a mão levantada ele acenava, como se estivesse chamando alguém. Em seu último suspiro de vida conseguiu balbuciar uma palavra antes de morrer: "*Mamãe!... Socorro...*". Essas cenas foram descritas em tom jocoso por Clay quem, de acordo com os relatos, ria sem parar. Ele narrou os fatos para seus parceiros, ressaltando que matou o "*pequeno maloqueiro*" porque queria "crescer" na comunidade.

Naquela época, não existia na comunidade uma boca de fumo organizada e sobre a proteção de coletivos criminais como CV e PCC – se existisse, Clay seria morto. Bimba só fazia alguns corres para "gente pequena" que nada podia fazer em relação ao acontecido. Depois desse assassinato, Clay "derrubou" mais dois parceiros de Bimba e dois milicianos que foram tentar "dar cabo" da vida do jovem pistoleiro, que continuara livre.

Após o acontecido, Mané fugiu de sua comunidade para Maceió, onde ele tinha uma tia que morava em uma das grotas [34] de um grande bairro periférico. Clay ficou na comunidade como se nada tivesse acontecido, vivendo sua vida normalmente – até porque o

[33] A expressão "o que é isso, véi" é de uso corriqueiro nas quebradas alagoanas e representam uma construção simbólica usada para tentar dissuadir o sujeito da ação.

[34] Fenômeno da ocupação urbana em áreas baixas da capital Alagoana que foram ocupadas no final dos anos 70, pelos agentes sociais que sofreram com a transformação do campo e pelos agentes sociais que sofreram com a grande especulação imobiliária das zonas altas e a beira mar da capital Alagoana. Como alternativas as grotas foram ocupadas naquele período devido ao êxodo em massa dessas zonas citadas.

crime não foi denunciado pela mãe de Bimba, mas, nesse caso, de um homicídio sequer precisaria de denúncia para ser investigado pelas autoridades competentes.

Alguns dizem que Clay tem padrinhos politicamente influentes, tanto em nível micro, da política local, quanto no nível macro, da política estadual, e, por isso, o caso "não deu em nada". Alguns meses depois, um boato se espalhou na comunidade: os parceiros de Bimba iriam se vingar. Esse boato chegou ao conhecimento de Clay que "não pensou duas vezes" e armou uma emboscada na beira de uma estrada de barro que dava acesso a um canavial em que trabalhava Zé pequeno, parceiro de boca de Bimba.

A emboscada contra Zé Pequeno que trabalhava no campo, em todo tipo de serviço, aconteceu na manhã de um sexta-feira, quando ele ia para o serviço, a pé, com sua enxada nas costas e uma sacola de supermercado que guardava seu almoço. Clay já tinha planejado tudo e o esperava em uma moita de capim sempre-verde, capim que cresce mais de 02 metros de altura, onde dava para perfeitamente se esconder.

De dentro do capim, à beira da estrada de barro, Zé pequeno levou o primeiro tiro de rifle calibre 44, disparado por Clay. O cavalo de Zé Pequeno se assustou com o som do disparo e saiu correndo; Zé Pequeno foi atingindo na barriga e caiu no chão. Ferido, ele viu Clay sair de dentro da moita de capim andando em sua direção. Enquanto Zé Pequeno se arrastava pelo chão, em um esforço desnecessário, tentando fugir e falar ao mesmo tempo para Clay que não havia falado nada sobre ele.

Sem falar nada, Clay se aproximou de Zé Pequeno enquanto este ficou sentado, tremendo de medo, paralisado. Nesse instante, o rifle foi colocado em seu ouvido e engatilhado. O jovem matador puxou o gatilho, sem pena ou piedade e nenhum remorso. Todos esses agentes têm histórias sociais análogas de conflitos, vulnerabilidades sociais e educacionais. Clay também foi aluno da EJA, mas como dividia seu tempo de estudo com o trabalho de vaqueiro, deixou de estudar.

Meses depois do ocorrido, Clay faria mais duas vítimas. Dessa vez, dois milicianos que tentaram fazer uma emboscada para ele. Esses milicianos eram liderados por um policial de baixa patente que oferecia serviços de segurança na comunidade, cobrando de cada casa 10 reais.

Essa milícia armada dominou o território da pequena cidade periférica alagoana por um ano. Quem atrapalhava seus negócios, aparecia morto e quem não pagasse pelo serviço de segurança, tinha sua casa roubada. Para os milicianos, escutar de pessoas da comunidade que

Clay era um "garoto bom" era uma afronta à moral da milícia, que dominava toda a cidade com o consentimento das forças de segurança pública local.

Com suas ações, Clay desmoralizava tanto os pequenos traficantes da comunidade rural, quanto o grupo de milicianos que vendiam serviços de segurança para a comunidade. Segundo alguns interlocutores, os dois milicianos que foram fazer a cocó contra Clay eram experientes matadores, com um currículo bem vasto de assassinatos a pequenos ladrões, "vagabundos" e traficantes da pequena cidade de Alagoas.

Uma das marcas do miliciano Wesley[35], quando levava uma pessoa para a desova, era obrigar o indivíduo a cavar sua própria cova. Após cavar a cova, Wesley e os milicianos atiravam à queima-roupa em seus inimigos. Quando colocavam o cadáver na cova, deixava a mão direita do cadáver para fora da terra. Essa era uma inscrição simbólica que este fato tinha sido praticado por ele e seus parceiros da milícia.

Segundo alguns interlocutores, a família de Bimba teria contrato Wesley para "dar cabo" à vida de Louco Clay, que andava na cidade como se nada tivesse acontecido. Os milicianos já estavam em seu encalço e ele, portanto, com sua cabeça a prêmio. Isso seria, então, definitivamente consolidado.

Wesley, matador temido e apadrinhado das forças de segurança locais, era um dos milicianos a quem todos temiam na pequena cidade do interior de Alagoas, devido ao seu "temperamento explosivo". Era um homem de confiança de um soldado militar de baixa patente que comandava a milícia armada por toda a cidade e em suas comunidades rurais.

Com um plano mirabolante, Wesley convidou um de seus parceiros de crimes para ir até o pequeno povoado em que morava o vaqueiro Louco Clay, para matá-lo e acabar com a sua fama. O interessante é que os dois agentes sociais, antes da vida no crime, só estudaram até a 4ª etapa da EJA; desistiram de estudar preferindo ir trabalhar em serviços braçais antes de se tornarem matadores. Algumas vezes, os dois se encontraram na comunidade onde o miliciano fazia suas rondas semanais, chegando até um "bater de frente com o outro" por causa de garotas, mas nunca chegaram às vias de fato.

Outros fenômenos sociais parecidos nas histórias de vida de Wesley e Clay são os contextos familiares caóticos, a pobreza, a falta de alimento, o alcoolismo de seus pais, as agressões constantes sofridas por suas mães etc. Uma diferença entre os dois agentes é que o

[35] John Wesley Hordin (1853-1895), fora da lei do velho oeste americano que iniciou sua vida no crime aos dozes anos de idade.

pai do primeiro morreu de um coma alcóolico quando este tinha 6 anos de idade, enquanto o pai do segundo permanece vivo até os dias de hoje, bem como seu filho.

No início da década de 1980, o pai de Wesley e o meu travaram uma briga de foice, em um partido de cana de açúcar, por causa da contagem de feixes de cana crua, mas os dois saíram da peleja apenas com ferimentos leves e uma rixa que duraria até o final da vida.

O exemplo que utilizo demonstra como uma cadeia de eventos sociais e históricos estão integrados de alguma forma. Assim como Wesley e Clay, eu também sentia vontade de vingança pelo que fizeram a mim e ao meu pai, mas ao contraio dos dois, eu bloqueava a expressão da violência que tanto queria expressar em atos contra aqueles que me excluía-marginalizava devido aos valores morais de minha socialização primaria (WINNICOTT, 2005) com minha avó.

Ao contrário de Wesley e Clay, sua educação primaria tinha muitas rupturas que não condensava a expressão da coerção em suas condutas. Desde cedo, ambos os agentes iniciaram a vida cometendo pequenos crimes, roubos na comunidade e ataques físicos a colegas de escola e não sofriam nenhuma coerção de seus pais ou da comunidade. O destino moldaria os caminhos para que os dois se encontrassem para dali em diante, apenas um deles ser uma espécie de "Titã" do universo excluído-marginalizado da periferia daquela comunidade. Em uma quinta-feira, por volta das 15 horas, a vida de um deles chegaria ao fim, pelas mãos do outro. Wesley, preparou um plano para ir até a casa de Clay com seu parceiro para "dar cabo" da vida daquele que desafiava a moral dele e dos milicianos. O plano consistia em uma compra de cavalos, na vizinhança do sítio onde Clay ficava. Por ser vaqueiro, os milicianos bolaram em ir até a casa do "cabuloso" fingindo procurar alguma informação sobre cavalos.

Ao chegar na comunidade dos jovens, os milicianos deixam o carro a cerca de 100 metros da casa dos jovens e seguiram. Sabendo onde era a casa, os dois pararam na porta da frente e pediram água para a mãe de Clay, perguntando onde o jovem estaria.

A mãe do jovem, que se encontrava escorada na porta, escuta e vai pegar a água, mas avisa Clay que Wesley miliciano está na frente da casa à sua procura com um parceiro. A velha senhora esperta, abriu a geladeira pegou a embalagem de refrigerante que continha água e foi caminhando bem devagar até a porta da frente, enquanto Clay saía sorrateiramente, pela porta dos fundos, com seu rifle, surpreendendo os dois que focavam a visão na velha senhora que vinha de dentro da casa.

Clay não falou nada, engatilhou o rifle e atirou no parceiro de Wesley; o disparo atingiu seu peito direito; ele caiu no chão e saiu rastejando. Ao escutar o "pipoco" (o som estridente) do tiro, Wesley tentou sacar a pistola da cintura, mas não deu tempo; recebeu o primeiro tiro "bem no meio do peito" deixando a pistola cair no chão... o segundo tiro, já com ele no chão, foi desferido em sua testa e outro dois, no tórax.

Enquanto o outro miliciano que levou o primeiro tiro se arrastava pelo chão, ciente da condição, Louco Clay, deixou-o se arrastando e foi pegar uma "mão de pilão[36]" que ficava nos fundos da sua casa. De volta, com a ferramenta na mão, ele diz, "*Ôxe, véi, vai correr é?! Onde pensa que vai?"* e começou a bater em seus joelhos, como se fazia com os grãos, enquanto o sujeito gritava e, em seguida, passou a esmagar sua cabeça com a mão de pilão, até que ela abrisse. Obtive esse relato de um adolescente que presenciou os fatos à certa distância, do morro que residia.

Este fato motivou alguns traficantes que eram aterrorizados pelos milicianos, a reagirem contra eles, fazendo "acerto de contas" e extermínio de seus rivais. Um por um, cada membro da milícia foi sendo morto em emboscas pela cidade até o final de 2020. Nesse mesmo ano, a milícia chegaria ao fim na cidade que passou a viver sobre a sintonia dos coletivos PCC e NT.

3.4. Magrela: a garota que não era objeto

Ao completar 13 anos, Magrela começou a se envolver com homens casados da comunidade. Foi assim que conheceu o gerente da boca de fumo que Bimba frequentava e, às vezes, fazia alguns corres com ele.

Magrela passou a frequentar mais a boca, gaseava[37] aulas para ficar na quebrada, em terrenos baldios e ruinas de prédios aos arredores da escola para dar "tapas na erva"[38]. Não demorou muito para que Magrela tivesse um caso com o gerente da pequena biqueira. O problema era que ele era casado, o que motivou em um conflito entre Magrela e companheira

[36] Uma ferramenta pesada que sua mãe usava para moer mecanicamente os grãos de café ou milho.
[37] Gíria utilizada por adolescentes-jovens que fingem ir para a escola, mas rumam para outros lugares.
[38] Dar tapa na erva, na linguagem periférica, significa fumar um cigarro de maconha, dividir com um ou mais aquela sensação de liberdade (Fala de Magrela para uma amiga que me concedeu a entrevista. 2021).

do rapaz, que fez da *piriguete*[39] um exemplo para outras meninas ou mulheres que tivessem a ousadia de envolver com seu homem.

Magrela foi aluna da EJA em 2016, expulsa da mesma escola que Bimba, por causas dos atos de indisciplina e uso de drogas dentro da escola. Enquanto profissional da educação, acompanhei o processo de registro de ocorrência dos dois. Em 2019, 4 meses depois que sua mãe faleceu de tuberculose, Magrela passou a conviver com o padrasto, com o qual tinha constantes desavenças porque o indivíduo batia em sua mãe quando bebia.

A mãe de Magrela, dona Macabéa[40], sempre esteve presente na escola para saber como seus filhos estavam indo, principalmente sua filha mais velha. A garota dava muito trabalho para dona Macabéa, que tinha uma estrutura corporal raquítica, calejada pelo tempo e pelo trabalho no campo, adubando cana de açúcar, plantando, cortando e plantando sua roça. A mãe da garota, durante muito tempo, foi uma migrante que passou grande parte de sua vida "correndo trecho", de Estado em Estado, até encontrar na reforma agrária, em Alagoas, um local para fincar raízes, morrendo 10 anos depois.

Seu companheiro, Chico, não trabalhava de forma economicamente ativa, pois era aposentado e à época, tinha cerca de 70 anos de idade; gastava quase toda sua renda da aposentadoria com bebidas alcoólicas. Segundo Magrela, quando Chico bebia, ficava bravo e começava a agredir verbalmente sua mãe, falando que "a encontrou no lixo e deu um nome para ela". Ao ver a cena, a garota começava a discutir com o padrasto. Em meio a esse conflito, já doente, dona Macabéa morreu e a garota e seus irmãos ficaram arrasados diante de tal tragédia. Seu parceiro "nem ligou" para o luto dos enteados e, no mesmo dia, "encheu a cara", de acordo com relatos de vizinhos.

Quando a mãe de Magrela morreu, deixou uma casa no assentamento Tikuna, onde Chico ficou morando com os filhos de sua companheira. A garota, que era a mais velha de 4 irmãos, tinha 17 anos nessa época e não gostou da situação porque a todo momento o padrasto a coagia, chamando a garota de "*puta*", "*rapariga*" e "*quenga*" da comunidade.

> Ela bebia, fumava, cheirava meia peteca de pó, puxava uma erva e fumava craque quando tinha alguns trocados. Para a garota, nenhum homem a prendia, ela era livre para ficar com quem quisesse, ela escolhia seus parceiros porque esse fato era sinônimo de conquista. Se o adolescente, jovem ou homem

[39] Garotas que, à revelia dos julgamentos morais patriarcais, se relacionam, sexualmente ou não com garotos e homens.

[40] O nome Macabéa é retirando do romance "A hora da Estrela", de Clarice Lispector (1977) e por retratar a personagem Macabéa como uma Migrante frágil e nordestina, assim, como a mãe de Magrela.

> quisesse lhe dar uns trocados, ela aceitava como presente, mas não como moeda de troca porque ela não era uma garota-objeto que se vendia, o que ela gostava era de aproveitar a vida e esquecer dos problemas de casa (Lilian, parceira de Magrela, 2020).

Em 2019, um dia de domingo, Magrela passou o dia todo, em uma "social[41]", uma festinha particular organizada com os parceiros de boca. Nela, cada indivíduo leva algo para comer ou beber, ao som do *Funk*, *Reggae*, ritmos tocados no som de um "paredão[42]". Eles "puxam uma erva", "cheiram um pó", "fumam um pouco de crack" misturado com "um tubo de 51[43]".

A social começou às 10 horas da manhã, seguiu noite adentro e terminou a meia-noite daquele dia. Magrela chegou em casa por volta de 01h da manhã de segunda-feira, entrou na pequena casa de dois cômodos e foi direto para seu quarto, que não tinha porta, mas uma cortina fazia essa função.

Segundo suas irmãs mais novas Dani e Tati, ela entrou em casa e foi direto para sua cama, feita de madeira que tinha lastro de varas de cabotam, retiradas de uma mata próxima da residência, seu colchão feito de dois pedaços de espumas velhas, reaproveitadas de outro colchão.

Aproveitando a oportunidade na qual Magrela estava indefesa e frágil para se defender, Chico pegou um serrote e, sem falar nada, foi até o quarto da jovem e serrou seu pescoço, até decepar sua cabeça. Chico foi preso pela polícia e contou na delegacia que matou a jovem porque ela falava que iria matá-lo. Ele disse que para não morrer quando ela tivesse uma oportunidade, ele a mataria primeiro.

Como Chico tinha 70 anos de idade e, como aquele fora seu primeiro crime, ele foi liberado pelos policiais e pelo poder judiciário. Ao saber do ocorrido, Mano Veio, dono da pequena boca de fumo da comunidade, sem nenhuma sintonia com coletivos criminais (PCC, CV ou Neutros), começou a falar para todos que iam comprar maconha em seu bar que se Chico aparecesse na comunidade, o mataria pelo crime que cometeu contra a garota com

---

[41] Festas organizadas em segredo por adolescentes-jovens em um lugar reservado onde desfrutam de todos os prazeres e desejos da vida, segundo a concepção dos interlocutores que contribuíram com o desenvolvimento dessa pesquisa, conforme registrado em Diário de campo, em setembro de 2021.

[42] Segundo Santos e Rodrigues (2019) São sistemas sonoros formados pelo agrupamento estético-funcional de aparelhos de reprodução de grandes potência sonora montados sobre o reboque de automóveis as chamadas carrocinhas de sons.

[43] Tubo ou litrão gíria utilizada para bebidas como Pitú ou a 51.

quem ele tinha um "chamego". Ao saber dos boatos, Chico nunca mais voltou para comunidade e as irmãs de Magrela, Dani e Tati foram morar com parentes próximos.

3.5. As tramas afetivas e letais entre Dentinho e Marcão

As trajetórias biográficas que configuravam a vida ordinária de Bimba e Magrela são análogas às de Dentinho, que também foi meu aluno no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, em uma escola da periferia, em Alagoas. Lembro que Dentinho era uma criança tímida e possuía uma condição especial[44]. Quando estudava comigo, ao longo dos anos, passou a mudar seu comportamento. Observei quando ele se tornou adolescente e começou a cometer vários atos de indisciplina dentro da escola, confrontava alunos, professores, coordenadores e gestores da escola. Seus conflitos tinham virado rotina para nós da escola e seus colegas de turma da 5ª Etapa da EJA, do turno vespertino.

O adolescente, não tinha nenhum interesse em estudar, passou a andar com Bimba, Magrela e Zé Pequeno. Dentinho levava cola de sapateiro para "cheirar" dentro da escola, em latas de refrigerante. Segundo o adolescente, a droga servia para relaxar durante as aulas. O fato de todos os dias, Dentinho estar com aquela "latinha de cola" me chamou a atenção.

A latinha de refrigerante tinha dois compartimentos, o primeiro na parte de cima ficava um espaço vazio de 2 dedos para colocar maconha, pedrinha de crack. Na parte de baixo, que girava, ficava a cola que o adolescente usava com seus parceiros no banheiro da escola. Mesmo antes de comercializar seus produtos, um de seus amigos já comercializava na comunidade. Seu apelido era Tempero, ex-aluno da 5ª Etapa de EJA, que foi expulso da escola um ano antes de Magrela e Bimba.

Em uma tarde de segunda feira fiquei no portão de entrada da escola, o portão era estreito de um metro de largura. Fiquei no local porque o assessor de disciplina tinha me falado que Bimba, Magrela e Dentinho estavam "lombrados" (sob efeito de substâncias psicoativas) e queriam entrar na escola. Como eu era "um considerado" dos adolescentes, o funcionário me chamou porque temia a reação deles ao falar que eles não poderiam entrar na escola daquele jeito[45]. Fui direto para o portão, onde se encontravam os três e falei para o

[44] A condição especial que o adolescente tinha era TEA (Transtorno do Espectro Autista). Quando fui seu professor sua mãe falou de sua condição e me mostrou seu diagnóstico médico. Na época entediamos como uma necessidade especial e não como uma condição.

[45] Os jovens tinham consumido na ocasião, uma antes hora de entrar na escola bebidas e usados drogas.

funcionário que os deixasse entrar porque queira falar com eles. Eles entraram e os chamei para conversar na sala de Educação Especial da escola. Conversamos por duas horas, até os adultos responsáveis pelos jovens chegarem, pois já havia solicitado a outro profissional da escola que saísse e, discretamente convocasse seus responsáveis.

Nesse dia, pedi a Dentinho que, por gentileza, me mostrasse a "latinha de cola", mas ele falou que era uma caixinha de som, então, argumentei que queria ver por que era tão diferente. Ele falou para mim "*qué isso véi, ôxi, tá doido é?*", perguntei se havia algo escondido em sua caixinha de som. O adolescente entregou a caixinha que estava com um pen drive, tocando as músicas do MC Marginal. Comecei a girar a latinha na minha mão e, quando o compartimento de cima começou a girar no sentido anti-horário, comecei a girar a parte de cima, até ver o que tinha dentro da lata, tanto em cima quanto embaixo: lá estava um líquido de cheiro forte. Minha disponibilidade para conversar com esses alunos me possibilitaram vários diálogos, como o seguinte:

> *- Eu: o que é isso?*
> *- Dentinho: você sabe, parceiro!*
> *- Eu: hum...não vai entrar com isso não, Dentinho!*
> *- Dentinho: Oxi meu irmão, deixa de lomba, é só para cheirar uma vez ou outra e também vender para os manos no banheiro.*
> *- Eu: Quem são esses meninos e meninas que pagam para dar um cheiro na latinha?*
> *- Dentinho: Uns cinco da EJA, eu combro 4 pau por cada cheiro.*
> *- Eu: Nossa, tu vai ficar rico Dentinho...*

Todos que estavam na sala começaram a rir e tranquilamente, ele me entregou a latinha. Não contei para o outro coordenador da escola e nem para o diretor porque eles moravam na comunidade e já conheciam o envolvimento de Dentinho com os "caras errados" que chegaram na comunidade, vindos de Maceió. E como sempre, depois das "resenhas", eu dava um "sermão" nos adolescentes, mesmo sabendo que, naquele momento, eles compreenderiam minha intenção, mas passados alguns dias, os via envolvidos em outras tramas sociais conflitivas dentro da escola e na comunidade.

Quando os responsáveis chegaram, expliquei a situação para eles, que não demonstraram surpresa, apenas agradeceram por os chamar para levar os filhos deles para casa aquele dia. Contudo, Dentinho preferiu ficar na escola, então, permiti, mas fiquei alerta. Após a pequena reunião e conversa com os pais, Dentinho foi para sua sala de aula da 5ª etapa da EJA e, meia hora depois, vejo um professor gritando em sua sala: "*saia da minha sala, maloqueiro! Sai fio da peste, fio do cancro, marginal! Vai fazer raiva a outro, maconheiro*".

Cheguei até a porta da sala e vi Dentinho em pé, falando para o professor "ir tirar ele dali" e, ao perceber que eu estava presenciando a cena, o professor baixou a voz e falou que não dava mais para dar aula com a presença do estudante.

Fiz um sinal como dedo, chamando o adolescente, que veio em minha direção e perguntei para ele o que tinha acontecido; respondeu que o professor tinha feito gestos obscenos com o apagador, colocando em frente ao seu pênis e balançando perguntado para os alunos quem queria apagar o quadro. Dentinho disse para o professor que aquilo era errado que, se fosse um aluno, seria suspenso da escola. Daí o professor disse "*vai dizer ao funcionário, aquele que dá valor a vocês*". Eu era uns dos funcionários da escola e, ao escutar os gritos, fui até a sala para ver o que estava ocorrendo, embora não fosse a primeira vez que aquilo acontecia, fosse com aquele ou com outros professores.

Após acalmar Dentinho, não registrei o fato no livro de ocorrência dos alunos. Pedi que fosse para sua casa e o devolvi sua caixinha. Saindo da escola nesse dia, Dentinho não foi para casa, foi "puxar uma erva" com os parceiros de boca. Soube do acontecido no outro dia pelo próprio adolescente. Falei para o adolescente que ele estava trilhando um caminho sem volta; ele parecia não ligar muito para o que eu falava, mas sempre me ouvia calado.

Certo dia, Dentinho me falava de suas aventuras na comunidade com os parceiros de boca, dizia que tinha vários homens que faziam sexo com outros homens na comunidade. Esses agentes, eram solteiros, tinham namoradas ou eram casados tinham filhos, mas pagam para adolescentes-jovens como ele, por encontros em segredo.

Diariamente, eu ficava de frente para o portão, desempenhando uma função que não era a minha porque os funcionários designados para aquela função e que residiam em outra comunidade como eu, tinham receio de ficar no portão porque sempre aparecia alguém das biqueiras querendo entrar para ver as garotas, mas quando eu ficava no portão, eles ficavam só olhando e não solicitavam a entrada na escola.

Certa tarde, enquanto conversávamos em frente ao portão da escola, passou Marcão. Este tinha filhos na escola, tivera a expressão de sua sexualidade reprimida pela família. Eu não sabia que Marcão era gay. Ao passar por nós, Marcão nos cumprimentou, fingindo não conhecer Dentinho. Quando Marcão desceu a esquina, Dentinho falou para mim "*aquela Coca é Fanta*". Falei para ele deixar de "zoeira", quando ele respondeu: "*Pode crer! Eu traço ele uma vez ou outra, por uns trocados, par de tênis, um par de chuteira, camisa, bermuda etc.*"

Naquele momento, percebi que Dentinho estava envolvido em uma trama social complexa, a qual poderia gerar um conflito a qualquer momento, incluindo o envolvimento com os parceiros de boca, pois o envolvimento afetivo por interesse em bens materiais com Marcão poderia ter um final dramático, como teve.

Dona Ciça sempre esteve presente nas reuniões de pais e mestres que aconteciam duas vezes por ano na escola, uma no início do ano letivo e outra que era realizada entre os meses de setembro e outubro. Em uma dessas reuniões, que aconteceu no segundo dia de aula, em uma tarde de terça-feira, após a reunião, Dona Ciça pediu para eu colocar Dentinho em uma carteira próxima ao quadro. Ele tinha um problema de audição e dicção. Atendi seu pedido, colocando Dentinho, à época com 8 anos, mais à frente, para ver melhor o quadro e escutar o que eu falava. Dentinho *gazeava* aula para puxar um baseado nas quebradas próximas da escola e, vez ou outra, "falava o que não devia", expondo terceiros em suas histórias.

De aluno da 5ª Etapa de EJA, o adolescente passou a cursar o Ensino Médio na cidade, na mesma escola que Risadinha foi diretor, em minha época de estudante. Segundo alguns adolescentes que o conheciam do tempo que era profissional da educação naquela comunidade. Nas conversas paralelas que sempre tinha com alguns alunos a respeitos de outros, como estavam se adaptando na cidade no ensino médio e aos novos professores procurava entender como estavam se adaptando a esse novo ambiente. Se o ensino era mais pesado e como os professores os tratavam.

Em um desses diálogos com adolescentes ex-alunos da escola que trabalhei, alguns desses adolescentes-jovens estudavam na 5ª etapa da EJA e agora estavam estudando no ensino médio na cidade sede distrital. Perguntei para os estudantes como estavam se saindo nas disciplinas novas, como ia vida de Dentinho na nova escola e eles me falaram que ele não assistia às aulas e começou a estabelecer ligações fraternais com os "uns caras de má reputação"[46] que ficavam fora da escola, oferecendo drogas e serviços nos corres que eles faziam em suas quebradas.

Segundo os estudantes com quem falava sempre na praça central da cidade onde fica a igreja matriz, Dentinho começou "gazear" aula para sair com seus novos parceiros para beber, fazer alguns corres com parceiros em residências nas periferias da cidade. Agora, o comércio de drogas estava em sintonia com o PCC e seguia seu fluxo normal por causa dos "arregos" (propinas) que eram pagos para alguns agentes de segurança pública local que faziam "vista

[46] Na linguagem popular local pessoas que fazem coisas erradas.

grossa" para as ilicitudes (comércio de drogas, armas e celulares roubados e vendidos nas periferias da cidade).

A vida de Dentinho, nesse contexto, se direcionou para um fim dramático: foi assassinado na noite de um sábado, em 2018, por um rapaz com quem tinha um caso secreto. Através da fofoca que rolava na comunidade, Marcão ficou sabendo que Dentinho estava espalhando para todos em sua rua e na comunidade que os dois tinham um caso. "Curtindo uma social", em um sábado à noite, em 2018, Dentinho estava encostado em uma árvore em frente à discoteca, fumando um baseado e bebendo um pouco de cerveja em um corpo descartável. Marcão chegou repentinamente, fez sinal com a mão, chamando o jovem para conversar. Dentinho não foi ao encontro de Marcão e, em tom de voz alto, de modo que quem quisesse poderia ouvir, respondeu: "*se for bronca comigo, meu irmão, hoje não quero ouvir melodia, não, parceiro*". Neste momento, Marcão foi ao seu encontro tomar satisfação sobre as revelações do jovem na comunidade.

Antes do trágico acontecimento, nessa noite, Nem fazia um vídeo dos jovens que estavam se divertindo naquele momento. Distante cerca de 30 metros de Dentinho e Marcão, ao perceber o entrevero, Nem parou de gravar seu vídeo e passou a gravar a discussão entre Dentinho e Marcão. Segundo Nem, eles jamais imaginariam que aquilo poderia acontecer: parecia "resenha", mas se tornou tragédia.

Ao ser perguntado por Marcão se o jovem falou ou não, ele respondeu no mesmo momento: "*falei sim essa porra, e daí!?*" Neste instante, Marcão sacou uma peixeira de cabo branco, que estava escondida em suas costas, na cintura, e deu a primeira facada no peito do jovem. Ao ser atingindo, ele gritou e começou a correr; todos que estavam perto correram e ninguém o ajudou. Marcão o perseguiu e, após correr e implorar por socorro, distante cerca de 100 metros do primeiro ataque, caiu em frente a uma Assembleia de Deus que, naquela noite, celebrava um culto religioso – ninguém saiu de dentro da Assembleia de Deus para socorrer o jovem caído no chão, em frente à igreja. Marcão pulou sobre o jovem, dando mais duas facadas em suas costas, as quais foram fatais.

De uma posição privilegiada de observação participante de dentro da escola, notei como essas tramas sociais de exclusão-marginalização se formavam em torno desses agentes sociais que chegam à modalidade de ensino EJA. Pobres, pretos, pardos, periféricos e em sintonia com o mundo do crime. Essas são características que diferenciam esses adolescentes-jovens da EJA de outros agentes sociais atendidos pela escola.

Se considerarmos as três trajetórias, Magrela e Bimba foram expulsos da escola, enquanto Dentinho conseguiu concluir com a ajuda de todos os professores que não queriam mais vê-lo na escola. Estas características dos alunos da EJA são invisibilizadas pela instituição escolar, pelas políticas públicas educacionais e pelas políticas públicas de assistência social. Esse emaranhado de contrastes sociais cimenta certos estereótipos sobre os adolescentes-jovens da EJA, devido ao acúmulo dessas desvantagens sociais (MISSE,2008).

Um dado que ficou bem evidente durante a pesquisa de campo, foi o impacto do término da política do programa de escola em tempo integral. O programa havia tirado os adolescentes-jovens das ruas e levado para dentro da instituição escolar e, assim, impediu alguns de formarem parcerias com as sintonias criminais em suas horas de tempo vago.

Com o fim dessa política educacional de educação em tempo integral, percebi que os adolescentes-jovens da EJA estão mais vulneráveis às investidas e ao assédio dos coletivos criminais e dos adultos sobre seus corpos, a fim de explorar sexualmente tirando proveito de sua situação de vulnerabilidade. Casos de exclusão-marginalização de sujeitos periféricos ainda persistem no tempo-espaço social, se estruturando de acordo com as sintonias que se instalam nas cidades do interior de Alagoas.

Outro aspecto que ficou explícito durante os relatos de memória que são análogos aos acontecimentos de campo que realizo entre 2021 e 2022. São as questões sociais no que diz respeito à fragilidade social desses agentes periféricos que, devido a dinâmica letal dos conflitos que acontecem nesses territórios, coloca-os na linha de frente, como um soldado a serviço da biqueira ou a exposição-exploração sexual de seus corpos.

O acesso e o envolvimento com os mercados ilícitos de drogas, roubos, venda de armas de fogo e relações amorosas-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, que ainda não assumiram sua identidade sexual, expõem esses adolescentes-jovens a determinadas relações perigosas que terminam em conflitos letais. Na maioria das vezes, essas relações perigosas estão ancoradas em diversos tipos de fraternidades e relações de segurança, amorosa, trabalho, exploração, sujeição e amizade.

No caso de garotos/garotas que tem seus corpos violados e expostos a uma prematura atividade sexual, esse fenômeno ocorre logo cedo na comunidade, através das investidas de homens mais velhos da comunidade que se aproveitam da situação de vulnerabilidade-necessidade dos adolescentes-jovens e lhes oferecem dinheiro ou presente em troca de favores sexuais.

3.6. Os jovens dentro da escola: exclusão-marginalização e a disciplina dos corpos vulneráveis

Todas as instituições de ensino têm que seguir alguns parâmetros jurídicos-legais para existir enquanto instituição. As normas disciplinares que regem esse tipo de regulação levam em conta um conjunto de diretrizes que deveria seguido em todas as escolas do Brasil.

Essa regulação é consolidada em todas as escolas, de modo geral, para indexar uma rotina disciplinar nos alunos. Cada área do conhecimento que se desenvolve por meio de disciplinas ministradas por professores que, na maioria das vezes, não tem o capital cultural necessário para o trabalho intelectual, baliza alguns conflitos entre eles e os alunos, provocando algumas fissuras durante o processo ensino-aprendizagem, já que algumas lacunas não preenchidas, limitam a potência do desenvolvimento de certas competências e habilidades no trato com os alunos da EJA.

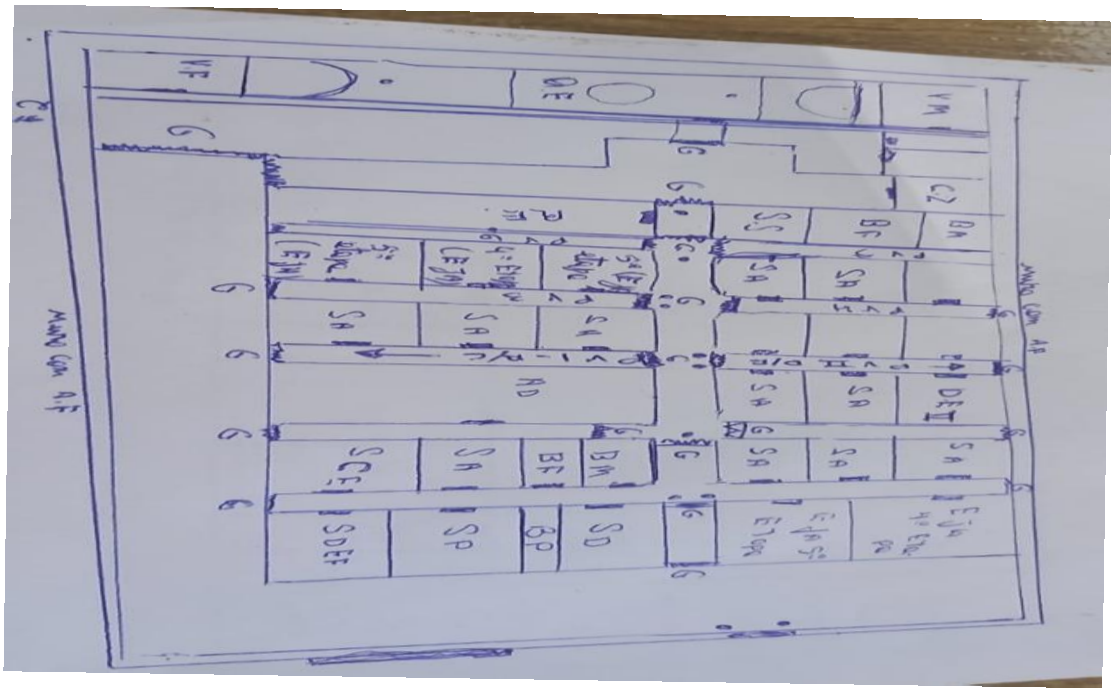

Figura 9. Escola I, estrutura escolar descrita na visão de “Lombrado” (Diário de Campo, 2021).

Neste desenho da estrutura escolar falada por Lombrando, um dos interlocutores da pesquisa, que demonstra sua lembrança do espaço da escola. À medida que o agente ia descrevendo cada lugar específico da instituição, eu ia tentando desenhar algo parecido com a estrutura real do lugar, o qual visitaria alguns meses depois. Demarco nesse mapa e em outros, alguns símbolos e abreviações de letras para se referir a lugares ou profissionais da

escola como: SA; SP; SD; SC; RE; AD; BF; BM; QE; G; PV; AG; BE; BF; CE; MCE; MAF; MN; SAEFAI; SAEFAF; SAEJA etc.

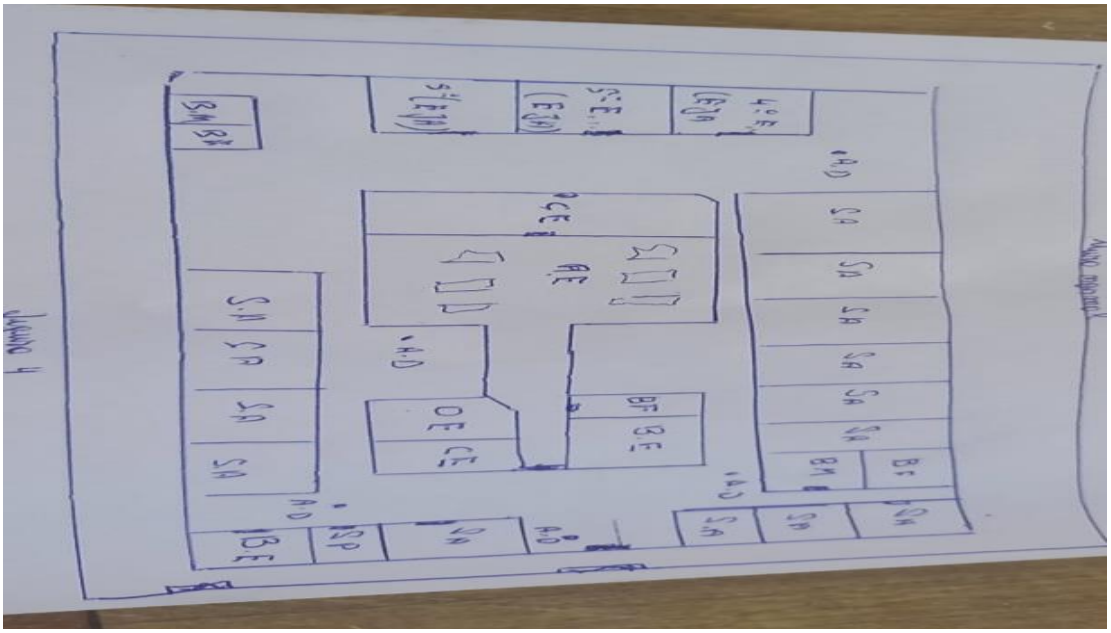

Figura 10. Escola II, que atende a modalidade da EJA (Adolescentes-Jovens).

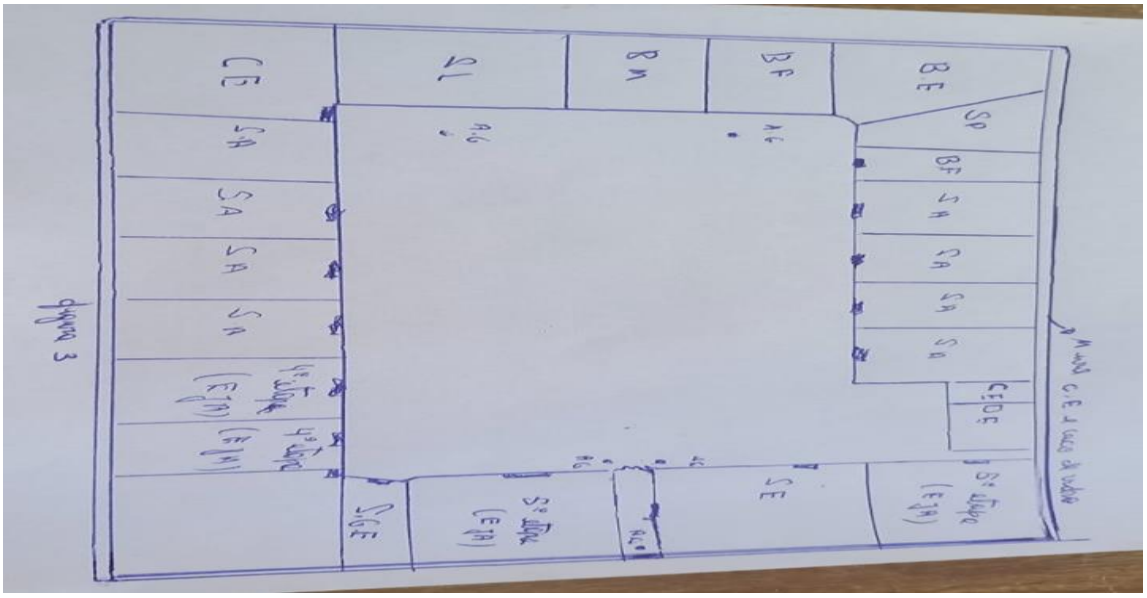

Figura 11. Escola III, que atende a modalidade da EJA (Adolescentes-Jovens-Adultos).

Em todas as escolas que realizei a pesquisa, estas funcionavam os três turnos do dia, em um regime de quatros horas aulas, em escolas municipais e, em escolas estaduais, cinco horas de aula por dia. Ao funcionar nos três turnos, existe determinação de fixação de horário de chegada dos alunos e seu tempo de tolerância ao atraso, que é de 15 minutos. Dessa forma, a delimitação do tempo introjeta nos alunos uma sociabilidade disciplinar que, dependendo do

turno (matutino ou vespertino), a tolerância ao atraso varia entre 15 e 20 minutos, tempo em que os agentes sociais adentrem os muros da escola e seguirem direto para suas devidas salas de aulas.

Durante o campo percebi que o horário em que a lógica disciplinar da escola é mais flexível é no período noturno, devido a idades dos alunos-alunas. A maioria trabalha para sobreviver em trabalhos braçais ou domésticos; uma pequena parcela desses adolescentes-jovens que estudam no período noturno estão em fina sintonia com os coletivos PCC e NT.

Aulas no turno da noite são mais curtas, assim como as regras de conduta impostas para os alunos são menos rígidas. Nesse turno, os alunos entram nas escolas às 19 horas, podendo entrar até as 20h e sair da escola com menos tempo de aulas que os alunos do turno matutino e vespertino. As aulas do turno noturno terminam às 21h10 – em tese, deveriam terminar às 22h30.

No que diz respeito a essa homogeneização de horários e campos disciplinares para indexar uma rotina nos alunos, esse processo é regulamentado por lei (LDB, 1996), CFB (1988), BNCC (2011), PCNS (2011) e PNE (2014). Cada instituição de ensino tem suas particularidades para regulamentar as normas de acordo com a realidade que a escola está inserida. Se é uma escola do centro, o contexto normativo tem um pouco mais de abertura e afrouxamento das normas; se é uma escola situada em um território periférico e violento de baixa infraestrutura, essas normas são mais rígidas (BARBOSA, 2010), assim como Diógenes também encontrou:

> Se a escola fica próxima de uma periferia ou comunidade que é considerada de risco por causa de suas taxas de homicídios, vendas de drogas e participação dos alunos com as sintonias criminais, suas regras para os alunos passam a ficar mais rígidas sobre uma lógica disciplina mais forçada, através de imposição das normas do que é aceitável até certo ponto do que não é (DIOGENES, 2009).

Notei durante a pesquisa que as relações dentro da escola se dão entre os agentes sociais atravessados por vários mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 2010), como regulação para ir ao banheiro, regulação para ir falar com o diretor, coordenador, beber água, atender ao telefone, trajar alguns modelos de roupas, usar fardamento, não usar bonés etc. Essa formalização pode ser fonte de conflito. A imposição da disciplina encontra uns corpos que se submetem sem questionar, mas outros reagem de maneira desafiadora, gera conflitos e constrangimentos entre equipe diretiva e alunos.

Diferentes tipos de sociação, segundo Simmel (2005), podem se desenvolver entre agentes sociais que constroem suas ações em meio à codificação e decodificação dos signos e

símbolos que a eles são impostos. Esse complexo de normas cimenta comportamentos semelhantes e reações a essa homogeneização. Para realizar uma atividade fisiológica no banheiro, o ato do deslocamento deve ser solicitado pelo estudante ao professor, tendo, inclusive, que expor o que irá fazer antes de sair da sala. O professor tem o poder de decisão de permitir ou não a saída do estudante da sala para o banheiro da escola.

Neste contexto, ocorrem algumas fissuras dentro do espaço controlador da escola. As ações conflituosas expressas na conduta dos adolescentes-jovens evidenciam a tensão entre funcionários e estudantes. Sem a permissão do professor(a), alguns alunos passam por cima das normas e desobedecem, indo ao banheiro, a despeito de permissão. Em sua maioria, esse fenômeno de fissura da norma acontece devido ao autoritarismo de professores que foram incumbidos pela direção e coordenação da escola a limitar a ação dos agentes e suas saídas da sala.

A disciplina imposta aos corpos através de normas regulatórias elencadas em direitos e deveres só são tangíveis para alunos e alunas. Professores, coordenação pedagógica e direção da escola burlam a todo o momento tal estrutura de docilidade dos corpos que só vale para os adolescentes-jovens. Essas normas são flexíveis para coordenadores e diretores que atrasam vez ou outra, mas nunca coordenadores e diretores ao mesmo tempo porque todos precisam ser vigiados, alunos, professores e demais profissionais (FOUCAULT, 1975).

O poder invisível que educa os corpos emana da rígida disciplina da escola que funciona como uma prisão, imagem reforçada pela primeira descrição de Lombrado (figura 9). Os blocos de aulas são denominados de pavilhões, nos quais existem grades, nos três setores que separam a escola. Denomino de escola-prisão porque o conceito de educação ao denominar um corredor de uma instituição de “pavilhão”, metaforicamente sugere que seus alunos são considerados como detentos. Assim, são tratados pelos agentes de disciplina e pela constante vigilância das câmeras que existem em todos os cantos da escola.

Para compor esse cenário do sistema de escola-prisão, toda entrada de um corredor (pavilhão) é fechada por grade de cor azul, com dois agentes de disciplina que ficam sentados em cadeiras. Um pelo lado de dentro da grande e outro pelo lado de fora, controlando a entrada e saída de alunos e professores, com rádios pendurados na cintura, para informar ao chefe de disciplina e ao diretor da escola todos os casos de transgressões das normas institucionais.

Em algumas visitas de campo aos espaços escolares ou em entrevistas com os alunos da EJA, tentava compreender como esse fenômeno disciplinar era semelhante a todas as instituições de ensino, rígidos em umas e flexíveis em outras, mas semelhantes entre si. O cenário de fortificações de guerra era expresso nas falas de interlocutores que entrevistei. Muitos deles tinham a percepção de que estavam diante de um conflito entre liberdade e controle dos movimentos. Os muros altos, com grades, arames farpados e suas cercas elétricas, evidenciam que a escola quer separar o mundo da rua que os alunos estão acostumados em seu dia a dia, daquele existente dentro da escola.

A lógica disciplinar do interior da escola é contrariada pelos símbolos dos coletivos criminais pixados nos muros de algumas instituições de ensino. Contrariando todo o processo de docilidade dos corpos que acontece do lado de dentro do muro no espaço da escola, o signo e o símbolo da facção pixados no muro da escola, promove uma lógica de poder que evidencia que aquele território é dominado por um coletivo criminal e que suas biqueiras estão em estreitas sintonias com essas células: é outra disciplina, outro controle dos corpos.

A imagética do símbolo da facção expressa no muro da escola delimita vários sentidos como o de uso da violência, domínio do território e envolvimentos de alguns alunos e alunas em funções especificas desses coletivos. Eles pixam muros, portões, paredes de residências, postes de iluminação e até mesmo em placas de sinalização de trânsito. Os símbolos são pixados para delimitar as fronteiras invisíveis de um território, gerenciando o controle dos mercados ilegais naquela região.

Figura 12. Muro de uma escola com pixo do PCC e Neutros, ao mesmo tempo (Arquivo Pessoal, maio de 2021)[47]

Os muros fazem da escola uma fortaleza e sua função é tanto impedir quem está dentro ver quem está lá fora quanto quem está na rua ver o que acontece dentro da escola. Em sua tese de doutorado "A maior Zoeira na escola", Barbosa (2010), chama a atenção para o fato de que as pessoas só sabem que ali tem uma escola em razão do grande barulho de alunos e gritos de professores e agentes de disciplina pedindo silêncio ou para os alunos irem para as suas salas de aulas entre uma aula e outra.

Compondo essa figuração escolar, o contexto de sociabilidade desenvolvido dentro de seus muros é moldado pelo conflito e pela imposição dos deveres dos alunos perante a escola e sua equipe diretiva. Os gritos fazem parte da rotina de alguns diretores, coordenadores e professores, para demonstrar para os alunos que ali é um território que tem regras e eles mandam. Alguns adolescentes-jovens da EJA não aceitam determinadas condições de imposição disciplinar.

Os ritos de humilhação que alguns alunos da EJA passam são constantes e dirigidos pelos profissionais da educação. Facilmente os funcionários chamam os alunos de *vagabundos*, *maloqueiros*, *bandidos*, *noiados*, *passa-fome*, *sem-futuro* e *vai-morrer-logo*. Essas palavras depreciativas estruturam uma gramática social de redução do valor humano de uma pessoa, que exclui-marginaliza sujeitos despossuídos de qualquer dignidade social. Os repertórios de ações contra a equipe escolar desses agentes que sofrem abusos cometidos

[47] A divisão do território, neste contexto, é demarcada por um campo de futebol onde, do lado da lateral esquerda, ficam as quebradas das sintonias do PCC e, do lado da lateral direita, ficam as sintonias dos Neutros.

pelos profissionais da educação dentro da escola fazem nutrir nos adolescente-jovens uma necessidade de respeito e reconhecimento.

Ficar gritando com os alunos, como se eles fossem “um nada”, só nutre nesses agentes um desejo de enfrentar a situação e “bater de frente” com seus opressores. Mas esse “bater de frente” acontece de várias maneiras e, na visão dos interlocutores, significa não seguir as regras impostas pela escola.

Assim, para contrariar todo o sistema repressor da escola, os adolescentes-jovens levam para dentro das instituições seus *habitus* das biqueiras e suas mercadorias, fazendo do banheiro da escola, dos fundos da sala de aula ou de um lugar longe do contexto de vigilância, um ponto estratégico para a venda de mercadorias ilícitas.

Outros alunos e alunas seguem outros percursos para enfrentar a equipe escolar, demonstrando suas posturas de embate ao vestir roupas ousadas, escutar o Funk erótico-criminal, também expresso em suas posturas corporais. A atitude de seus corpos enuncia de forma clara que estes possuem estreitas ligações afetivas com os coletivos faccionais que dominada cada bairro ou cidade.

3.7. Vivenciando a sociabilidade escolar durante o campo

Segunda feira, 15 março de 2021, por volta das 6h40 da manhã, eu já estava na frente da escola, esperando meu interlocutor e a gestora da instituição escolar, para acordar meu trabalho de campo na unidade de ensino.

Parceiro chegou às 6h50 da manhã, animado porque além de ter feito essa ponte, estava dizendo a todos que passavam por nós, nos corredores da escola, que eu havia sido seu professor. Ademais, ele falava que também que fui eu quem deu a primeira chance para ele dar aula, durante o período em que cursava a graduação. Ele estava tão ansioso quanto eu, mas não demonstrava, para não “tirar onda”.

Mesmo antes da chegada da gestora da escola, Parceiro me avisa que ela era uma ex-policial da reserva, de alta patente, e não gostava de ser contrariada. Segundo Parceiro, ela já tinha dado três tapas nas costas de um professor em uma reunião pedagógica porque o havia sido contrariada, tendo suas ideias questionadas. A escola possuía um intenso controle disciplinar (FOUCAULT, 2010), tantos sobre os alunos, quanto sobre os professores. Portanto, para minha segurança e a dele, Parceiro diz para só escutar, enquanto ela e outros

falam e não falar nada. Às 07 horas, a gestora e a vice chegaram juntas à instituição. Parceiro as esperou entrarem em sua sala, para depois, após, cerca de 20 minutos irmos até elas.

Esperamos esse tempo até elas se acomodarem. Só então Parceiro foi até a sala delas. Entrou, enquanto fiquei no corredor da escola durante uns 10 minutos, observando e mapeando mentalmente o cenário que se desenrolava diante de mim. Logo em seguida, Parceiro abriu a porta, faz um sinal com a mão me chamando, quando fui ao seu encontro.

Ao entrar na sala da direção, percebi que existia um sistema de monitoramento por câmeras que possibilitava ver toda a escola, todas as salas de aulas, todas as entradas, todas as saídas, todos os pavilhões – como eram denominados pelas gestoras – e todos os banheiros da escola. Pavilhão era a denominação que a equipe dirigente da escola dava para os blocos de aulas, A, B e C e assim por diante. Ao entrarmos na sala, desenrola-se um diálogo:

> - P: Diz! Esse é o rapaz de quem te Falei!
> - D: Hummm!!!! É professor?
> - PES: Sim! Mostrei o meu currículo e as graduações...
> - Diretora: Parece mais professor de educação física viu..... risos...risos
> - PES: Eu malho um pouquinho...risos...risos...risos
> - D: Fulano! Está na hora de você ir para sala, dar aula, não?! Vou ficar conversando um pouco com seu amigo.
> - D: O processo aqui é o seguinte, já que você vem uma vez ou outra para pesquisar; são 4 turmas, onde seu colega dá aula, alguns alunos-alunas são barra pesada...Então o senhor tenha cuidado durante sua pesquisa para não falar sobre assuntos polêmicos. Como o senhor pode perceber, estamos numa escola de periferia e aqui nas redondezas tem boca de fumo para todo o lado. Já teve boca de fumo até dento da escola e alguns adolescentes que o senhor vai conversar, se eles permitirem, não será aqui dentro, mas fora da escola – eles não querem nada com a história do Brasil, só pensam em safadeza e nada mais. O senhor aceita sob estes termos? (Risos...)
> - PES: Aceito! (Nota do diário de campo, março, 2021).

Naquele momento, fiz um breve resumo em que consistia a pesquisa para a gestora, mas ela sequer prestou atenção. Então, resolvi mudar de estratégia e falar só de minha experiência de 11 anos como profissional da educação de uma escola periferia de outra cidade de Alagoas e que já tinha certa experiência com o público.

O interessante desse contexto escolar, é que não existia a modalidade de ensino EJA, no período matutino ou vespertino. Mesmo tendo adolescentes-jovens com idade para formar essas turmas, por algum motivo, a escola não tinha turmas da EJA durante o dia. Mas as relações de sociabilidade entre os adolescentes-jovens, consistia numa lógica da exclusão-marginalização através de um sistema de vigilância constantes de câmeras que monitorava as ações de determinados alunos e alunas.

A maneira como a escola tratava esses alunos e alunas, como sujeitos que viviam nas margens, prejudicava o desenvolvimento das subjetividades dos agentes. Eles eram expostos de diversas maneiras a propagandas políticas realizadas pela escola e divulgadas em diversos sítios virtuais para promover uma assistência social e educacional efêmera, com o uso da imagem dos estudantes recebendo comida, roupas ou materiais de higiene pessoal. Lombrado tinha uma posição sobre isto:

> *Oxi, vei*, eu odeio esse tipo de bagulho, se quiser dar dê! Agora tudo que nos dão tira foto daqui, tira foto dali, só pra elevar os bichos grandes. Enquanto, o pobre aqui fica na merda e eles usando a nossa foto para fazer *zueira*. Aí meu irmão, dá uma raiva da gota isso, nós, precisando de arrumar uns trampos, aí vem com essa coisinha de merenda, de roupa e curso que não serve pra nada e tudo uma foto (Diário de Campo, setembro de 2021).

A função social da escola, neste contexto, é docilizar os corpos que ali estão (FOUCAULT, 2010), através da disciplina e da exposição midiática de que a escola está desenvolvendo o seu papel que, se o aluno não aprende, a culpa é dele.

Desamparados pela família e pela escola, sem ter a quem recorrer, a fascinação para fazer parte de uma célula das sintonias dos coletivos criminais é expressa na fala dos agentes como um desejo ou conquista de um status social cobiçado. A partir do momento em que esses adolescentes-jovens com idade da EJA encontram-se ligados a essas fraternidades locais que os acolhe, sua vida muda drasticamente, passando a ser temido na escola e respeitado dentro e fora da comunidade.

Mesmo sendo aceito como um estágio das sintonias locais, estes adolescentes-jovens são respeitados em suas quebradas e na escola são temidos. Devido à presença de fraternidades criminais locais que desenvolveram e reinventaram novas lógicas dos afetos na periferia da cidade, a escola se transformou em um território hostil para estes adolescente-jovens da periferia, impondo para eles um rígido código de conduta que estes discordam e confrontam.

Nessa figuração de controle educacional, a sociabilidade da escola se expressa através do encarceramento dos corpos, das falas, das atitudes, da disciplina e dos regulamentos dos horários. A escola impõe para os agentes sociais seu regime disciplinar através de horas para entrar, hora para lanchar e hora para sair, seus regulamentos são expressos por supervisores de disciplinas que estão por todos os lados.

Em todos os corredores da instituição escolar, estão os membros da equipe dirigente com seus rádios de comunicação na cintura, prontos para informar ou denunciar ao seu comandante geral que alguns alunos e alunas não estão cumprindo as regras da instituição.

Os portões com grades por todos os lados formam a moldura de um quadro sociológico peculiar. Nos corredores, os auxiliares de segurança estão sempre de prontidão, como se fizessem a segurança de uma rua para que nenhum "desocupado" perturbe a paz alheia. As câmeras por todos os lados formam e misturam a textura da tela desse quadro sociológico que é composto por luzes apagadas e contrastes cinzas que evidenciam a obscuridade da lógica escolar e seu esforço contínuo de mascarar o processo de exclusão-marginalização dos sujeitos da EJA.

Neste cenário surreal, o poder panóptico que emerge de um conjunto de ações sinalizadas pela escola para constranger os agentes sociais, é construído sobre a lógica do encarceramento do corpo, da cultura, da sexualidade, do erotismo dançante e da subjetividade dos agentes que vivenciam em sua realidade cotidiana diversas tramas sociais complexas que ditam o ritmo do possível e do criminalizável na comunidade.

Estava explicito e implícito dentro das instituições pesquisadas o poder que a instituição escolar e seus dirigentes tinham sobre os adolescentes-jovens, que faziam os corres. Aqueles que não estavam envolvidos com os mercados ilegais sofriam da mesma privação de sua liberdade e subjetividade, não era fácil enfrentar o sistema repressor, mas eles faziam e fazem sob a proteção das sintonias locais que ficam próximas da escola.

Os agentes falavam que eles devem ser vigiados porque, a qualquer momento, poderiam cometer algum delito dentro da escola. Ou seja, a profecia de que o sujeito está propenso ao crime é uma fala constantemente enunciada pelos profissionais das escolas em seus corredores. Esse contexto de tensão restringe aos alunos de periferias o acesso a bens simbólicos que poderiam mudar sua trajetória social.

A instituição escolar cumpre um papel central na costura desse tecido social da exclusão-marginalização, acentuando a cada dia mais a desigualdade entre os que possuem capital social e os que não possuem; reproduz em suas ações e nas ações de seus agentes, os ideais de dominação do poder administrativo micro e macrossocial a serviço da construção de um sujeito que esteja condicionado a desenvolver uma subjetividade subalterna, marcada pelo clientelismo e pelo assistencialismo das políticas públicas.

Em algumas escolas que passei existiam vários projetos educacionais que tentavam conscientizar os estudantes sobre os perigos que eles correm se se envolverem com o mundo do crime. Em duas falas de palestrantes, um político e um policial, em momentos diferentes de formação para os agentes, aparecem os mesmos percursos discursivos, a marginalização do tráfico e a incriminação das pessoas que trabalham com esses negócios ilícitos. Tanto um formador como o outro pronunciaram a mesma frase "*entrar para o mundo das drogas não tem saída ou, pelo menos, em hipótese, a saída é cadeia ou cemitério*".

Após a fala desses personagens, percebi que alguns alunos comentavam um assunto num canto quase escondido do auditório. Ao me aproximar do grupo, eles não param de conversar e cheguei a participar do grupo para escutar a conversa.

> **Interlocutor**: Semana passada foi o policial e hoje é o político com cara de pau, vindo falar de consciência, trabalho e honestidade. O engraçado é que o político não falou que quando é eleição ele chega lá em casa para comprar voto dos meus velhos, chegando até a tomar café no copo de plástico com a gente. E o polícia não falou que quando eles prendem alguém e levam para a tela, eles esperam um tempo para a família do cara arrumar dinheiro para tirar o cara da tela. Se nesse tempo a família do cara não arranjar dinheiro, o cara desce (Diário de campo, 2021).

Percebo na fala do jovem indignação por ver aquelas pessoas performando papéis dentro da escola que, sob seus pontos de vista, não são coerentes com suas ações na comunidade. O problema que o grupo debatia no canto do auditório girava em torno da fofoca em torno de indivíduos que eram malvistos, mas que se achavam em condições morais de vir dar lições porque tinham dinheiro. Não sabiam eles que, na maioria das cidades do interior de Alagoas, a lógica de dominação funciona através da dominação econômica, junto com a lógica social de controle da violência enquanto mecanismo de defesa e ataque. Este cenário ganhou outros contornos com as chegadas dos coletivos criminais que passaram a exercer poderes concorrentes de uso e regulação da violência como meio de legitimação e dominação do seu território.

Estes territórios aparecem no mapa político como zona de fragilidade que precisam de ajuda do poder público, mas o problema agora é que para se entrar nesse território precisa-se negociar um acordo com as sintonias locais que passaram a realizar de maneira concorrente o serviço de governança local que o poder público não faz na comunidade.

3.8. O Pesquisador rotulado de “Maloqueiro”

Umas das lições que aprendi em campo e que não se aprende na academia, foi a de que algumas questões que o campo mostra para nós deve ficar no campo. É difícil falar isso, mas durante a pesquisa, dois de meus interlocutores foram assassinados, um por dívidas na biqueira e o outro, por causa da disputa de biqueiras enquanto a sua estava crescendo. O fenômeno do crescimento de sua biqueira chamou a atenção de outras biqueiras. Então, como na lógica hobbesiana, onde não existe regulação, o que impera é a força e a violência pelo desejo de ter o que o outro tem.

Os dois casos de assassinatos foram naturalizados nas mídias sociais como jovens que estavam envolvidos com o tráfico e foram assassinados. Mas acredito que a notícia deveria ter sido divulgada da seguinte forma: “Jovens que não são assistidos por nenhuma política pública em seu território e, por isso trabalham no tráfico, foram assassinados”.

No campo, em algumas oportunidades, professores me perguntavam como ou o que estava fazendo naquele local, pois eles percebiam que não era professor, mas desenvolvia algumas atividades uma vez por semana com aqueles alunos. Realizava com os alunos rodas de conversas, falava para eles um pouco sobre história de vida, resiliência e sobre minha própria trajetória. Nestes momentos que contavas algumas passagens de minha história de vida, todos os alunos e alunas ficavam quietos e absortos com as minhas palavras, imaginando que, possivelmente, estivesse mentido, mas como Parceiro acompanhou minha caminha, era uma testemunha de minha odisseia social.

Por causa dessas situações, recebi da coordenadora das salas o rótulo de “pesquisador maloqueiro”. De seu ponto de vista, os alunos escutavam-me e respeitavam-me porque eu falava como um deles e tinha uma postura corporal igual a deles.

> Compreender a forma de atender a diversidade dos sujeitos da EJA de forma que jovens e adultos possam estar na escola e aprender é extremamente necessário. São as necessidades da vida, desejos a realizar, metas a cumprir que ditam as disposições desses sujeitos, e por isso há a necessidade de compreender seus tempos para então organizar, segundo as possibilidades de cada grupo ou pessoas, o momento de formação, para garantir sua permanência e direito à educação (FARIAS, 2009, p. 09).

Durante a pesquisa percebo que os adolescentes-jovens demonstravam em suas falas que possuem certa agência (BOURDIEU,1983) e condições de escolha. Eles faziam certos arranjos sociais para burlar o sistema repressivo da escola, que tentava a todo custo, conter a expressão do desejo erótico sexual, da violência e do uso de drogas ilícitas dentro da escola.

As práticas de controle pela escola são construídas por um discurso produzido para moralizar as ações desses adolescentes-jovens no tempo e espaço social (GIDDENS, 1993) da escola. Percebo que essa lógica de controle é um ideal em todas as cidades que realizei a pesquisa de campo. A disciplina escolar serve para que os agentes sociais se enquadrem na rotina de opressão sem questionar nada. Neste contexto, se desvendavam as tensões e os conflitos dentro da instituição escolar que tinha pouco para oferecer.

O que chamei de sociabilidade escolar demarca limite específico da ação de agentes no tempo-espaço social. Ao confrontarem as normas da instituição, criticando professores, gritando com os monitores de disciplina, fazendo *zueira* nas salas de aula, *fumando um baseado* no canto da sala, tomando uma aguardente *Pitú* dentro de latinha de Coca-Cola quando não estão interessados no assunto, compõem essa sociabilidade dentro da escola.

Estas ações são reprimidas pelos professores que gritam com os adolescentes-jovens, recebendo o revide também aos gritos. A equipe de disciplina aparece para controlar o espaço de discussão, mas a tensão aumenta e a maneira de resolver é chamar mais monitores. O caso do aluno que confronta a escola logo é resolvido por uma lógica da imposição coercitiva disciplinar, na qual o aluno é denominado infrator, recebendo uma punição que pode ser uma conversa, suspensão ou expulsão, dependendo do caso.

Mesmo com toda essa tensão, a instituição escolar é um local de sociabilidade, abrigo e segurança para esses agentes sociais. Mesmo fazendo uns corres, e "batendo de frente" com a escola, esses agentes se refugiam de suas desavenças cotidianas na escola. Esses atores sociais se utilizam do espaço da escola como seu segundo lugar de encontro, além de suas quebradas para fazer *zoeira* com outros alunos e professores que não "curtem" sua *vibe*.

Mesmo não desenvolvendo as competências e habilidades necessárias, segundo os Parâmetros Curriculares, eles aprendem muitas coisas na internet. Com a tecnologia e o domínio de um vasto léxico da linguagem digital, alguns alunos *trolam* professores, amigos, rivais de biqueiras e pessoas desconhecidas, através de aplicativos que paralisam qualquer telefone.

Foi neste período de campo que, pela primeira vez, ouvi falar em "travar" WhatsApp, Instagram e Facebook. Fiquei impressionado como os alunos conseguiam realizar esses feitos, como eles sabiam usar as ferramentas necessárias para se expressar no universo digital.

> - PES: Como se faz isso?
> - Parado na Esquina: *Oxi*, coroa, é simples, é só ter um telefone e baixar alguns arquivos como *imune Saap* e outros arquivos para criar um WhatsApp pirata. Você pode travar o telefone de qualquer pessoa, só os telefones da maçã que é

> mais difícil, mas, para tudo tem jeito, Coroa. Quando, o telefone é da maçã, nós jogamos o número no grupo da facção e os caras manda brasa... (risos)
> - PES: Facção de WhatsApp?
> - Parado na Esquina: Sim! Doido, existem várias facções de *trava Saap*, cada uma usa um símbolo diferente para demonstrar seus poderes, mas às vezes, invadimos os grupos de WhatsApp de outras facções para demonstrar que sabemos mais do que eles. É uma *zoeira*, só com os matutos que querem ser esperto. Existem vários tipos de trava viu, Coroa, a trava Árabe, chinesa, Americana, Japonesa de todos os tipos. Quando o telefone que escolhemos recebe uma trava, esse tem que ir para o técnico se não já era (Diário de campo, outubro de 2021).

Percebo que a sociabilidade dentro da escola, além de ser expressa pelo confrontar as regras, também emerge de outros mecanismos de expressão que os adolescentes-jovens se apropriam como linguagem para usar como mecanismos de fuga de sua realidade. Ao dominarem a linguagem tecnológica e seu léxico, eles reproduzem o mesmo padrão de comportamento, levando para o mundo virtual a expressão que para sobreviver vale tudo, até quebrar regras previamente definidas.

As facções de *trava WhatsApp* são formadas por jovens das periferias que, quando não estão nos corres, ficam *trollando* os membros de outras facções. Ao conseguir travar o grupo de outas facções, eles ganham respeito no universo digital. Todos os membros de facções digitais usam nomes fictícios em seus WhatsApp para que ninguém descubra seu verdadeiro nome; assim, com um "nome de guerra" o grupo realiza ataques virtuais às outras facções. Levando o conflito de quebrada do mundo real para o mundo virtual que é sem regras, diferentes do mundo real, no qual é preciso seguir algumas condutas.

3.9. A sociabilidade dos excluídos-marginalizados fora da escola

Fora do espaço regulador e controlador da subjetividade, os adolescentes-jovens da EJA forjam suas relações com o mundo. Esses agentes sociais estão em uma constante metamorfose na vida ordinária. Dentro da escola, as relações de sociabilidade entre equipe dirigente e alunos(as) são mediadas por percursos educacionais de exclusão-marginalização.

A lógica desses agentes sociais sobre a vida é aproveitá-la, aqui e agora, pois "o amanhã ninguém sabe", ou seja, o tempo presente deve ser vivido porque o futuro é indefinido. Ao interpretar essa lógica nos discursos dos três adolescentes-jovens, ao longo de vários encontros com eles, percebi a partir de suas falas, como eles estabelecem suas relações de sociabilidade fora do ambiente repressor da escola.

- PES: Como vocês aproveitam a vida?

- PARADO NA ESQUINA: É o seguinte, Coroa...nós somos jovem periféricos, não temos dinheiros para viajar e ninguém aqui trabalha, mas damos nosso bote para se divertir (risos).
- PES: Como vocês realizam esses circuitos de diversão...imagino que seja assim?
PARADO NA ESQUINA. Coroa! O bagulho é doido...nós três aqui fazemos alguns corres na quebrada que cada um mora, aí de vez em quando, organizamos uma social!
- PES: O que é uma social?
- LOMBRADO: Social, Coroa, é um tipo de festinha onde convidamos os chegados tanto os manos como as minas de responsa que já tão no mundão, e lá fazemos o que queremos ninguém é forçado ou forçada a nada!
- PES: Mundão! Como assim?
- LOMBRADO: Coroa.. (risos), as minas que trepa, pô...em que mudo o senhor vive?
- PES: Mas, elas são obrigadas a fazer sexo?
- LOMBRADO: Oxi, Coroa! Tá doido é?! (risos) Todo mundo que estar na social é parceiro, as minas ficam com quem elas querem e com quantos e quantas elas querem. Não tem essa não, de obrigar ninguém a fazer o que não quer, lá não é a escola não, vamos para fazer doideira mesmo, o que conta lá para pegar uma mina ou um cara depende do gosto é o papo dele ou dela. Existem vários tipos de social que organizamos entre nós com alguns manos e minas da escola. Na escola têm umas 10 do mundão... O senhor nem imagina os que elas fazem... (risos). Sim! Voltando, tem social que organizamos que é só para os manos, nesse dia, após o racha no campinho de área, vamos para a casa de um mano que mora só. Aí curtimos muitos baseados, lança perfume, cola de sapateiro vendo um monte de filme pornô.
O Boca de Pinga nem pisca, fica olhando os filmes como um donzelo (risos). E o Parado na Esquina, após dar alguns tapas na erva, fica rindo à toa o tempo todo, eu fico só na minha, na leveza. O outro tipo de social é quando fazemos alguns corres e todos os parceiros estão com um pouco de dinheiro, então, alugamos uma piscina e passamos a tarde toda bêbedo, usando drogas e ouvindo Funk. Agora a social que é o bicho e que ninguém quer perder é aquela que organizamos só para a bagaceira, cachaça, drogas e sexo a vontade. Trepa quem quer e ninguém é obrigado ou obrigada a nada... (DIÁRIO DE CAMPO, AGOSTO DE 2021).

- PES: Como assim... vale tudo?
- LOMBRADO: Vale tudo se a mina quiser, mas primeiro quem vai da primeira vez, tem que passar por um batizado.... (risos).
- LOMBRADO: Primeiro pesquisamos o local onde vai acontecer a social, depois avisamos os manos e as minas que são parceiros e parceiras. Cada mano leva sua cotinha, um caixinha de cerveja, carne, erva, pó, cachaça, camisinhas, peteca de coca, uma pedrinha de craque etc. Marcamos o evento com um mês de antecedência, e temos um grupo de WhatsApp para se falar. Então, após, escolhemos o local que seja discreto e com um muro bem alto, ou seja, uma chácara. No dia, geralmente um sábado, todos dão uma desculpa para os velhos de casa. Vamos ali, na casa de fulano ou sicrano e aí fazemos a festinha pela manhã e vai até as 2 da tarde para ninguém desconfiar. A galera em geral fica esperando esse tipo de evento....no dia, um mano pode comer várias minas ou ficar só olhando, depende da atitude dele, as minas vão para a festa para fuder... todo mundo que está lá quer fuder. E as minas fodem com quem elas querem não tem esse caô não, de obrigar a ficar com fulano ou sicrano, ela pode ficar com meninas, meninos ou dois, pode tudo.
Neste dia da social um parceiro de responsa fica na entrada com uma caixinha, recolhendo os celulares para ninguém gravar ou filmar nada. Além de recolher ele desliga cada celular e leva para um quarto da casa e tranca a porta com chave. A única coisa que não é permitido é gravar,

filmar e a presença de adulto isso são proibidos... (risos) quando os paredões chegam na chácara, as minas se animam começam logo a dançar para nos provocar. Elas não são obrigadas a ficarem com ninguém, elas ficam com quem elas querem, sarram com quem querem, chupam quem elas querem, até bate uma no cara dentro da piscina como aconteceu na última festinha no meio de todo mundo. Ao som dos paredões que tocam a todo vapor, as minas começam a sensualizar, rebolando até o chão, outras começam a tirar as blusas, outras os shorts ficando de biquíni. Elas sobem em cima do paredão, ficam empinando a bunda, remexendo e rebolando demonstrando que são gostosas, suas curvas seus piercings pelo corpo, no umbigo, nos fazem ficar loucos, o cara só não levanta o cacete se não gostar da fruta... (risos)

O calor do sol, faz seus corpos suarem de tanto ela dançarem ao som do pancadão, o suor espelhar pelos seus corpos, pescoço, braços, seios, cintura, umbigo e coxas com seus pelinhos pintados de louros... todos os manos ficam excitados.

Algumas quando estão dançando junto de nós empinam seus rabos, encostando as bundas em nossos paus enquanto dançam, ao som dos MCs, tem neguinho que não aguenta as sarradas das minas e goza ali mesmo no calção.

Aí é a maior zoeira, em frente do paredão só na sarradas das minas não tem quem aguente. Todo mundo é de todo mundo, como numa conquista começamos olhar de longe e elas também, se não pintar aquela sintonia, procuramos outro parceiro(a) para dançar e sarrar. Quando bate aquela sintonia procuramos um local dentro da casa, na piscina ou embaixo das árvores do sítio e começamos a trepar, ninguém pode atrapalhar esses momentos.

*Algumas minas, além de dançarem fazendo poses provocantes, começam a se beijarem, isso nos deixa doido vei. Elas acenam com o dedo nos chamados, então, caímos na bagaceira. Alguns manos preferem ficar na piscina junto de algumas minas. Nossa trilha sonora é escolhida a dedo, aquela que meche com nosso imaginário sexual e com os delas, como as músicas dos MCs: Hariel, maçã verde: "Joga essa bunda pro alto na ponta do pé, hoje vou sarrar essa mulher" ... Mc Léo: "tentação fora do normal quem moto faz amor que não tem passa mal**"...** Mc Guime: "nos convida porque sabe que elas vêm" ... Mc Livinho, Brota na penha.*

Ao som de cada pancadão desse, as minas ficam loucas, vem até o freezer, pega uma cerveja, dá uma tapa ou um suspiro no pó e todo mundo fica loucão. Tudo isso fica ali em cima de três mesas para não cair, quem quer é só ir lá e pegar.

O sexo rola sem compromisso e para os novatos esses saem de lá todo assado de tanto fuder. Mas antes disso, esses têm que passar por batizado que é encarar o cara mais fodão da social ou a mina mais vadia do lugar. Da última vez, sabendo da história e era a primeira vez dele na social, o Boca de Pinga preferiu enfrentar o cara mais fodão da social, o cara tava cheio de pó e ninguém nuca tinha ganhado dele antes.

Os dois foram para a quadra de vôlei de área, a regrar é dominar o outro até ele dizer parou. Quando os dois se encararam vei voou faísca, Pedrão partiu para quebrar Boca de Pinga, que desviou e agarrou Pedrão com uma chave de pescoço que nunca vi. Todo mundo ficou eufórico vei, Pedrão resistiu à pressão por 3 minutos, quase apaga o fogo no meio da galera. Rapaz, depois disso Pedro se levantou com areia até dentro dos olhos e começou a rir. Dizendo "tu é foda vei!"; as minas ficaram loucas atrás de fuder com Boca de Pinga, mas o mano é romântico e só porque tem namorada é fiel. Falei para minas não insistirem no mano e irem dar uma cheirada no pó que estava sobre a mesa.

Encarar Pedrão é fogo... ter comido as minas também (risos). Sai pra lá repressão, queremos ser livres e isso é nossa cultura, nossas músicas, nossas minas que aproveitam também. Tem neguinho de outros bairros que querem participar de nossa social, mas aqui é só para os chegados e para quem sabe guardar segredo (DIÁRIO DE CAMPO, SETEMBRO DE 2021).

Através dos relatos dos adolescentes-jovens e a descrição parcial do que seria uma social, o “aproveitar a vida” para esses agentes se constitui através das experiências de experimentar o prazer sexual sem compromisso, junto com o uso de drogas e bebidas alcóolicas. Essa forma de sociação entre garotos e garotas, de apropriação do tempo presente de o aqui e o agora para vivenciarem juntos esses momentos para realizar um jogo de sedução erótica (SIMMEL, 2002), se constitui num espaço secreto, fora do alcance e da vigilância do poder regulador da escola, da família, da sociedade e do Estado.

Naquele espaço social organizado pelos adolescentes-jovens não existe a palavra tabu e sim liberdade dos corpos para se tocarem, para viver o desejo reprimido em forma de relações sexuais. Uso de drogas, curtição, desejo, prazer, paquera, sexo com uma ou mais parceiro ou parceira, compõem aquele quadro sociológico erótico de liberdade, onde, o dilema da vida é viver o aqui e agora, longes dos olhares que estereotipem sua identidade e seu modo de viver a vida. Este contexto de liberdade é experimentado por esses agentes sociais duas ou três vezes no ano. Mesmo assim, eles dizem que vale a pena viver o momento porque para eles, a vida precisa ser vivida e viver é aproveitar esses momentos de “pura liberdade”.

3.10. Desencantamento da realidade: história de vida dos adolescentes-jovens da EJA que ninguém conta

> A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do "aqui" de meu corpo e do "agora" do meu presente. Este "aqui e agora" é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é "aqui e agora" apresentado a mim na vida cotidiana é a realidade de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não' se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes "aqui e agora". Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim" é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que se acha ao meu alcance, o mundo em que atuo a fim de modificar a realidade dele, ou o mundo em que trabalho. Neste mundo do trabalho minha consciência é dominada pelo motivo pragmático, isto é, minha atenção a esse mundo é principalmente determinada por aquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele. Deste modo é meu mundo por excelência. Sei, evidentemente, que a realidade da vida cotidiana contém zonas que não me são acessíveis desta maneira (BERGER; LUCKMAN, 1962, p.39).

O acesso à determinadas dimensões da vida de garotos e garotas das periferias de pequenas cidades em Alagoas é restrito. O acesso a esse conhecimento percorre vários universos da escola, da periferia, da política, da segurança, da educação e de outras redes sociais que compõem o mundo naquela realidade cotidiana.

A fragilidade das vidas expostas e a inacessibilidade a determinados tipos de capitais sociais favorecem que os corpos e as mentes desses agentes sofram investidas em relação à sua dignidade. Suas realidades cotidianas fora da instituição escolar, baseiam-se no viver o "aqui e agora"; me deparei com relatos de vários casos de exploração de seus corpos e que adolescentes-jovens também conferem um sentido de tirar proveito da situação.

Tanto dentro da instituição escolar como fora dela, os percursos de alguns excluídos-marginalizados da EJA, são marcados por um conjunto de fragilidades sociais. Não é só o crime que "seduz" os adolescentes-jovens para seus "corres". Há um mundo que precisa ser desencantado sobre outras formas de exploração dos corpos desses adolescentes e uma dessas formas é a exploração sexual e a exploração eleitoral consentida.

Nos múltiplos relatos não com 1, 2, 3, mas com mais de 35 interlocutores em diferentes cidades de Alagoas, vê-se a reprodução social da exclusão dos marginalizados da EJA através da exploração de suas vidas e de seus corpos. Não é só o tráfico que explora esses agentes, mas também os assédios sexuais e políticos.

Este universo social é visto por todos os cidadãos, sejam eles periféricos ou do centro dessas cidades, mas é invisibilizado ou tirado do foco das atenções. Durante o campo, escutando e ouvindo esses adolescente-jovens, percebo que seu universo social é mais obscuro do que a realidade que nos é apresentada pelos documentários, novelas, jornais ou cinema. A realidade é mais chocante do que é apresentada nas narrativas imagéticas. Como podemos perceber nos relatos abaixo:

> *- PES: Tudo bem! Como posso te chamar?*
> *Besouro...*
> *- PES: Conta um pouco de suas relações de sociais que você faz para conseguir alguma coisa que você quer, mas não possui dinheiro para isso.*
> *- PÉ DE JACA: Cara, qualquer oportunidade tamo dentro... alguns de meus colegas fazem isso, damos um de besta, fazendo acreditar que somos inocente, mas na verdade só aceitamos as investidas de quem tem grana para nos oferecer.*
> *- PES: Como assim?*
> *- BESOURO: A maioria de meus colegas tem casos com outros homens solteiros e casados que trabalham em vários lugares. Eles nos dão presente ou dinheiro para nós dar um trato neles. Um certo dia tinha pegado um cara casado que me deu um maço de dinheiro para ficar com ele naquele momento. Ele já vinha me paquerando a algum tempo, mas eu fingia que não dentro da escola. Aí numa festinha na praça eu tava com os garotões e o cara também estava e me chamou, fui até lá, em seu carro. Ele disse vamos ali, tenho um negócio para você, aí ele mostra um envelope cheio de peixe. Aí não deu outra, sai com o cara, mas esse cara, escolhe com quem sai, ele não sai com qualquer um não, tem que ser boa pinta... (risos)*
> *- PES: Mas como você conheceu esse indivíduo?*
> *- BESOURO: Minha irmã tá viajando, os caras que nos pega para ganhar uns trocados ou presente estão próximo de nós. O cara era o diretor da escola (risos),*

> *cheio de moral na escola mais dá o aro.... (risos). Certo dia, ele me chamou até sua sala, não sabia para que era, minto sabia sim, ele queria alguma coisa e eu também queria dinheiro para sair com uma mina. Entrei na sala, e ele fez hummm...como veio logo, fui até seu birô e esqueci de trancar a porta.*
> *Quando chego em frente do birô ele me puxa com os dois braços, digo aqui não maluco, ele diz é rapidinho e abri meu zíper desabotoando minha calça pega, no meu pênis fica de joelho e começa a fazer sexo oral, quando estava quase dando um gogozinho para ele entra uma professora e pegar ele com a boca no meu pênis. Eu não tava nem aí, o problema era dele, depressa ele levantou enquanto as professoras colocavam as duas mãos nos olhos e saia da sala sem fala nada. Ele se levanta e corre até ela os dois entra na sala conversam e ela saiu...risos...risos. Esse diretor era acostumado a pedir nudes meus e de meus parceiros e também a fazer isso em sua sala, só que dessa vez ele esqueceu de fechar a porta...risos. Meses depois fiquei sabendo que a professora saiu botando e os boatos chegaram até a secretaria de educação, mas não deu nenhum B.O. porque o cara era casado e tinha as costas quentes, só tiraram a professora da escola. Tem muitos caras que são casados dão uma de machão mais queima a rosca agora mano eu só como, não troco não viu.*
> *- PES: Mas esse fenômeno é frequente?*
> *- BESOURO: Oxi, vei, acontece todos os dias tanto com alguns parceiros como com algumas parceiras de EJA, que ficam com professores. Mas as parceiras dão para os caras porque acham ele bonitão e aí abre a perna. Eu e os parceiros só pega os caras porque eles nos agradam né, se não, vai pra lá.*
> *- PES: Oi, como vai você! Como posso te chamar? Pode ser de Rita Baiana?*
> *- INTERLOCUTORA: sim.*
> *- PES: Então, me fala de suas relações sociais que você tinha falado antes!*
> *- RITA BAIANA: Vei, eu faço o que os meninos fazem para ganhar alguns trocados para me arrumar né. Não temos empregos e que pode nos ajudar não faz nada então eu fico com homens casados que dão um pouco de estabilidade. Agora, assim, como as outras garotas eu deixo logo claro, não se apaixona não fio que não sou tua não. Por isso, fico por dinheiro, presente e até por diversão mesmo, só pro desejo se meu santo bater com o do cara.*
> *- PES: Você já se relacionou com algum professor ou funcionário da escola?*
> *- RITA BAIANA: Oxi, vei, sim! Alguns professores quando olham para nós parece nos comer com os olhos. Tenho caso com professores e outros tipos de pessoa que não posso falar aqui se não dá B.O para mim e pra tu. Na escola todo mundo sabe quem fica com quem, na comunidade também. Quando fico com os garotões é só porque achei ele bonito, mas, depois não quero mais. Os professores e outros caras são mais interessantes e menos possessivos, os garotos não... São cheios de pantim.*
> *- RITA BAIANA: Como eu, minhas colegas fazem a mesma coisa, saem com homens casados, professores e outros. Também criamos perfis no Instagram e WhatsApp para vender nudes e vídeos.*
> *- PES: Que tipo de vídeos?*
> *- RITA BAIANA: De todo o tipo tirando a roupa, de calcinha, nua fazendo gestos provocantes, cada vídeo tem um valor diferenciado. Assim, como os garotos fazem vídeos para outros machos, fazemos tanto para homens quanto para mulheres...risos...risos...*
> *- PES: E o público desses vídeos!*
> *- RITA BAIANA: Cara, todo mundo compra, os garotos, garotas que nos conhecem, professores na baixa e outras pessoas e assim vamos tocando a vida de boa (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

Nas falas dos interlocutores podemos perceber como seus corpos são usados, manipulados e desejados por indivíduos de diferentes posições sociais, nessas cidades.

Mesmo que aparentemente seja uma escolha fazer parte dessas relações sociais, o que vejo durante as conversas, diálogos e entrevistas é a dominação de pessoas que vivem vidas-tabu, mas que têm mais poder sobre aqueles que estão limitados em suas oportunidades de ascender na vida por oportunidades de emprego, educação e redes familiares estáveis.

Todas essas narrativas dramáticas dão um sinal de alerta para questões da invisibilidade da história social que está por trás de cada rosto de alunos da EJA, em Alagoas. Algumas pesquisas sobre essa modalidade de ensino retratam o quanto são diferentes os alunos da EJA. Não tenho interesse em subalternizar neste trabalho as histórias de vida desses agentes. Meu interesse durante todo esse trabalho foi trazer relatos de interlocutores de seus dramas pessoais como alunos (as) da EJA e mostrar como sua realidade periférica contempla um circuito de desigualdade social, econômica e educacional. Chamo a atenção para essa problemática sociológica da exclusão-marginalização dos alunos da EJA, apontando que esse processo é mais complexo do que se apresenta quando restringem a vida dos alunos e alunas ao envolvimento com o crime.

É preciso salientar que a problemática educacional de alguns alunos e alunas da EJA é perpassada por outras dinâmicas que dizem respeito a outros tipos de violações, como a exploração sexual e o assédio político que fazem do sujeito objeto, uma mercadoria. As facções criminais e a violência em determinados territórios são também usadas para mascarar a política de mercado de compra de voto e o comércio dos corpos de pessoas vulneráveis que fazem de seus corpos mercadorias para dele tirar sustento, lazer e diversão.

3.11. O cotidiano dos excluídos-marginalizados da EJA: a vida dividia em duas partes

> *Tenho 19 anos, fui aluno da EJA, desde o 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Quando me passaram do 5º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais para a nova turma, não sabia ler nem escrever meu próprio nome. Mesmo em um conselho de classe, acredito fizeram essa coisa, colocar em uma turma que eu pensava que era o 6º Ano, mas na verdade era a 4ª Etapa da EJA, onde, os alunos que não sabem nada da escola, ao saírem do 5º ano, e tem 15 anos ou mais vai para essa turma. Desde o primeiro dia não gostei da sala, nem dos professores que ali chegaram, era tudo uma bagunça, uma gritaria dos alunos e alunas durante as aulas e os professores não falavam nada e quando falavam eram sempre a mesma coisa. "fiquem quietos bando de maloqueiros". Não era maloqueiro, nunca fiz nada de errado, só estava nessa turma porque não aprendi a ler, mas não é culpa minha a culpa era dos professores que não tinha paciência comigo! Se não aprendi antes, não ia aprender naquela turma. Por isso no meio do ano desistir e no ano seguinte voltei a fazer a matrícula novamente na escola e fui para mesma turma, não encontrei nenhum aluno ou aluna do ano passado, mas a coisa era a mesma, alguns alunos gritam, outros estão lombrados, bêbados e com caixinhas som ou celular escutando músicas atrapalhando a aula. A professora grita com todos sem distinção de quem tá fazendo barulho de quem não*

> *está, "rebanho da peste parem de fazer zoada". No primeiro ano de 4ª Etapa foi assim, não aprendi nada, mas passei para a 5ª Etapa da EJA, todos nós tínhamos passado, mas algo desse ano era diferente. Os professores não gritavam, mas aguentam a bagunça sem falar nada, até que um dia um falou a palavra que lembro até hoje "Quem aqui tem Titulo"? E daquele momento em diante foi tudo às mil maravilhas, mas, quando passou o período de campanha e eu vendi meu voto, a escola voltou o que era...tinha perdido o valor (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO DE 2021).*

Neste relato podemos perceber como os alunos da EJA são tratados antes e depois de um pleito eleitoral. Fica evidente nessa relação de sociabilidade um contrato de relacionamento entre a equipe dirigente da escola, antes e depois do período eleitoral. Antes do período eleitoral logo no começo do ano letivo os alunos recebem um tratamento diferenciado, são tratados com respeito e urbanidade por parte da equipe diretiva.

Quando vai chegando próximo do pleito eleitoral em cada cidade, há um jogo de conquista do voto à base de uma intensa negociação de valor ou favor. Depois que o aluno vota no engravatado ou engravatada, este perde seu valor simbólico como pessoa, cidadão e aluno. Em todas as cidades que realizei entrevistas em Alagoas, escutei relatos de compra de voto. Alguém falando que fulano ou sicrano comprou voto para se eleger e só ganha uma eleição quem tem dinheiro. Em todas as falas dos adolescentes-jovens da EJA que entrevistei, todos votaram em algum candidato por dinheiro.

Mas essa fábula do ouvir, escutar e ver seguem princípios básico do ditado popular que diz que "em boca fechada não entra mosquito", "quem fala demais amanhece de dente seco", "caveira quem te matou? foi a língua". Estes ditados populares expressavam muito doque os subalternos pensam na sociedade Alagoana. O autoritarismo violento faz o tabu. Todos e todas sabem que existem, mas ninguém é doido de falar. Assim como falar de sexo é um tabu entre pais, filhos e filhas, falar em compra de voto é um tabu. Entretanto, no seio privado da família todos falam sobre compra de voto.

Em algumas interlocuções com os colaboradores da pesquisa, em todas as cidades que fiz campo, nas falas dos alunos apareciam sua indignação com essa situação de ser transformado em coisa, de ser enganado a cada dois anos. O que chamo a atenção nessa grande cadeia de eventos é a subalternidade do processo educativo que ao reverberar sobre a aprendizagem na EJA, versa sobre a marginalização, exclusão, crimes e jovens que não querem nada com a vida, mas outras dimensões são invisibilizadas. Durante um diálogo, um interlocutor se expressou dessa forma:

> *- JESUÍNO: Posso falar de outra coisa que não seja o crime!*
> *- PES: Pode sim!*
> *- JESUÍNO: O problema não é o crime não porque todo mundo comete crime, fuma uma erva é crime, vender para sustentar a família é crime e comprar voto em período de eleição não é crime não. Os engravatados a cada dois anos nos enxergam, vem até as nossas ruas, tomam até café no caneco de plástico que tenho em casa e ficam nos iludindo para depois comprar nosso voto.*
> *- PES: Como assim?*
> *- JESUÍNO: oxi! Vai dizer que nuca ouviu falar, tá me zoando né? (risos) Eu sei que temos um valor antes e depois da eleição. Antes, até parece que somos gentes, mas depois que pegamos o lobo para votar nos engravatados, parece que perdemos o valor.*
> *- PES: Um voto casado vale um lobo!*
>
> *- JESUÍNO: Não! É assim: cada voto vale um peixe, se o cara votar casado então ele recebe um lobo. Não é por dinheiro que se troca voto... se estamos precisando de um botijão aí, pá, chega um baba-ovo ou puxa saco de um candidato em nossa casa e diz precisam de quer. Aí nós falamos que o botijão tá seco, a conta de energia tá vencida, a água. Mas isso antes da eleição, a gente tem que dar o golpe neles antes e no dia porque depois eles passam por nós e fingem que não nos vê.*
> *- PES: Sim, mas tem mais coisa que você pode conseguir?*
> *- JESUÍNO: Ômi, meus vizinhos queriam tirar a habilitação aí o candidato pagou escola para ele. Outro estava sem dinheiro para comprar a madeira da casa, aí falou com um chegado que conhecia um baba-ovo dos engravatados e arrumaram a madeira da casa para ele. Nesse período nós conseguimos tudo, área, cimento, tijolos e telhas, mas depois que passa esse período nós não conseguimos arrumar nem um palito de fósforo.*
> *- PES: Qual a certeza que o candidato ou candidata tem que terão o voto?*
> *- JESUÍNO: oxi, meu irmão os caras são águia, eles fazem uma reunião em nossa casa com toda nossa família e nossos parceiros discursam e deixam o resto com os baba-ovo. Oxi, eles pedem uma lista de nomes com a zona eleitoral, seção e número do título. Um dia antes da eleição, a noite ou de madrugada os caras chegam com os dinheiros e os cantinhos com os números para nós votar. No dia da eleição tem um carro para levar nos para votar e trazer. O rapaz que leva as pessoas que fecham com o candidato dele ele leva até dentro da escola e esperam elas votarem. Quando todos votam, ele traz a gente de volta e vai buscar outro grupo. Ao final do dia, quando termina a eleição eles vão de seção em seção para saber se realmente nós votamos. Eles sabem disso porque tem a quantidade de números de eleitores votam naquela seção por causa do número do título (DIÁRIO DE CAMPO, 2022).*

Do ponto de vista do agente, esse fenômeno político é uma prática tradicional que vem do tempo de seu avô. Neste contexto, em que o interlocutor da pesquisa se expressa, percebo em seu rosto a indignação com esse processo que faz dele um objeto. Mas como ele está necessitando sempre de alguma coisa, reproduz as ações de seus antepassados – avô, pai, mãe e agora, ele próprio.

Assim como no tópico em que enfatizei o contrato de relacionamento e sua lógica da sexualidade, entre ambos os envolvidos um em buscar de prazer e outro em buscar de objeto que lhe possibilitem se apresentar com dignidade diante da sociedade, a saber, a relação no

contrato de relacionamento é flexível e o agente social pode ter vários parceiros ao mesmo tempo.

3.12. Sou do crime, sou do EJA

A configuração social que moldou as facções criminais se estabeleceu em várias periferias do Rio de Janeiro e São Paulo, ampliando suas redes em diferentes estados brasileiros, chegando a marcar presença em Alagoas.

O estabelecimento desses vínculos entre as sintonias das grandes, médias e pequenas periferias ocorreram a partir desse trânsito de agentes sociais em busca de trabalho em outras regiões do país (RODRIGUES; AMORIM, 2022). Ao entrarem em contato com as sintonias criminais das periferias locais onde estavam instalados, esses agentes migrantes iniciam os primeiros diálogos e acordos sobre pontos de ramificações de negócios e proteção em outros Estado do Brasil, como Alagoas.

No caso Alagoano, esse fenômeno de implantação de biqueiras foi iniciado pelo CV, no início dos anos 2000. As biqueiras patrocinadas pelo PCC iniciam suas ações nos mercados ilícitos em Alagoas também no início dos anos 2000 (RODRIGUES, 2016, 2017, 2018, 2020, 2021), transformando as lógicas de afinidade e desavenças entre as quebradas e biqueiras rivais. Cria-se uma dinâmica de conflito bruto por cada palmo de território na corrida expansionista das biqueiras pelo interior de Alagoas, alcançando prisões e o sistema socioeducativo de Alagoas (CARVALHO, 2021).

A teia figuracional interliga-se através de vários núcleos de comando que partem de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Agreste Pernambucano, Bahia etc., até chegar nas pequenas cidades do interior de Alagoas, mudando os ritmos da vida cotidiana local da população.

Em Alagoas, podemos encontrar trabalhos pioneiros nesse campo (RODRIGUES, 2020; CARVALHO, 2021), no que tange ao desenvolvimento de uma sociologia periférica voltada para os novos percursos modelados pelas sintonias criminais em Alagoas. Como um dos pioneiros nesse campo sociológico, Rodrigues (2010, 2016, 2017, 2019 e 2020), desenvolveu pesquisas na fronteira metodológica entre etnografia e história de vida para compreender as dinâmicas dos afetos e dos mercados ilegais. O autor demonstra como a chegada dos coletivos criminais foi sinônimo de regulação e controle da violência reduzindo em alguns momentos as taxas de homicídios (RODRIGUES, 2021; FELTRAN et al., 2022).

O controle de quem deve viver e morrer faz parte desse mercado que a cada dia cresce em todas as regiões do país, devido à grande procura do produto pelos consumidores.

Nas cidades do interior de Alagoas, essas sintonias começaram a construir suas primeiras células com o CV, a partir de hierarquias de comando em bairros periféricos na capital alagoana. Em contrapartida, o PCC, além de construir suas células nas periferias da capital e disputar a força os pontos de comércio mais rentáveis, ramificou-se para cidades da região metropolitana de Maceió. Eles perceberam nas periferias de pequenas cidades alagoanas um território fértil para o desenvolvimento dos mercados ilegais.

Essas disputas bélicas por biqueiras estamparam Alagoas no mapa nacional da violência, período esse que durou alguns anos 2007-2012. Antes das sintonias que sairiam vencedoras desses conflitos, houve uma cooptação de agentes públicos de segurança local para proteger o negócio que a cada dia crescia. Em contrapartida, alguns agentes políticos e de segurança públicas faziam grossa a venda e a queima de "pacote" de rivais (assassinatos).

O *modus operandi* da violência e da negociação dessas células locais estabeleceram novos regimes de conduta nas periferias do interior de Alagoas, apaziguando o ritmo de violência e assassinatos que eram frequentes (RODRIGUES, 2017). Essa característica só emerge enquanto ação estratégica após a diminuição da intensidade dos conflitos letais entre as biqueiras rivais que passaram do combater corpo a corpo para um diálogo de negociação que estabeleceria os limites e extensões do território de atuação de cada coletivo e suas biqueiras.

Essa regulação das ações sobre o regime de conduta dos agentes, seriam realizadas a base de um estatuto verbal (regime de acertos) que os agentes sociais locais deveriam seguir para não desorganizar a rotina da vida local. Para manter esse contrato de relação pessoal, os mecanismos mais utilizados são a coerção verbal, o pagamento de multa e o uso legitimo da violência como forma de regulação das condutas de todos os agentes sociais da quebrada.

Com a consolidação das sintonias do CV, PCC e NT, se desenvolveram novos arranjos sociais que foram de fundamental importância para estabelecer, nas periferias de cidade em Alagoas novos ritmos de vida cotidiana. Cada coletivo opera de modo diferente, demarcando seu território com seus signos e símbolos, impondo suas regras de conduta que vale tanto para seus membros quanto para cada membro da comunidade que o coletivo está instalado.

Em cada território dominado por uma sintonia é marcado um signo que identifica o território da facção. Encontrar essas demarcações em muros de escolas, postes, placas de

trânsito, portões de casas s etc. significa que aquele território está sob a política daquela facção.

Figura 13. Pixo em um portão a 20 metros de uma escola de EJA, com as inscrições números que representam o coletivo criminal PCC (Arquivo Pessoal, maio de 2022).

Um ponto fundamental desses eventos é a participação de adolescentes-jovens da EJA nas sintonias criminais. Essa participação inicia-se a partir da relação de parceria e proteção de um adulto que começa a recrutar aqueles sujeitos mais afoitos que tem “jeito para a coisa”, e logo depois esses agentes são introduzidos no mercado como aviõezinhos, olheiros, fogueteiros ou corredores de trechos.

A participação desses adolescentes-jovens excluídos-marginalizados na escola permite uma maior ampliação do mercado, levando este para dentro da escola, praças, esquinas, campos, quadras ou biqueiras próximas das instituições de ensino.

Figura 14. Pixo no muro de uma creche com a inscrição TD (Neutro) (Arquivo Pessoal, novembro de 2021).

Durante meu percurso em campo não encontrei nenhum membro que adquiriu o status na hierarquia social do PCC como membro irmão “batizado”, mas apenas adolescentes-jovens que simpatizavam, tinham vontade, desejo e cobiça de serem aceitos pela sintonia. Esse feito pode elevar o status social do jovem na escola e na comunidade.

Nas falas dos interlocutores, estes nunca chegaram a ver em sua comunidade um membro do PCC que tivesse passado pelo rito de passagem (GENNEP, 2013) do batizado, mas já ouviram falar por outros adolescente-jovens que já ouviram por outras bocas que existiam poucos batizados em Alagoas.

Na verdade, para ser um irmão, o sujeito precisa ganhar a confiar do coletivo, ser levando por um padrinho para o batizando e passar por uma prova de valor para entrar para a irmandade. As pessoas que lideram vão depositar no novo integrante um voto de confiança e afeto, um novo guerreiro e irmão que abriu os olhos para o mundo.

3.13. O cotidiano no trabalho criminal e na escola

> *Realizo um trabalho normal, das 14 às 22h faço entrega de petecas, por 20 conto. Ou entrego na casa do cliente ou, se estiver muito ocupado, peço para ele vir pegar. Meu ponto é flexível, hora estou na praça, na quadra, dentro da escola, no portão da escola, no banheiro da escola, no campo de terra. Tudo vira um mercado um ponto, agora tem que ser malandro para dar esses pulos, porque tem olhos para todos os lados nos fitando, mas nunca dancei. Dizem que sou bandido porque vendo petecas, pedrinhas e umas sedas e por isso os jecks que não pegam aquele arrego ficam de olho, os que estão do nosso lado fazem vista grossa uma hora enxergam, outras não, só para fazer média, o povo tem que acreditar em seu trabalho.... (risos) Mas não confiamos totalmente não nos jecks porque eles podem jogar uma melodia em outro parceiros para nos fuder, e se a banca caí nós temos que dá conta do troco para o patrão. Vivia urrando, barriga colada na cintura, minha velha pedia a um e a outro na rua, o povo dava um arroz, macarrão, fubá e feijão. Não tinha mistura e comia puro com água porque não tinha açúcar nem café. Imaginei em ser suave e passar tocando o terror em outras quebradas, mas como tinha coragem e podia morrer, fiquei mesmo por um bom tempo andando com os manos para entra para a empresa. Não passamos necessidade mais, os trocados que ganhos dão para fazer uma feira toda semana e ainda usar aquela peça da moda para chamar atenção das gatinhas. Não sou motivo de risos na escola, agora sou respeitado e ando de cabeça erguida mesmo sem saber de nada...risos...risos. Todos na escola sabem que faço essas coisas pelos rostos dos professores e outros profissionais eles rezam para que eu desista ou seja morto...risos...risos. Oxi vou até terminar o ano, pode dizer que sou do crime que sou mesmo. Agora quem rouba de verdade os professores e colegas não falam ficam tudo calado, eles pensam que não sei da malandragem que rola nessa cidade” (ENTREVISTA COM LOMBRADO, AGOSTO DE 2021).*

Nessa e em outras falas, percebi que ele tinha plena noção do que estava fazendo. A indignação dos interlocutores era que aquilo que viam como trabalho (Corre Trecho) era visto por todas e todos como uma atividade criminal.

Em relação a instituição escolar, estes têm plena consciência que são relegados a segundo plano, antes e depois dos corres. Já a vida na comunidade muda significativamente, porque estes passaram de uma situação de desacreditado social para uma situação de mobilidade e respeito através da entrada para a empresa. Ao entrar para a empresa, esses agentes têm uma renda fluída que varia de acordo com as vendas da semana. Assim, o que o adolescente-jovens chamam de dignidade social é composta pela aquisição da subsistência e de bens materiais não duráveis que conectam o sujeito vida do consumo capitalista, circuitos de diversão, lazer e prazeres que movimentam a vida na periferia.

Nas entrevistas, diálogos formais e informais ou em conversas paralelas com os adolescente-jovens alunos da EJA, estes não compreendiam a comercialização de droga como crime, mas, como um trabalho. Onde eles ou elas ralam dia a dia, arriscando suas vidas para ganhar um trocado e, quem sabe, subir de função na sintonia (LIRA, 2010).

O desejo dos adolescente-jovens de participarem dessa relação é expresso em suas ações dentro e fora da escola, na forma como os sujeitos agem em seu dia a dia. Suas ações nas sintonias locais, vão desde os corres a demarcação do território com pixo, para informar a qualquer desavisado que aquele território, já tem uma biqueira, adentrar nesse território sem permissão é sinal de desrespeito e afronta.

Figura 15. Pixo na parede de um mercadinho com a inscrição PCC. Cerca de 5 metros distante dessa parede fica um campo de futebol, que é uma linha demarcatória dos territórios TN e PCC.

Para alguns entrevistados, com a chegada dos coletivos em cada território das pequenas cidades do interior de Alagoas, algumas rotinas da periferia mudaram para melhor. Um exemplo mencionado é a organização da vida social na comunidade e o estabelecimento de algumas regras de conduta que antes não existiam: não roubar dentro da comunidade, não utilizar o som do carro alto demais para não perturbar os vizinhos, não agir antes de consultar o gerente da sintonia. Em relação ao estuprador, a pena é, invariavelmente, a morte.

Qualquer conflito social é mediado pelo gerente local, que tenta resolver, na medida do possível, os conflitos latentes e inevitáveis; sua função é fazer com que a empresa não pare sua rede de distribuição. Por esse motivo, ao mediar os conflitos locais, este julga quem está certo e quem está errado, aplicando multa em alguns casos, dando conselhos ou expulsando da comunidade e da vida aquele indivíduo que comete, em sua visão, um crime grave. Antes de decidir se o infrator dever ser expulso da comunidade ou da vida, o gerente convoca alguns irmãos que estão no sistema prisional, via telefone, para consultar os outros sobre sua decisão.

A partir da fala dos nativos de cada periferia onde realizei campo, percebi que o crime visto de forma tradicional se ressignificou com a atuação dos coletivos criminais nas periferias das pequenas cidades de Alagoas. Ele impôs normas, criou postos de trabalho, estabelecendo também troca de mercadorias políticas, financiando campanhas políticas a juros de 20% ao mês e fortalecendo uma base econômica capitalista na comunidade.

Diante desse fenômeno social entre escola, periferia e crime, a instituição escolar não sabe o que fazer com os adolescentes-jovens da EJA que participam desse fluxo, fazendo

parte dessa nova forma de figuração dos mercados ilegais. O que a escola costuma fazer é excluir-marginalizar aqueles que já sofrem em seu dia a dia com a invisibilidade de suas condições degradantes de vida, mas não é a pobreza que leva os agentes sociais a participar da sintonia, mas sim, suas escolhas em contexto de rígida limitação de oportunidades, uma escolha que é vista nas falas dos nativos como o desejo, uma meta ou objetivo a ser alcançado.

Nesses discursos entre falas e posturas corporais, percebo nos gestos uma inversão de uma lógica do reconhecimento social (HONNETH, 2002), que perpassa a fala dos interlocutores. Os discursos pronunciados nos diálogos, conversas paralelas e entrevistas com os adolescentes-jovens, subjaz a todo o momento a insistência no léxico do reconhecimento recíproco, mas sob o constrangimento recorrente do uso da força armada.

As dinâmicas de comercio e conflito das sintonias possibilitam aos adolescentes-jovens experimentarem uma vida perigosa, cheia de riscos e confrontos com outros agentes de sintonias rivais. Viver nesse universo social pode até ser uma possibilidade de mobilidade social para os agentes que dar significado importante para o viver o presente. O presente se configura através de relações dos mercados ilegais, usos de drogas, conflitos com outros agentes, relações eróticas, prazerosas e passageiras assim como suas vidas.

Nessa configuração social marcada por diversos roteiros de drama, se dá a reprodução trágica que seduz vários adolescentes-jovens da EJA, que estabelecem relações de sociabilidade com os coletivos criminais em troca de respeito, prazeres passageiros, proteção, renda financeira e companheirismos fraternais.

Essa fraternidade criminal produz nos agentes um sentido de pertencimento, acolhimento e segurança. Algo que os adolescentes-jovens não encontram em casa ou na escola. A sintonia passa a ser sua nova família, cuidando dos seus que seguem direitinho sua caminhada com a irmandade, através do trabalho nas biqueiras, do desempenho de algumas funções, da fidelidade ao partido e do cumprimento de ordens que veem de cima para baixo.

Não naturalizo o envolvimento dos adolescentes-jovens da EJA com o crime como uma exaltação a marginalidade, mas como uma nova forma de sociação que garante aos adolescentes-jovens periféricos proteção, segurança e trabalho remunerado algo que a sociedade não os possibilitou. As bocas tornaram-se negócios (LIRA, 2010) rentáveis a luz da economia capitalista, transformando-se em franquias tocadas por adolescentes-jovens que residem em zonas periféricas em várias cidades de Alagoas.

O lucro da árdua labuta diária realizadas por garotos e garotas do tráfico em escolas e biqueiras, como em todo o processo de produção capitalista fica com que dominar os meios de reprodução da franquia (empresário) "traficante". O empreendedor do topo da cadeia do comércio, não fica na base da comunidade. Sua logística e material para que os franquiados toquem seu negócio é toda montada por uma infraestrutura que faz a mercadoria chegar nos pontos de vendas através de vans, taxi, Uber, ônibus etc.

Se por azar ou delação os "pega-arrego[48]" confiscam a mercadoria, o portador da mercadoria da biqueira deve arcar com todos os custos do material apreendido. Em Alguns casos, quando o agente é um iniciante e não possui dinheiro para cobrir a perda das drogas, as famílias assumem a dívida para que o agente não sofra algum tipo de retaliação pelo empreendedor que forneceu a mercadoria. O caso de Boca de pinga é um exemplo singular desse fenômeno que acontece corriqueiramente nas periferias de Alagoas.

> *Boca de Pinga. Meu irmão estava doido para monta minha própria boca, já fazia tempo que corria trecho só enriquecendo os outros já era hora de caí no mercado. Nessa época desde a 4ª etapa de EJA já vendia dentro da escola, o tempo passou e também passei para 5ª etapa da EJA. Mas não mudou muita coisa, ainda continuava fazendo os corres para os outros e isso de início até que vai, mas, queremos ganho sempre mais. Então com três anos de corres nas biqueiras falei com proprietário para investir em minha biqueira próxima em outra quebrada. Precisava de 5 conto de mercadoria, entre maconha, pó e pedra e nos primeiros meses a coisa fluiu, mas comecei a esbanjar e querer impor minhas dicas na quebra, fui chamado duas vezes a atenção por isso. Com 6 messes de mercado eu mesmo fazia meus corres, tinha carregado uma garota para morar comigo e ela ajudava nas vendas e o negócio crescia. Escondia toda mercadoria no quintal da casa dentro de uma moita de capim santo. Mano, um certo dia estava ariado de tanto tomar cerveja aí os jecks chegaram de repente nem estava vendendo naquele momento, mas ele sabia da minha pequena biqueira. Colocaram o cano da 12 na cara da mina, ou eu falava onde estava ou os miolos delas ficavam espalhados pelo chão. Indiquei o local, eles fizeram eu cavar e depois colocaram a pulseira e jogaram-me camburão. Passei uma semana na cadeia regional, onde os jecks estavam esperando o arrego, como não chegou desci direto para o presídio. Chegando lá os manos manda o salve fica tranquilo truta, estás com os irmãos, mas tem que pagar o bagulho que tu perdeu se não tu dança aqui dentro. Alegria e média estavam presente naquela frase tranquilo e pagar em tal tempo. Passei o recado para minha família que assumiram a obrigação de quitar minha dívida lá fora para que eu ficasse seguro lá dentro e assim foi. Fiquei encostado por 3 meses, no segundo mês minha família através de seus cartões de créditos trocou seus limites por dinheiro e quitaram minha dívida ao saber disso lá dentro, recebo um salve tá limpo parceirinha pode ficar na paz que ninguém meche contigo. No terceiro mês fui a julgamento e por ser minha primeira broca, agora uso pulseira de canela para controla minhas ações. Bicho ainda uso o cigarrinho do demo mas essa coisa de vender ou dever nunca mais (DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL DE 2021).*

[48] Agentes que fazem parte das forças de segurança do Estado, Município ou Milicianos que vendem serviços de segurança local e cobram algumas taxas para que a boca funcionem sem problemas.

Como podemos perceber no relato do interlocutor o respeito existe, mas, o que está em jogo é a lógica econômica de mercado valioso e lucrativo. O capital financeiro está acima da irmandade e da lealdade, se não sabe honrar seus compromissos os agentes pagam com a própria vida.

Entre todos os signos e símbolos, o dinheiro (SIMMEL, 1982) é a expressão que quantifica as relações de sociabilidade entre as sintonias, não é por caridade que o mercado atua na quebrada é pelo lucro, pela venda e distribuição de bens ilegais que provocam sensações de prazer, alegria e liberdade em seus usuários. A quantificação da liberdade, do prazer e do lazer tem um preço um valor simbólico que varia de biqueira para biqueira de acordo com a qualidade do produto fornecido aos clientes que em sua maioria são de classe média. Podemos ver isso também na fala de "Parado na Esquina":

> *Parado na Esquina parece até comédia quando os jecks nos pegam com uma palhinha dado uns tragos. Nos chama logo de maconheiros e traficantes imundos que poluem a cidade com essa porra toda. A graça toda está nisso, quando é um playboy que é pego em seu Golf, Punto ou Honda Civic os jecks chamam de usuários. Usuários uma porra eles são nossos maiores compradores que além de comprar para o consumo, compram para revender em seus bairros de bacana e quem carregar todo o preconceito é nós. Tem cara que gasta de 450, 00 $ reais a 700,00 $ reais por mês aqui na boca. Temos tudo anotado porque quando o cara é freguês a tempo vendemos para receber no final do mês. E como os caras têm grana isso não é problema para ele, já os garotos da quebrada estes pagam a vista, por que se não pagaram não vendemos para não provocar conflitos futuro por falta de pagamento porque imprevistos acontecem. Alguns desses parceiros da periferia por não pagarem a dívida com a boca subiram para outra vida logo cedo, sendo assim, preferimos não vender fiado para os parceiros de quebrada. Já para os playboys, estes têm sempre algo de valor que pode cobrir sua dívida, por vendemos a crédito porque sabemos que de uma forma ou de outra eles pagam. Digo mais as drogas são vendidas em nas periferias, mas quem sustenta toda essa estrutura são os ricos por que eles não compram 1 ou 2 não, é sempre acima de três e colocam na carteira e fumam onde quere sem sofrer nenhum tipo de preconceito. Falo isso porque estava na praça de show um certo sábado, curtindo com os parceiros e tinha uns playboys de lado, puxando uma palhinha aí passaram os jecks e fingiram quem nem viram, se fosse nós o pau tinha cantado em nosso lobo (DIÁRIO DE CAMPO, JULHO DE 2021).*

Segundo os interlocutores, a exclusão-marginalização que sofrem são fruto das condições sociais em razão de sua posição de agentes periféricos. O mundo do crime compõe um repertório de narrativa para os percursos sociais que são menos estreitos para adolescentes-jovens de periferias. Mesmo vivendo realidades tão divergentes, as relações comerciais com os mercados ilícitos colocam de frente o periférico pobre e o no mesmo espaço um como vendedor e outro como comprador.

Nesse contexto de intersecção vários universos do mundo da vida se conectam o pobre, o rico, o formado, o analfabeto, o criminoso, o inocente, o vendedor e o comprador. As relações de sociabilidade, nesse contexto, não duram mais que segundos onde desconhecidos se encontram, velhos fregueses e novos fregueses são recebidos em um vai-e-vem turbulento e frenético.

No que tange a essa lógica perversa da exclusão-marginalização e o universo do crime como alternativa de mobilidade social, chamo a atenção para do qual fala cada interlocutor que expressou durante a pesquisa o medo, a liberdade, o prazer, o lazer, a insegurança e constrangimento frente a repressão da sociedade, escola, comunidade e Estado.

4 À GUISA DE CONCLUSÃO

Essa pesquisa não se esgota nesse modesto trabalho, onde chegamos a uma conclusão parcial de que a mudança social em algumas sociedades, depende do nível de desenvolvimento que essa sociedade acumulou ao longo de anos. Percebo que esse processo de mudança é lento e gradual, no contexto geracional em que realizei a pesquisa com adolescente-jovens da EJA, onde filhos de trabalhadores rurais que foram expulsos do campo, devido a modernização do setor agrícola canavieiro em Alagoas.

Esse fenômeno provocou a decadência do sistema de moradia das fazendas e sítios, transferindo os agentes sociais que residiam nessas zonas para pequenas cidades ou povoados que ficavam próximas dessas fazendas. Na cidade, esses indivíduos passaram a compor uma massa de desempregados que moravam e viviam-vivem as margens da sociedade em suas moradias sem nenhuma infraestrutura de manter a sua dignidade social e da sua família.

Dessa forma, em meio ao processo de modernização do campo, as áreas periféricas de pequenas cidades do interior de Alagoas, alargaram suas periferias e seu contingente de sujeitos excluídos-marginalizados que vivem nelas. Demonstro nas narrativas que construo a partir de um memorial de minhas lembranças e de outros adolescentes-jovens que conheci depois de me tornar professor e a partir de entrevistas, observação participante e do trabalho de campo em diferentes cidades de Alagoas, que o processo de exclusão-marginalização é fruto de um acúmulo de desvantagens e vulnerabilidade sociais que, apesar de décadas de transformações da sociedade brasileira, ainda permanece em várias periferias de pequenas cidades do interior de Alagoas.

Traço uma linha do tempo entre as gerações de excluídos-marginalizados que foram expulsos do campo, a minha trajetória de exclusão-marginalização e a trajetória de vida dos sujeitos excluídos e marginalizados da EJA. Demonstro nessa pesquisa que os mesmos percursos da exclusão-marginalização dentro da escola e na comunidade seguem os mesmos ritmos e avança a cada dia sobre aqueles menos favorecidos por políticas públicas efêmeras, sejam sociais ou educacionais.

A mudança perceptível na dinâmica da exclusão se ancora na atualidade em várias estratégias que jogam toda culpa do fracasso e do sucesso no sujeito que é dono de si, deixando de lado o dever do Estado, da Escola e da sociedade. O que aparece de novo nesse quadro sociológico surreal e complexo, são os coletivos criminais que se ramificaram para todo o Brasil, a partir da década de 1990 com CV (Comando Vermelho), final da primeira

década dos anos 2000, com o PCC (Primeiro Comando da Capital) e Neutros, no final da primeira década de 2010 em Alagoas.

Em meio a esses dois gigantes que dominam os mercados ilegais no Brasil, aproveitando a tensão entre os dois lados onde ambos começam a perder suas zonas de influência nas comunidades que se instalaram, devido a letalidade conflituosa entre CV e PCC, os TN (Neutros) surgem em Alagoas devido a fragmentação do CV e do PCC e começa a ganhar algumas biqueiras.

Durante o campo, não encontrei nenhum pixo do CV, só do PCC e TN. Ouvia dos interlocutores que antes do PCC e TN, tudo era CV. E para os garotos e garotas entrar para a facção é sinônimo de orgulho e respeito, tanto na comunidade, quanto na escola, onde os jovens sofriam e sofrem com a intensa disciplina sobre seus corpos e sobre seus valores culturais periféricos. A escola não os entende e estes, não entendem o que a escola fala com ele. As biqueiras lhes dão a assistência que o Estado não os dá.

Ser um adolescente-jovem periférico e não estar envolvido com o crime é possível para alguns, mas para outros, é uma necessidade como comer e beber, por exemplo. O trabalho na biqueira segundo os interlocutores não é visto como crime, mas, como uma produção das necessidades de subsistência, respeito, igualdade, e liberdade diante das relações sociais com a escola e com a comunidade. Ser do crime ou andar com o crime dá prestígio na quebrada, aumenta mais a tensão da exclusão-marginalização do adolescente-jovem da EJA que estar na escola passando um tempo de sua vida...

Os adolescentes-jovens não estão preocupados com o que a escola e sociedade pensam sobre eles. Eles querem aproveitar a vida em um lugar onde a estrutura da sociedade os tirou tudo, mesmo antes deles virem ao mundo. Realizar alguns corres nas biqueiras pode ajudar a trazer renda para casa e a subsistência de seus familiares por algum tempo. Após ajudar nas despesas de casa, os adolescentes gastam o que ganham em festas denominadas “sociais”, onde quase tudo é liberado, menos a repressão social sobre seus corpos. A bebida consome parte de seus ganhos junto com a bermuda e a camisa de marca.

Breve e rápida é a mobilidade social ou a morte dos agentes por trabalharem numa empresa tão perigosa como a biqueira. A maior parte dos lucros da biqueira fica com o traficante empresário que “lava o dinheiro” de diferentes formas: abrindo um mercadinho, um posto de gasolina, fazendo agiotagem e até, patrocinando campanhas políticas de políticos locais nessas cidades.

Emprestando dinheiros aos políticos, para que estes comprem os votos necessários para ser eleito, o traficante-empresário faz seu dinheiro crescer, bom como sua influência na vida social e política da cidade. Após ser eleito, o político paga a cada mês 20% de sua dívida, como também se coloca na rota de favor nos encaminhamentos de licitações de serviços alocadas pelo município.

Assim, o fluxo do caixa da empresa cresce a cada dia, enquanto seus funcionários se arriscam a cada minuto em um trabalho insalubre que garante para os sujeitos reconhecimento, respeito e afeto por aqueles "irmãos de corres". Neste contexto de desigualdade social, esses agentes sociais se utilizam de várias táticas para ganhar uns trocados. Tanto garotos como as garrotas se envolvem em relacionamentos perigosos com o objetivo de tirar proveito da situação.

A vida real demonstra para esses adolescentes-jovens da EJA, como é complexo suas tramas socioafetivas com outros agentes mais velhos e com o mundo do crime. Tanto numa relação como na outra os adolescentes-jovens são explorados e tem seus corpos quantificados por um valor.

Por mais que a realidade tenha mudado nesses últimos anos em Alagoas, é preciso salientar que muitos adolescentes-jovens periféricos sofrem com a marginalização impingida pela escola e pela comunidade. Neste contexto, como mecanismo de fuga da opressão escolar esses agentes desenvolvem habilidades para dizer não a violência que a escola lhes impõe. Eles e elas, dizem, quando entram para o crime, que não aceitam mais ser mais excluídas (os) e marginalizados (as) pela escola e pela sociedade. É no crime que esses agentes sociais constroem suas relações de sociabilidade com a escola e com a comunidade onde residem – de maneira violenta, mesmo que buscando evitá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, A dos. Eu e Outras Poesias. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. O Baile e a Prisão: onde se juntam as pontas dos segmentos locais que respondem pela dinâmica do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**, v. 9, n. 15, p. 119-135. 2006. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/12163. Acesso em: 03 mai. 2021.

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. **Um abraço para todos os amigos**: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 1998.

BAUMAN, Z. **Vidas negadas**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

BAUMAN, Z. O escândalo da ambivalência. *In*: BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 25-61.

BECKER, H. S. **Outsiders**. Studies in the Sociology of Deviance. New York: The Free Press, 1973.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas. *In*: BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Olhar, ouvir, escrever. *In*: **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1:** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBOM, Rosângela. G. Memória e Identidade – Por Uma Museologia da Fala. **Artigo escrito para o Salão de Iniciação Científica UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS. 1999.

DUBAR, Claude. **A socialização**. Construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAU, R. Características gerais do grupo durante a adolescência. *In*: BRITTO, S. (Org.). **Sociologia da juventude III**: a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FELTRAN, Gabriel; LERO, Cecília; CIIPRIANI, Marcelli; MALDONADO, Janaina; RODRIGUES, Fernando de Jesus; SILVA, Luiz Eduardo Lopes; FARIAS, Nido. Variações nas taxas de homicídios no Brasil: uma explicação centrada nos conflitos faccionais. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, [S. l.], v. 15, n. 02. 2022.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão**: um estudo sobre política e violência na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, São Paulo, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras da tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. **Temáticas**, v. 15, n. 30, p 11- 50. 2007. Disponível em: https:// econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13649. Acesso em: 20 abril. 2021.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, M. Aula de 14 de janeiro de 1976. *In*: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Mastins Fontes, p. 21-36. 2010.

FOUCAULT, M. Aula de 7 de janeiro de 1976. *In*: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Mastins Fontes, p. 3-20. 2010.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora. 1993.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana Petrópolis: Vozes, 1983.

GRILLO, Carolina C. **Coisas da vida no crime**: tráfico e roubo em favelas cariocas. Rio de Janeiro. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Centauro, 2004.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: TADEU DA SILVA, T. (Org.). HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 103-133. 2007.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: OP&A, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade**: entre o mercado e a vida. São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HONNETH A. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. 2. ed. São Paulo: Ed.34, 2009.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. 1ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LYRA, Diogo. **A República dos Meninos**: juventude, tráfico e virtude. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. 2003. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, pp.399-422. (2003). [1934]

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MISSE, M. "As ligações perigosas. Mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio de Janeiro". **Contemporaneidade e Educação**, v. 2, n. 1. 1997.

MISSE, M. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006.

MISSE, M. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2018.

MISSE, M. **Malandros, marginais e vagabundos**. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – IUPERJ-UCAM, Rio de Janeiro, 1999.

MISSE, M. "A construção social do crime no Brasil: notas ...". *In*: MISSE, M. (org.), **Acusados e Acusadores**. Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2008.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **"A maior zoeira" na escola** – experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: editora UNIFESP, 2016.

POE, Edgar Allan. A Filosofia da Composição. In: Ficção Completa, Poesias & Ensaios. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1997.

POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras; 2017.

QUIJANO, Aníbal. "Modernidad y democracia: intereses y conflictos" em Anuario Mariateguiano (Lima) Vol. XII, Nº 12. 2000b.

RODRIGUES, F. DE J. **Estruturas sociais do amor e do sexo e as emoções erótico-dançantes no pagode baiano**. Música & ciências sociais: para além do descompasso entre arte e ciência. Curitiba: Prismas, p. 245–272. 2016.

RODRIGUES, F. DE J.; VILELA, B. Notas sobre a singularidade histórico-social da faceirice: estrutura do divertimento jornalístico-literário e padrões expressivos de sedução entre 1860 e 1920, no Rio de Janeiro. **Alceu**, v. 15, n. 30, p. 5–24. 2015.

RODRIGUES, Fernando. "Tradições de agressividade, disciplina e sistema de internação de jovens em Alagoas (1980-2015)". **Interseções**, 19, 2: 483–513. 2017.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. "Necessidade" de "polícia" e a "paz" das "facções": desejos de "ordem" e efeitos de "desordem" nas periferias de Maceió, AL. *In*: BITTENCOURT, João Batista de Menezes (org.). **Juventudes contemporâneas**: desafios e expectativas em transformação. Rio de Janeiro: Telha, 2020 a. p. 126–142. ISBN: 9786586823332.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. "Corro com o PCC", "Corro com o CV"," Sou do crime": facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 35, n. 103, p. 1–21. 2020 b.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **Neutros**: novos atores criminais, o combate local às facções nacionais e os homicídios em Maceió, Alagoas. 2021. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/blog/2021/09/09/neutros-novos-atores-criminais-o-combate-local-as-faccoes-nacionais-e-os-homicidios-em-maceio-alagoas/.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; AMORIM, Adson. Mobilidades marginais na "Era das Facções''': entre trabalho, família e crime". **Antropolitica - Revista Contemporanea de Antropologia**, [S. l.], v. 55, n. mai./jun./jul./ago. 2022.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; CANDOTTI, Fábio Magalhães; BIONDI, Karina; PAIVA, Luiz Fábio da Silva. Políticas, Mercados e Violência no Norte e Nordeste do Brasil. **Revista**

TOMO, [S. l.], v. 40, n. jan-jun, p. 8–39. 2022. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/17034.

SANTOS, Nido Farias Dos; RODRIGUES, Fernando de Jesus. Paredão na calçada, polícia na porta: conflitos vicinais e transformação da diversão nas periferias de São Miguel dos Campos - Alagoas. Mediações - **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 27. 2019. ISBN: 0000000324786. DOI: 10.5433/2176-6665.2019v24n2p278.

SCHUTZS, A. **El problema de la realidade social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

SOARES DO BEM. A. Berlim: Espaço e etnicidade – reconstrução simbólica do muro. **Cidades, Comunidades e Territórios**, 26, jun., p. 89 – 99, 2013.

WEBER. M. A objetividade do Conhecimento nas Ciências e Políticas Sociais. *In*: **Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**: O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.